

O assentamento Avieiro da Palhota: caracterização do património vernacular

Sérgio Caetano Martins Marafona

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA

À FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM

Arquitectura

Este documento não segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. As referências bibliográficas estão de acordo com a Norma Portuguesa 405, sistema (autor, data). As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução livre pelo autor.

Siglas e acrónimos:

ASF-P.: Architectos Sem Fronteiras - Portugal

IPS.: Instituto Politécnico de Santarém

FAUP.: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Prova de Dissertação de Mestrado elaborada sob orientação da
Professora Doutora Clara Pimenta do Vale

Agradecimentos

A elaboração desta dissertação não teria sido possível sem o contributo de várias pessoas, que, desde logo, foram essenciais pela partilha de informações, conhecimento e experiências pessoais. Gostaria de expressar os meus agradecimentos:

À professora orientadora, Prof. Doutora Clara Pimenta do Vale, pela disponibilidade, apoio e instrução durante todo o processo da elaboração da dissertação.

Ao Dr. João Serrano, Dra. Maria de Lurdes Véstia e ao Instituto Politécnico de Santarém, pela simpatia, receptividade e auxílio em Santarém.

Aos Arquitectos Sem Fronteiras (ASF-P), em especial à Prof. Doutora Lúcia Nunes e ao Arquitecto João Palla, pela ajuda e materiais fornecidos que foram essenciais à elaboração deste documento.

Aos professores.

Ao Sr. Humberto Vasconcelos, à Sra. Isabel Vasconcelos e ao Sr. Pedro Santos, pela criação e apoio da Associação de Defesa Ambiental - “Palhota Viva”.

À Arquitecta Vânia Teles Loureiro, Arquitecta Joana Orêncio e Arquitecto Gonçalo Jorge pela ajuda providenciada no arranque deste estudo.

À comunidade Avieira (desaparecidos e descendentes), à Dona Ana e ao Sr. João Magalhães, pela receptividade, ajuda e simpatia.

Aos meus pais e aos meus irmãos por todo o apoio e compreensão ao longo do meu percurso académico.

Aos amigos.

À Margarida Ferreira da Mota Freitas, por tudo.

Obrigado.

Resumo

O estudo que se propõe é dedicado à arquitectura vernácula, tendo como objecto-base a Cultura Avieira. A análise e interpretação das características, descrição e circunstâncias na qual se insere o objecto em estudo são os principais objectivos deste trabalho.

O seu desenvolvimento tem como objecto principal o assentamento Avieiro e palafítico da Palhota, cuja construção se terá iniciado em inícios do século XX.

À procura de melhores condições de vida, os Avieiros, vindos da Praia da Vieira, migraram para as margens do rio Tejo. Influenciados por outras construções palafitas, adaptaram-se às condicionantes, construindo como sabiam e com os recursos disponíveis.

A escolha deste objecto deve-se à intenção de registo e preservação de uma cultura, nomeadamente construtiva, que se encontra em declínio. Corresponde a um tipo de arquitectura de características regionais, marcada por tempos e particularidades socioeconómicas de um país rural, que hoje em dia faz parte de uma sociedade global que deve atender à preservação deste património cultural. A falta de condições para sobrevivência dos moradores e também de sensibilidade no desenho da gestão do território por parte das autoridades competentes, levou ao despovoamento de muitas aldeias Avieiras, inclusive a aldeia estudada.

A preservação passa por um trabalho de registo e caracterização das vinte e quatro construções ainda existentes na aldeia da Palhota, compostas por vários e diferentes elementos construtivos e definidores da sua imagem. A diversidade é uma característica fundamental da aldeia.

Este património pertencente a uma cultura marcada pela sua capacidade de conhecimento do meio natural e tem a sua memória inscrita no território. Para a preservar, é fundamental salvaguardar este património através de novos e ajustados programas contemporâneos.

Abstract

The following study is devoted to the vernacular architecture of the *Avieira* culture. The analysis and interpretation of the characteristics, circumstances and surroundings in which the study-object is placed are the main focus of this investigation.

The principle focus of this case study is the palafitic *Avieiro* settlement, whose construction began in the early twentieth century.

Looking for better living conditions, the *Avieiros*, coming from *Praia da Vieira*, migrated to the banks of the Tagus river. Influenced by other palafitic constructions, they adapted to the conditions and built with the available resources.

The subject's choice is due to the intention of recording and preserving a culture that is disappearing. It's a type of architecture with regional characteristics, marked by the time and socio-economic characteristics of a country that used to be mostly rural but today is part of a global world. This country must preserve its cultural heritage. The lack of survivable conditions and a lack of sensitivity in the design of the territory by the competent authorities led to the depopulation of many *Avieiro* settlements, including the one studied.

This work consists of the registration and characterization of twenty-four buildings that still exist in *Palhota*. These are composed of various and different construction elements that define the overall image of the settlement. Diversity is a key characteristic of this place.

This culture is known for its knowledge of the natural environment and its memory has marked this territory. In order to protect it, it is essential to create and add new contemporary adjusted uses to the settlements.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1 - VERNACULAR	
1.1. O conceito	15
1.2. Preservação e evolução do objecto vernacular	16
1.3. Despovoamento e exclusão regional	19
1.4. A classificação dos Palheiros	21
Capítulo 2 - A CULTURA AVIEIRA	
2.1. O Território	
2.1.1. Assentamentos	22
2.2.2. O assentamento Avieiro da Palhota	28
2.3. A Casa	37
2.4. Cronologia	41
2.4.1. A fotografia como registo temporal	43
Capítulo 3 - REGISTO E CARACTERIZAÇÃO	
3.1. As construções da Palhota	47
3.1.1. Quadro síntese das construções da aldeia	50
3.1.1.1. As habitações 2,3,4,5 e 6	62
3.2. Os detalhes construtivos “tipo” e sua distribuição quantitativa	68
3.2.1. Sobrados	69
3.2.2. Paredes exteriores - estrutura	70
3.2.2.1. Paredes exteriores - revestimento interior	73
3.2.2.2. Paredes exteriores - revestimento exterior	75
3.2.3. Cobertura - estrutura	79
3.2.3.1. Cobertura - revestimento	81
3.2.3.2. Cobertura - beiral	82
3.2.4. Paredes interiores	85
3.2.5. Pavimento interior	86
3.2.6. Varanda - estrutura do pavimento	88
3.2.6.1. Varanda - estrutura dos apoios da cobertura	91
3.2.6.2. Varanda - anteparos	93
3.2.6.3. Varanda - revestimento da cobertura	95
3.2.7. Fundações	97
3.2.8. Caixilhos - portas	101

3.2.8.1. Caixilhos - janelas	105
3.2.9. Outros - chaminé e muros	107
3.2.10. Síntese dos pormenores mais presentes	108
3.3. Mapa de texturas	110
3.4. Composição de alçados	112
Capítulo 4 - MODELO CONSTRUTIVO	
4.1. Desenhar a partir das premissas estudadas	114
Considerações finais	121
Referências bibliográficas	125
Créditos das imagens	131

INTRODUÇÃO

Enquadramento

O presente tema surge na sequência de um interesse pessoal por arquitectura vernácula. A prática da arquitectura pode aparecer como uma ferramenta de carácter interventivo, construir projectos com carácter eminentemente utilitário e realmente contribuir para interceder em situações adversas e de calamidade mas também ajudar a preservar e reabilitar tradições. No caso presente da arquitectura Avieira, a escolha decorre da participação da associação Arquitectos Sem Fronteiras Portugal - *“sem fins lucrativos e de apoio voluntário, que visa colaborar com comunidades desfavorecidas no âmbito específico da arquitectura e urbanismo”* (ASF-P, 2000) - num processo mais amplo de candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional Imaterial e da UNESCO. *“A ideia de projecto germinou a partir de uma ideia simples de investigação tomada por dois estudiosos das raízes tradicionais (...) em meados do ano de 2005. (...) De um estudo simples (...) o trabalho evoluiu para criar um projecto visando tentar revelar ao País a verdadeira importância da cultura Avieira enquanto factor identitário de uma região e de uma nação. (...) Este foi formalmente iniciado em 30 de Junho de 2007 (...) emergiu a necessidade, no início de 2008, (...) de ter em conta a dinâmica gerada pelo processo de candidatura a Património Nacional Imaterial, para conjugar com o importante aspecto da cultura material (...)”* (INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM, s.d.)

O conceito de cultura deverá ser entendido no sentido de tradição, complexidade e conjunto de factores que definem e criam uma comunidade, uma dimensão social (os Avieiros) e espaços físicos (as aldeias). Pretende-se assim caracterizar este território, registar o existente e também equacionar modos de preservação de uma cultura, designadamente construtiva, que se encontra em declínio.

Os Avieiros são originalmente um povo migratório que se instalou nas margens do Rio Tejo e Sado, abandonando o mar de Vieira de Leiria e procurando nos rios as condições de sobrevivência que a natureza lhes negara no oceano nos meses de Inverno, criando, assim, as várias aldeias nos vales dos rios e as suas relações de simbiose com os barcos e a pesca. A actividade piscatória, por vínculos e conhecimentos

personais (actividade de família), foi também motivação adicional para a escolha do tema dos Avieiros.

A capacidade de adaptação às condicionantes por parte dos Avieiros, e o seu peso histórico, aliados à qualidade arquitectónica e plástica das suas aldeias palafitas, materiais e localização, torna a reabilitação do património físico uma urgência e também atractivo para uma eventual dinamização turística e revitalização programática. O tempo e permanência desta cultura estará dependente da vontade dos próprios proprietários e gerações de Avieiros, das autoridades nos municípios mas também, da importância reconhecida de um povo.

Objectivos

A ideia foi conhecer e perceber a aldeia através do levantamento no local, dos escritos e relatos da própria cultura, dados históricos e contemporâneos. Pretendeu-se o entendimento geral da cultura Avieira e das suas localizações geográficas: de modo histórico e actual.

O presente trabalho, depois da avaliação do objecto-base (a cultura e as aldeias), tinha como objectivo inicial demonstrar a reabilitação do objecto de estudo (aldeia e/ou construção escolhida(s)), no entanto, ao longo da execução do mesmo, verificou-se que o objecto escolhido era complexo, heterogéneo e extenso, pelo que, e dado que o registo da aldeia é um contributo documental, foi feito um redireccionamento do foco de trabalho no sentido da caracterização do assentamento escolhido.

Foi objectivo elaborar um inventário caracterizador da aldeia escolhida, - A Palhota - enumerando as suas características construtivas, qualidades arquitectónicas e organização espacial. Para isto também foi necessário perceber a aldeia no contexto do território alargado, a sua integração no Plano Director Municipal e as ligações às principais vias e cidades. Foi também relevante perceber a relação existente entre a habitação, as embarcações dos habitantes e cais, isto é, analisar a sua organização interna, o tipo de materiais utilizados e outros elementos caracterizadores como a cor ou a decoração.

Pretende-se que este trabalho corresponda a mais uma contribuição de um estudo sobre a Cultura Avieira para os Avieiros.

Método

Sendo imperativo como primeira etapa a visita às várias aldeias Avieiras e outras piscatórias, foi também importante o apoio das várias entidades e pessoas (o IPS, as pessoas envolvidas na organização da candidatura a Património Imaterial Nacional e da UNESCO, os ASF-P, entre outros) que foram imprescindíveis na obtenção de material de auxílio para a elaboração do conteúdo da dissertação. Este conteúdo foi obtido através da consulta de documentos escritos e gráficos (estudo e selecção de informação): dados históricos, sociológicos, geográficos, construtivos, de arquitectura, e por entrevistas e reuniões. Foi também essencial recorrer a fontes documentais: o Plano Director Municipal, os levantamentos camarários, e as imagens de satélite. Foram também consultadas provas finais/dissertações de anos lectivos anteriores com temas idênticos, dentro da mesma área, no sentido obter mais informações gerais sobre todas as aldeias e de evitar a sobreposição de estudos e formas de abordagem sobre um mesmo espaço.

A primeira etapa tratou-se de um período de recolha de informações, elaboração de premissas e contextualização do tema, sendo que, parte deste trabalho foi simultâneo com as restantes fases. Nesta fase pretendeu-se entender o conceito de arquitectura vernacular enquanto se descobria a Cultura Avieira. A segunda etapa foi caracterizada pelo trabalho de campo, para assim identificar e caracterizar os assentamentos e as construções Avieiras. Foram efectuadas deslocações e visitas aos terrenos e aldeias para assim realizar os levantamentos, desenhos, entrevistas e o registo fotográfico. Este material serviu para construir registos documentais, entender o objecto-base, e assim servir de apoio e fundação à terceira fase. A terceira fase consistiu na elaboração de uma proposta de um modelo construtivo Avieiro, tendo como base a compilação ponderada de todos os elementos que a constitui. Este é um trabalho que se apoiou no método de projecto, nos dados recolhidos, e nas directrizes das cartas de reabilitação do património vernacular.

CAPÍTULO 1 - VERNACULAR

1.1. O conceito

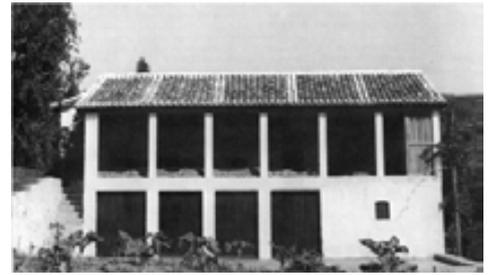
“Diz-se arquitectura vernácula aquela que representa com pureza a tradição de um país. (...) podem ser usadas expressões como arquitectura vernácula ou vernaculidade.” (SOUSA et al., 2009 [1990])

A vernaculidade, aplicada à área científica relevante neste trabalho, corresponde a um tipo de arquitectura que usa os recursos locais, desenvolvendo, assim, características regionais e atribuindo a cada região o seu “vernáculo”. Esta distinção geográfica, as diferentes culturas, materiais construtivos e as possibilidades económicas dos proprietários, condicionam a composição arquitectónica destes objectos muitas vezes construídos pelos próprios moradores e comunidade. As actividades económicas, hábitos e a tradição legada dos seus ascendentes, influenciam também as formas no espaço e o formato da construção [1].

“Reconhecido como uma criação característica e genuína da sociedade, manifesta-se de forma aparentemente irregular, embora possua uma lógica própria. É utilitário e, ao mesmo tempo, interessante e belo. Reflecte a vida contemporânea e é, simultaneamente, um testemunho da História da sociedade. Apesar de ser obra do Homem, é também uma criação do tempo. (...) O património construído vernáculo é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo.” (CIAV, 1999a)

A casa vernacular é mais do que o objecto ou o seu conjunto de espaços, é também uma tradição, geralmente parte integrante de um espaço com um carácter de colectividade forte que, de geração em geração, marca a sua presença na comunidade que a habita.

Várias comunidades ligadas a actividades como a agricultura ou a pesca, e também com reduzidas possibilidades económicas e sem acesso à tecnologia construtiva, ergueram pelas próprias mãos as suas povoações e espaços de apoio às suas actividades. No caso Avieiro, as habitações foram adaptadas à actividade da comunidade, às cheias do rio Tejo e às possibilidades económicas dos moradores.



[1a]. Anta S. Paio, Guimarães – casa de lavoura.



[1b]. Espigueiro, Lindoso.



[1c]. Praia da Vieira, Marinha Grande.

1.2. Preservação e a evolução do objecto vernacular

“Art.3º - A conservação e restauro dos monumentos visam salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico.”
(CONSELHO DA EUROPA, 1964)

A protecção de uma tradição é essencial para a compreensão do passado. Por outro lado, o entendimento de valores outrora válidos e praticados traduz-se em aprendizagem e progressos contemporâneos. Os modelos do passado são as fontes de conhecimento do futuro.

“4. O objectivo primário da preservação e da conservação é a manutenção da autenticidade histórica e da integridade do património cultural. Cada intervenção deve, portanto, ser baseada em estudos e avaliações adequados. Os problemas devem ser resolvidos de acordo com condições e necessidades relevantes, com o devido respeito pelos valores estético e histórico, e pela integridade física da estrutura ou do sítio histórico.” (CIAV, 1999b)

A boa integridade das construções a preservar é inversamente proporcional ao tempo. A deterioração, abandono e alteração dos objectos arquitectónicos vernaculares é um processo relativamente fugaz. O período no qual deve ocorrer a preservação poderá ser cronologicamente paralelo com a modificação e evolução das construções, o que desvirtua o carácter original do objecto.

A autenticidade do carácter da construção nem sempre é compatível com o processo evolutivo do património vernacular, porém, as alterações por parte dos utilizadores são parte da construção actual e por isso são parte integrante do objecto a conservar, pois *“(…) Resulta de um processo evolutivo que inclui, necessariamente, alterações e uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais.”* (CIAV, 1999a). Por isso, *“(…) a sujeição de todos os elementos de uma edificação a um período histórico único não deve constituir, normalmente, o objectivo das intervenções no património vernáculo.”* (CIAV, 1999a). No entanto, apesar das alterações nas construções ao longo dos tempos serem fruto das necessidades dos seus utilizadores, sabe-se que estas alterações para além de retirarem

o carácter primitivo e original das construções por se socorrem do imaginário dos utilizadores [2], também poderão não ser as alterações mais apropriadas para garantir o conforto dos seus habitantes e durabilidade do objecto arquitectónico.

“(...) ter em consideração as várias espécies e qualidades de madeira usadas para as construir; reconhecer a vulnerabilidade das estruturas totalmente, ou parcialmente, construídas em madeira, conseqüente da degradação própria do material e da degradação por condições ambientais e climáticas variáveis, provocada pelas flutuações da humidade, pela luz, pelos ataques por fungos e por insectos, pelas cargas e pelas acções mecânicas, pelo fogo ou por outros desastres;” (CIAV, 1999b)

É importante desenvolver *“(...) programas de formação para apoiar as comunidades a preservar os métodos e os materiais tradicionais de construção, bem como as respectivas técnicas e ofícios;”* (CIAV, 1999a) para então seguirem um processo evolutivo que não remova totalmente o espírito, imagem e carácter das construções originais [3].

No caso do objecto de estudo, as alterações não ocorreram apenas a nível ligeiro. As habitações que mantiveram o “tipo arquitectónico” foram alvo de alterações como a substituição do tabuado de madeira pelo contraplacado, a remoção da chaminé, e o encerramento do espaço debaixo da habitação. Estas modificações foram resultado da facilidade de colocação dos novos materiais, do esquecimento de antigas técnicas e dos preços relativos dos materiais e mão de obra. As habitações que desvirtuaram completamente o “tipo arquitectónico” original foram as que sofreram alterações mais profundas tais como a perda da elevação da construção para com o solo, a total substituição da madeira por alvenaria e outros materiais, e a mudança radical na distribuição de espaços. A tradição construtiva não acompanhou o desenvolvimento do “tipo arquitectónico” original, dando origem a um novo “tipo”, com características diferentes.

“A Tradição admite a mudança, embora esta não seja radical



[2]. Construção sobre o solo, Palhota.



[3a]. Caneiras – A betoneira entre a construção de tijolo de cimento à esquerda, e a casa Avieira (também já distante do seu “tipo” primitivo) sobre pilares à direita; rio Tejo ao fundo.



[3b]. Construção em alvenaria revestida a tabuado de madeira, Caneiras.

porque o espaço físico e intelectual onde é produzida é (de)limitado. Deste modo não é produzida uma cisão evidente com os valores preestabelecidos, mas quando a mudança ocorre (induzida pela necessidade) é incorporada dentro dos valores vigentes, ao invés de os substituir. Não existe a vontade imanente de manter algo estabelecido, apenas um conhecimento que evolui de acordo com o limite físico e intelectual imposto. Assim sendo, Tradição é um adjectivo qualitativo do tipo de relações que se estabelecem entre o saber vigente e o sugerido pela necessidade. Os valores do Tipo que permanecem são aqueles que ainda são pertinentes, no sentido em que a sua utilidade não é posta em causa; os que são substituídos são aqueles que já não correspondem às novas necessidades físicas, mas também sociológicas.” (BARATA, 1999)

Em suma, na Palhota existem pelo menos dois “tipos arquitectónicos”. A tradição construtiva manteve-se no “tipo” original preservando-o, e criou também pelo menos um outro novo “tipo”. A tradição admite evolução, no entanto, o “tipo” primitivo é o património com maior interesse neste estudo.

1.3. Despovoamento e exclusão regional

“1.º O património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído.” (CONSELHO DA EUROPA, 1975)

É pertinente realçar a importância dos objectos arquitectónicos, culturas e comunidades que não estão sob os olhares atentos e turísticos nas zonas urbanas. Por desatenção, falta de possibilidades económicas, ou simplesmente por indiferença, a inércia, a falta de apoios e facilidades, fazem com que os habitantes percam o interesse e abandonem as origens na procura de melhores condições de habitabilidade.

“6.º Este património está em perigo. Ele está ameaçado pela ignorância, pela vetustez, pela degradação sob todas as suas formas, pelo abandono.” (CONSELHO DA EUROPA, 1975)

No caso dos Avieiros, a não consideração das aldeias como “caso especial” nos regulamentos de gestão de território, aliada à decrescente habitabilidade dos edifícios e crescente número de construções devolutas, conduziu este património cultural à desertificação. Os Avieiros migraram outra vez.

“(…) as estruturas vernáculas são, em todo mundo, extremamente vulneráveis, porque se confrontam com graves problemas de obsolescência, de equilíbrio interno e de integração.” (CIAV, 1999a)

O fenómeno da desertificação rural na aldeia da Palhota foi um processo gradual. Alguns dos filhos, mas sobretudo os netos dos originais Avieiros não quiseram sujeitar-se às condições económicas e limitações sazonais que a arte da pesca xávega lhes oferecia. Segundo José Vicente Lopes, habitante da Palhota, no início do século XX, o número de habitantes poderá ter rondado setenta a cem pessoas (ALVES et al., 2006). A partir dos anos oitenta, a população da Palhota

foi proporcional ao desaparecimento dos habitantes mais antigos da aldeia. Em 2001 apenas viviam na Palhota cinco habitantes (CÂMARA MUNICIPAL DO CARTAXO, 2001), e em 2006 já apenas restavam três (ALVES et al., 2006). Os filhos e netos dos Avieiros optaram por imigrar ou dedicar-se quase exclusivamente à agricultura noutros terrenos. Hoje em dia encontramos uma aldeia praticamente deserta, apenas com dois habitantes permanentes.

1.4. A classificação dos Palheiros

Os Etnólogos E. Veiga de Oliveira e F. Galhano, na obra de 1964 - “Palheiros do Litoral Central Português”, apontaram homogeneidade nas construções de Palheiros entre Espinho e a Praia de Vieira. O estudo demonstrou particularidades comuns nos Palheiros entre localidades próximas. Desta forma foi estabelecida por eles uma classificação das construções, que relaciona aspectos da composição das Palhotas com a sua localização no país.

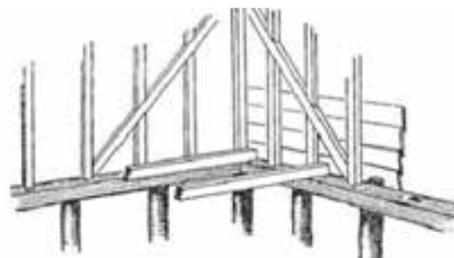
Distinguiram cinco tipos de Palheiros:

1. “Palheiros do sistema de pau-a-pique, revestidos até ao solo”, designados por “Tipo do Furadouro” [4a];
2. “Palheiros do sistema de estacaria independente, com grade”, chamados de “Tipo de Mira” [4b];
3. “Palheiros do Sistema de Pau-a-Pique, de aspecto palafítico ou revestidos até ao solo”, designados de “Tipo de Vieira” [4c];
4. “Palheiros de aspecto palafítico, sobre estacaria, do sistema de vigas” chamados de “Tipo de Esmoriz” [4d];
5. “Palheiros sobre muros”.

Os Palheiros, para além de servirem de habitação, foram originalmente construídos para apoiar actividades como a agricultura, a pastorícia, a pesca e até o turismo. No caso Avieiro ocorreu uma progressiva evolução desde o abrigo móvel (a batela) para a cabana temporária, e só depois optaram pelo Palheiro permanente. Na Palhota inicialmente os Palheiros seriam do “Tipo de Vieira” mas foram sofrendo alterações adoptando um sistema de vigas em vez do sistema pau-a-pique, aproximando-se assim da solução do “Tipo de Esmoriz”.



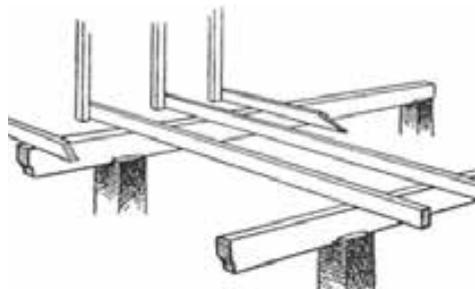
[4a]. Estrutura de um palheiro do “Tipo do Furadouro”.



[4b]. Estrutura de um palheiro do “Tipo de Mira”.



[4c]. Estrutura de um palheiro do “Tipo de Vieira”.



[4d]. Estrutura de um palheiro do “Tipo de Esmoriz”.

CAPÍTULO 2 - A CULTURA AVIEIRA

2.1. O Território

2.1.1. Assentamentos



[5b]. Palheiros da Praia da Vieira.

A cultura Avieira surgiu pela comunidade de pescadores originários da Praia de Vieira de Leiria, os mesmos que, no início do século XX, iniciaram um processo migratório que os transferiu da Praia de Vieira de Leiria para as margens do Tejo, desde Sacavém até Abrantes [5].



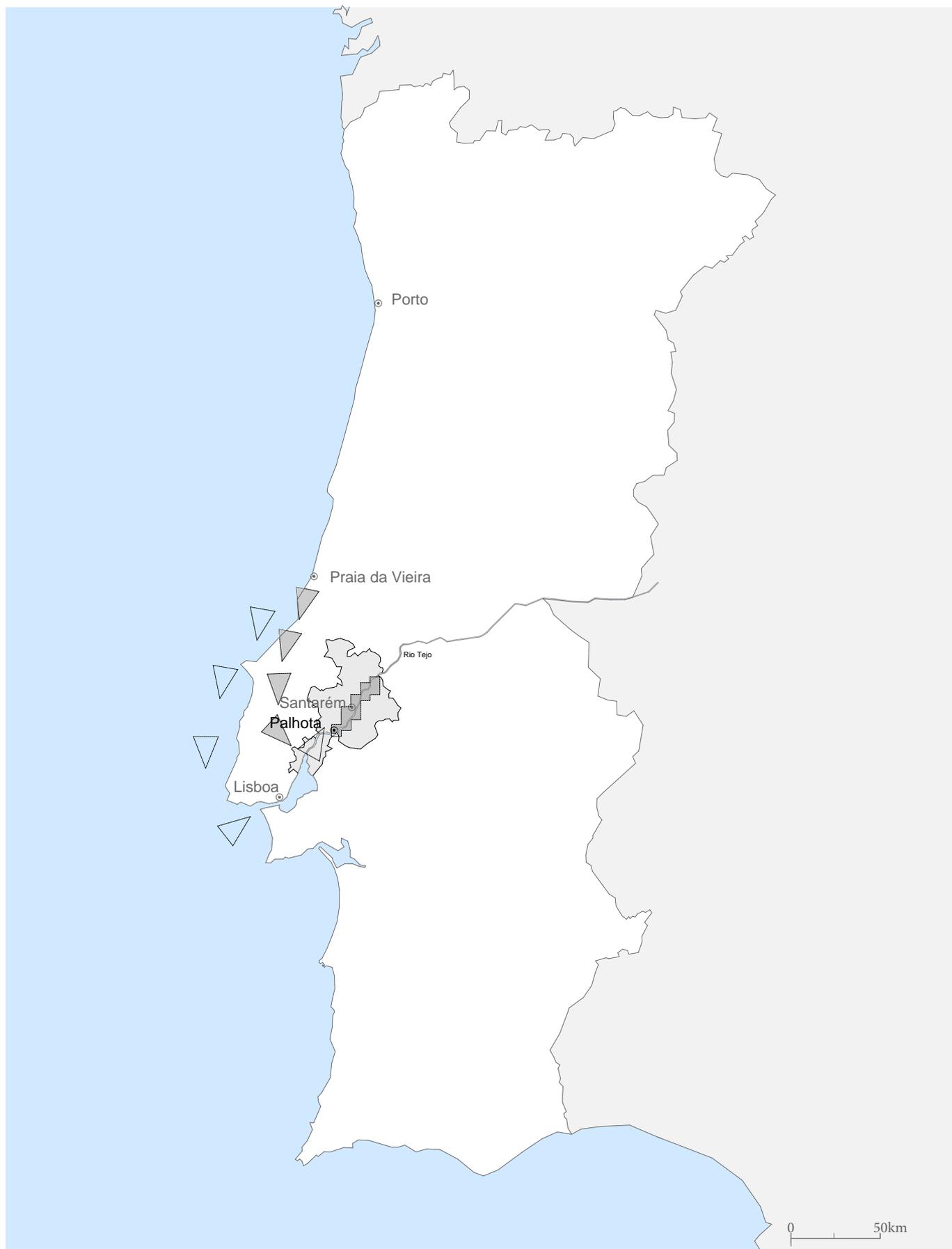
[6]. Pescadora Avieira a bordo de uma bateira.

Nota: “as bateiras pertencem ao reino dos “engenhos de navegar”, à divisão “barcos”, à classe “de esqueleto”, à ordem “fundo chato”, à família “duas proas”, ao género “proa e cadaste curvos”.” (CARVALHO, 2011)

“(…) Destes povoados piscatórios ao sul do Vouga se criou uma corrente migratória interna e periódica – os caramelos do Mondego e os Avieiros da Vieira –, que nas épocas mortas da safra vão trabalhar nas valas e arrozais do Sado e na pesca e transportes do Tejo.” (OLIVEIRA e GALHANO, 1994)

“Avieiros” foi o nome que lhes foi dado por quem já próximo das margens do rio Tejo morava. “Vinham pressionados pela aspereza do mar no Inverno, que não lhes permitia o exercício da Xávega, ou modo de pesca de cerco e de arrasto para terra. As condições eram tão más que decidiram aproveitar as migrações fluviais do sável, ocorridas nos meses de Novembro a Março, em que por coincidência a pesca oceânica costeira era impraticável. De tal forma, que no Verão praticavam a Xávega na Praia de Vieira e no Inverno a praticavam no Tejo, iniciando assim um vai-e-vem permanente até terem criado condições para a sua fixação definitiva nas margens do rio.” (SERRANO, 2013) Trata-se de um povo tendencialmente em mudança, nómada, em busca de algo melhor, com vontade de criar uma morada e à procura de estabilidade. Aliada a esta vontade de sedentarização, a migração - o constante vai-e-vem entre o Tejo e a Praia de Vieira - não seria um processo barato. “As maiores movimentações terão ocorrido entre 1919 e 1939. Durante décadas esta gente dividiu a sua vida entre o verão em Vieira e o inverno no Tejo, entre a arte xávega da sardinha e a arte varina do sável” (IPS, s.d.)

À deriva nas suas bateiras [6], em pequenas tendas e toldos, viviam, trabalhavam e habitavam os Avieiros até construírem as suas primeiras habitações à borda-d’água – as barracas de caniços ou lona. “Neste período é a vida no rio. O barco é a casa, ali



[5a]. Mapa-esquema da deslocação (por terra ou por mar) dos pescadores da Praia da Vieira para as margens do rio Tejo; base: Google Maps. | ⓘ



[7a]. Duas bateiras com toldo à proa.



[7b]. A bateira como abrigo.

se dorme, se cozinha, se fazem os filhos. (...)“ (DOMINGOS e FERRÃO, 2010) [7]. Diz-se que existiriam pelo menos doze diferentes tipos de bateiras, “(...) *De dimensão algo maior que as embarcações locais, de construção mais resistente e com as extremidades levantadas em bico (...)* não ultrapassariam habitualmente, nessa época, os 6,5 metros de comprimento” (GASPAR, 2013)

As habitações, que construídas pelos próprios e construídas em terrenos alheios por vezes cedidos pelos proprietários, evoluíram e valeram-se da estrutura palafita “*do tipo da de Vieira*” (OLIVEIRA e GALHANO, 1964). Recorreram às mestrias já anteriormente postas em prática noutros areais, nos quais construíram os seus lares, os denominados “Palheiros”, casas construídas em madeira e também assentes em estacarias para procurar evitar a formação de dunas sobre a habitação. No caso Avieiro, a estacaria palafita servia para evitar as inundações quando o nível da água do rio Tejo subisse – aqui lhes chamavam palhotas, ou palheiros. A qualidade construtiva destas habitações foi um processo evolutivo – inicialmente as construções eram barracas de lona ou coberturas de “*caniço entrelaçado que formava uma estrutura autoportante que assentava sobre um estrado de madeira, por sua vez assente sobre estacas de madeira cravadas no lodo*” (PEREIRA et al., 1980 [1961]; OLIVEIRA et al., 1988). Sempre que as suas economias o permitiam, adquiriam madeira, comprando por vezes uma tábuia por semana e aos poucos iam edificando a sua habitação, transformando-a no Palheiro.

Palhota, a palhota, os Avieiros, povoadores das margens do Tejo, da foz até Abrantes, estabeleceram-se em aldeias – sem grandes preocupações por normas, titulares de propriedades ou regulamentos municipais - próximas de povoados, aproveitando para aí vender o pescado e para se abastecer de alimentos e de roupas. Assim, nas localizações mais favoráveis do rio, surgem as palhotas e erguem-se os vários assentamentos Avieiros, em ambas as margens [8, 9].

Hoje em dia já ninguém vive exclusivamente da pesca e os períodos de maior actividade nas aldeias são entre quinze de Janeiro e quinze de Abril, época da pesca da lampreia, e entre Março e Maio, época da pesca do sável.



[8]. Plantas de localização dos vários assentamentos Aveiros visitados pelo autor: Porto de Palha, Palhota, Escaroupim, Caneiras, Barreiras da Bica e Patação; destaca-se o objecto de estudo, a Palhota; escalas aproximadas (de cima para baixo): 1/3000; 1/55000; 1/15000; base: CULT e ASF-P. | Ⓞ



[10]. Patação de Cima.



[9a]. Localização de assentamentos com vestígios Avieiros (pinos verdes): Patação de Cima [10], Barreiras da Bica, e Torrinha; sem escala; base: Google Maps e ASF-P. | 



[11]. Caneiras.



[9b]. Localização de assentamentos com vestígios Avieiros (pinos verdes): Caneiras [11], Vale Tijolos, Cucos, e Faias; sem escala; base: Google Maps e ASF-P. | 



[12]. Escaroupim.

[9c]. Localização de assentamentos com vestígios Avieiros (pinos verdes): Escaroupim [12], Porto de Palha, e Boca da Vala; sem escala; base: Google Maps e ASF-P. | Ⓞ



[13]. Cais da Carrasqueira.

[9d]. Localização de assentamentos com vestígios Avieiros (pinos verdes): Carrasqueira [13]; sem escala; base: Google Maps e ASF-P. | Ⓞ

2.2.2. O assentamento Avieiro da Palhota

É na margem direita do rio Tejo, entre Vila Franca de Xira e Santarém que se encontra a Palhota, uma aldeia pertencente à freguesia de Valada no concelho do Cartaxo.

O instrumento de Gestão Territorial (IGT) em vigor na aldeia Avieira da Palhota é o Plano Director Municipal do Cartaxo (CM DO CARTAXO, 1998). Este Plano é composto por um regulamento e peças desenhadas que são parte de um processo contínuo e permanente de planeamento urbanístico que define as regras de ocupação, uso e transformação do solo.

Como pode ser confirmado na “*Planta de condicionantes — servidões e restrições de utilidade Pública*” do PDMC [14], a área da aldeia da Palhota é considerada uma “*Reserva Ecológica Nacional*”. Na “*Planta de ordenamento*” deste mesmo Plano [15] também se encontra a área da aldeia designada como “*Espaço Florestal – Área Florestal de produção – Montado de sobro*”. Esta área é ainda reconhecida como uma “*área abrangida pelas cheias*” e “*área de máxima infiltração*” na “*Planta de condicionantes R.E.N*” do PDMC [16].

Entre a população diz-se que “*os terrenos são da Câmara mas as casas são dos moradores*”.

“E os Avieiros sem casa vagabundos do rio, começaram a erguer por ali as suas barracas. Pequenas, talvez para que as não vissem; ou tímidas para que não as mandassem destruir. Ou pequenas e tímidas por causa dos materiais e das agruras do tempo. As primeiras apareceram à ilharga do rio e voltadas para o Norte; as que vieram depois foram dispostas lá atrás numa segunda linha e a aldeia ficou com uma rua estreita, de areia suja e erva rala, e outra larga, de água, mais larga e longa do que qualquer avenida de uma grande cidade, porque é o próprio Tejo.” (REDOL, 1942)

A actual aldeia da Palhota mantém algumas características originais da sua primeira implantação – o paralelismo e alinhamento das duas fileiras de habitações dispostas de frente para o rio e as adjacentes ruas também alinhadas com o Tejo. As habitações e anexos-cozinha construídos posteriormente



[14a]. Pormenor da Planta de condicionantes - servidões e restrições de utilidade Pública do Plano Director Municipal do Cartaxo. A Palhota é aqui considerada uma Reserva Ecológica Nacional; sem escala. | ⌚



[14b]. Planta de condicionantes - servidões e restrições de utilidade Pública do PDM do Cartaxo; sem escala; escala original: 1/100 000.



[15a]. Pormenor da Planta de ordenamento do Plano Director Municipal do Cartaxo. A área da Palhota é aqui designada de “Espaço Florestal - Área Florestal de produção - Montado de sobreiro”; sem escala. | ⌚



[15b]. Planta de ordenamento do PDM do Cartaxo; sem escala; escala original: 1/100 000.



[16a]. Pormenor da Planta de condicionantes R.E.N. Esta área é aqui reconhecida como “área abrangida pelas cheias” e “área de máxima infiltração”; sem escala. | ⌚



[16b]. Planta de condicionantes Reserva Ecológica Nacional do PDM do Cartaxo; sem escala; escala original: 1/100 000.

definem as ruas, os terrenos agrícolas confinantes, uma casa isolada a Norte e o Tejo definem os limites da aldeia. Trata-se de uma “*área com 0,09 km² e um perímetro de 1576,10m*” (CM do CARTAXO, 1998). Segundo as memórias dos actuais moradores, a Palhota seria muito maior para Poente [16a].

Em 1985, Maria Adelaide Neto Salvado, geógrafa e investigadora, publica em “Os Avieiros” a seguinte descrição: “*A aldeia é pequena. Possui dezanove casas, todas construídas sobre estacas e apenas uma, de caniço ao rés-do-chão, destoa do conjunto. Apesar dela, podemos chamar à Palhota a aldeia Avieira tipo. As casas estão dispostas de frente para o Tejo, num relativo alinhamento. Com excepção de uma, a norte, isolada das outras, e de quatro a Sul formando uma fila única, a concentração dispõe-se dum e doutro lado duma rua relativamente larga. Todas as casas são cobertas de telha e, com excepção de duas, todas possuem chaminés de alvenaria de sólida construção. As cozinhas anexas mal existem nesta aldeia. (...) Uma particularidade muito frequente nestas casas da Palhota consiste no facto das estacas sobre que assentam as casas serem rodeadas por tapumes de madeira, que isolam como que pequenas caves onde se guardam lenha e redes.*” O agrupamento de duas ou mais casas significava que estas pertenciam à mesma família ou a várias famílias com estreitas relações entre si.

Actualmente, na Palhota, podem encontrar-se elementos organizacionais e construtivos caracterizadores da comunidade, no entanto, apenas um pequeno núcleo central da aldeia constituído por cinco habitações manteve o carácter mais próximo do original. Nestas, os moradores optaram por encerrar totalmente ou parcialmente o espaço debaixo das habitações (com tapumes de madeira ou mesmo tijolo) para guardar utensílios de pesca e lenha. Nas restantes habitações os proprietários optaram por uma implantação térrea. Em frente às construções mais próximas do rio, encontram-se pequenas hortas e um espaço de convívio para os moradores junto à figueira.

Em suma, trata-se de um espaço definido por um conjunto de construções garridas, quatro ruas de terra e o cais. O seu acesso faz-se por Reguengo, entre o Carregado e o Cartaxo [17], e está rodeado por campos agrícolas e o Tejo [18]. A aldeia [19, 20, 21] recebe visitas esporádicas de turistas, e sazonalmente de pescadores.



[19a]. Imagem de satélite da Palhota; localização de fotografias, limites e principais acessos à aldeia; sem escala; base: Google Maps | ①

-  Principais acessos à aldeia (pelo cais; por Reguengo).
-  Limites do território da Palhota.
-  Numeração e localização das fotografias apresentadas em 19b, 19c e 19d; sentido geral da fotografia.



[19b]. Fotografias da Palhota relativas à imagem de localização 19a.



[19c]. Fotografias da Palhota relativas à imagem de localização 19a.



[19d]. Fotografias da Palhota relativas à imagem de localização 19a.



[20]. Cais da Palhota.



[21]. Vista de pássaro do assentamento e cais da Palhota. A relação da aldeia com o rio Tejo.

2.3. A Casa

Inicialmente o barco era a casa. Era junto à proa, num dos três pequenos espaços de diferentes funções dentro da bateira, que os Avieiros dormiam e se abrigavam. Nesta pequena área coberta era o espaço de dormir, seguindo-se, no centro, o local de preparação de refeições e logo depois, junto à ré, a área de trabalho. Algumas vezes chegavam a possuir dois barcos, um para pescar e outro para viver. Tal como nas habitações, a cor desempenhava um papel importante na composição da bateira. *“Inicialmente eram pintadas de breu, devido à importância deste material como isolante contra as infiltrações de água. Com a evolução das condições de vida e o aparecimento de materiais novos, as bateiras começam a surgir pintadas de várias cores. (...) As famílias decidem aplicar cores exteriores a condizer com as cores das suas habitações. Decidem também pintar o interior com cores diferentes, para identificar com clareza os espaços funcionais: - o quarto, a cozinha e a oficina têm todas cores diferentes.”* (SERRANO, 2013)

A casa Avieira tem origem numa construção feita pelas mãos dos próprios moradores e é o resultado de um processo evolutivo de reconstruções com o objectivo da melhoria das suas condições face às necessidades dos mesmos [22].

“As palhotas são todas iguais. Quatro prumos metidos no chão e varas de madeira a segurar o telhado coberto pelo carroicil das abertas, que é a melhor palha nascida na vegetação da Lezíria. O material das paredes vem da mesma origem. Apodrece depressa, mas depressa se refaz. E como o vento do norte sopra rijo e traz frio, os pescadores põem na parede desse lado latas velhas e pedaços de madeira que acham nos valados ou as enxurradas trazem no Inverno. Não espanta que pareçam vergonhosas de ali estarem; e acaçapam-se.” (REDOL, 1942)

Com recurso a materiais baratos, materiais presentes na área e por vezes materiais reciclados, a casa é maioritariamente constituída por madeira. Inicialmente as paredes seriam compostas por canas, palha, bunho e algumas tábuas de madeira (as barracas seriam mais palha e menos madeira), evoluindo depois para edifícios



[22]. Esquema evolutivo do abrigo Avieiro e respectivos intervalos de tempo (aproximados) da sua utilização.

também compostos por tábuas de madeira. *“No Tejo, o termo palhota, com que se designavam em alguns locais as habitações dos Avieiros, derivava do facto de se utilizar palha, ou colmo, para as coberturas, material abundante nos terrenos agrícolas da Borda d’Água tagana.”* (VÉSTIA, 2014) Depois apareceu o contraplacado para substituir as tábuas nas paredes, este, talvez por ser de mais cómoda e fácil aplicação, mais barato e pela *“(…) perda das competências e de conhecimentos sobre o projecto e sobre a tecnologia de construção tradicionais;”* (CIAV, 1999b), está agora presente em praticamente todas as superfícies da habitação Avieira que não tenha progredido para uma construção de alvenaria. Esta alteração para além de não ser apropriada, desvirtua a imagem original da casa Avieira. *“9. (...) Os novos membros, ou as novas partes, devem ser feitos com as mesmas espécies de madeira, com a mesma ou, se for apropriado, com ainda melhor qualidade do que os membros que estão a ser substituídos. Sempre que possível, isto também deve abranger características naturais semelhantes. O teor em humidade e as outras características físicas da madeira de substituição devem ser compatíveis com a estrutura existente. (...)”* (CIAV, 1999b).

A maioria destas habitações elevadas do solo, devolutas, já se encontra em avançado estado de degradação com várias patologias presentes nas várias componentes da casa. De pequenas dimensões, as habitações elevadas do chão, assentam em pilares de cimento, de tijolos com reboco, e até de betão armado. Originalmente as palafitas estavam apoiadas em troncos de árvores e/ou estacaria de madeira, no entanto, estes apoios já não fazem parte da composição da actual casa da Palhota. Ainda se podem encontrar alguns vestígios dos troncos de árvores.

A actual imagem de uma casa Avieira é de uma construção com um telhado de duas águas, formado por telha marselha, que cobre o espaço entre pelo menos quatro paredes coloridas. Apesar do código de cores ter-se desvirtuado ao longo dos tempos, a cor é uma característica importante na actual composição da imagem de uma casa e aldeia Avieira.

“(…) as casas foram inicialmente pintadas no exterior com um líquido apropriado para evitar a rápida corrosão da madeira devido à humidade do rio, o que lhes conferia um tom acastanhado,

igual para todas. Ao longo do tempo e com a melhoria das condições de vida, começaram a pintar as suas casas de cores vivas. Com este procedimento, ainda hoje corrente, as famílias diferenciaram-se uma das outras, de tal forma que não há duas pinturas exteriores iguais, identificando-se cada agregado pela cor própria da sua habitação. (...) Há um significado para a existência de uma paleta tão diversificada? Começam hoje a aparecer os resultados das investigações no terreno, sendo tidas em conta razões diferenciadas como as da melhoria das condições de vida, a afirmação da singularidade familiar, o estatuto no seio da comunidade, o amor-próprio, e até a vaidade, dentre outras. Tais constatações preliminares concordam com Raquel Soeiro de Brito (De Brito, [1960] 2009), quando estudou os Palheiros de Mira na década de 50 do século XX. De acordo com a investigadora, a cor «bordeux» de alguns palheiros denunciava o elevado estatuto social dos seus proprietários no seio da comunidade piscatória de Mira.” (SERRANO, 2013)

A imagem exterior da casa é ainda caracterizada pelos seus vãos e varanda. Na Palhota não parecem existir regras aparentes ou rígidas quanto o número ou posicionamento das janelas. Entre duas a quatro janelas, as suas dimensões variam até 80cm de altura e não menos de 30cm de largura, e são compostas por um a dois vidros em caixilho de madeira (com a excepção daquelas que já progrediram para o alumínio). O espaço de higiene é normalmente iluminado pela menor janela da construção, e a fachada principal tem sempre pelo menos uma janela próxima da porta. Esta porta, confinante à varanda, é o acesso principal à habitação. No lado apostado a esta fachada existe, regra geral, uma outra porta que serviria para ter acesso imediato à bateira em caso de cheias. Este acesso, devido à cota elevada em que se encontra, apenas está disponível durante as enchentes.

O acesso principal à habitação faz-se por escadas exteriores, originalmente de madeira, normalmente com sete a dez degraus, que se ligam às varandas. Apenas uma habitação da Palhota mantém as escadas em madeira.

As varandas, originalmente compostas por uma estrutura de madeira, são elementos que, actualmente, diferem entre si. Na



[23a]. Interior de uma habitação Avieira na Palhota (1964);



[23b]. Interior de uma habitação na Palhota (2014);

aldeia encontram-se varandas de vários tamanhos e construídas com diferentes materiais. Na varanda, encontra-se o acesso à casa de banho que não fazia parte do esquema original da casa Avieira. Estes são espaços pequenos e apresentam apenas o essencial da louça sanitária.

“Entra-se nelas de cabeça baixa como na vida. Na parede do fundo, no lado do poente, coloca-se a tarimba onde todos dormem. Ao cutelo se são muitos. Onde os pais amam e os filhos aprendem; onde os doentes se queixam, gemendo, e onde os sãos se queixam, calando. Bastam dois tijolos para se arranjar cozinha; chega o chão varrido para se ter assento e mesa. Aos cantos ou penduradas das varas que seguram o tecto, as artes da pesca: as nassas, os botirões e as tarrafas.”
(REDOL, 1942)

O interior da habitação [23], independentemente do número de habitantes, tem três a quatro espaços. A habitação normalmente possui entre 35m² a 40m², sendo que o seu espaço maior que tende entre 20m² a 25m², tem como principais funções ser um espaço de estar e até de trabalho. Esta área seria ainda um espaço para parte dos moradores dormirem quando os únicos dois quartos da casa não são suficientes para toda a família. Os quartos, que tendem entre 3,5m² e 4m², são divididos por paredes entre 1,83m a 1,90m de altura que não igualam ao pé direito do resto da habitação para assim criar um espaço de sótão onde se guardam mais utensílios de pesca. No espaço maior, normalmente encontra-se uma mesa, uma lareira ao centro ou ao canto feita de tijolos ou pedra, e compridos bancos e um ou mais armários. Apesar de este ser um espaço onde se poderiam realizar refeições, não é aqui que, por norma, estas seriam preparadas. O espaço de preparação de alimentos é um anexo também construído originalmente em madeira, exterior e adjacente à habitação. Este anexo geralmente tem entre 12m² e 19m², tem nenhuma ou até duas janelas, não possui chaminé e é coberto por telha marselha, placas onduladas de fibrocimento, ou telha de cimento.

2.4. Cronologia

1919	1939	1950	1964	1982	1998	2014
Ocorrem as maiores movimentações de Avieiros entre a Praia da Vieira e o rio Tejo.	As construções nas várias aldeias seriam de caniço ou lona. Viviam na Palhota entre setenta a cem pessoas.	1964: Publicação de “Palheiros do Litoral Central Português” de E. Veigas de Oliveira e F. Galhano.	1966: Inauguração da ponte sobre o Tejo (Ponte 25 de Abril), com o nome de Ponte Salazar.	A diminuição da população da Palhota foi proporcional ao desaparecimento dos habitantes mais antigos.	2001: Habitavam na Palhota cinco pessoas.	2006: Habitavam na Palhota três pessoas.
Surgem as implantações primitivas das várias aldeias Avieiras (incluindo a Palhota).	Para além das construções em caniço ou lona, aparecem as construções palafitas.		1967: Grandes cheias na Região de Lisboa.	1979: Maior nível de água das cheias na Palhota (1,74m).	1985: Publicação de “Os Avieiros” de Maria Adelaide Neto Salvado.	2014: Habitam na Palhota duas pessoas.
			1982: Publicação do documentário “Amanhã, talvez” de António Joaquim Gomes.	1987: Surge o projecto “Palhota Viva”, associação de defesa do Ambiente.	1998: É inaugurada a Ponte Vasco da Gama.	
			Aparecem o cimento, as construções em alvenaria, e o contraplacado nas várias construções da aldeia da Palhota.			

2



3



4



5



6



10



12



13



2.4.1. A fotografia como registo temporal

Tal como mencionado em 1.2, a construção Avieira foi também sofrendo alterações ao longo dos tempos. Nas páginas 42 e 44, é possível observar algumas fotografias das habitações Avieiras que, desde 1964 até aos presentes dias, foram alvo de várias modificações acabando por, em alguns casos, remover o carácter primitivo destas construções. As fotografias apresentadas estão limitadas às mesmas disponibilizadas pela Associação de Defesa Ambiental “Palhota Viva” [24] e por alguns moradores, pelo que, apenas se encontram mencionadas as habitações com pelo menos uma fotografia não actual. Cada habitação está numerada em conformidade com a planta da página 46.

Nas habitações 2 e 4 é possível fazer uma comparação entre estas habitações em 1964 e o presente. Estas habitações foram alvo de várias alterações visíveis, e como no caso da habitação 2, apenas foi possível a sua identificação nas fotografias mais antigas através de elementos como a chaminé ou as inalteradas proporções da construção. Nesta, as paredes deixaram de ser em tabuado, passando a ser revestidas por contraplacado e até reboco. O espaço entre fundações passou a ser fechado por paredes de alvenaria, fazendo-se a entrada para este pelo alçado Poente. A casa passou a tons de azul e a varanda foi modificada e coberta, tendo inclusivamente sido mudada a direcção das escadas de acesso à porta de entrada. Apenas mais tarde, como em todas as casas Avieiras, apareceu o espaço de higiene junto à varanda. Nesta fotografia da habitação 2, é ainda possível ver um pouco da construção 3 e 4.

Na cozinha 3 é notória a diferença entre um espaço em uso e um espaço devoluto. Para além do bom estado da pintura na imagem da esquerda, estão presentes várias mesas exteriores que serviriam de apoio a esta cozinha, e, para além disso, podemos também observar uma videira.

Na habitação 4, tal como já referido, está disponível uma foto de 1964. Consegue-se identificar que se trata da mesma habitação através das fundações, proporções da construção, posicionamento da porta de entrada, e pelas duas chaminés das habitações 5 (que já foi eliminada) e 6. A habitação 4 foi alvo da alteração do tabuado pintado

[24]. Nota: “O Projecto Palhota Viva está inscrito desde 1993 no Registo Nacional das Associações de Defesa do Ambiente do Ministério do Ambiente (Instituto do Ambiente). A pedido do Projecto Palhota Viva, em 1988 e sob proposta da Câmara Municipal do Cartaxo, a aldeia da Palhota foi classificada por voto unânime da Assembleia Municipal, como «Património de Interesse Regional».” (ASSOCIAÇÃO DE DEFESA AMBIENTAL “PALHOTA VIVA”, s.d.)

14



16



19



22



por contraplacado, e foram também substituídas as fundações compostas por troncos de árvores e estacas de madeira por fundações de alvenaria, pedra e betão. Ainda está presente um destes troncos de árvore, embora sem importância estrutural, sendo o pormenor correspondente ao da página 94. As cores do revestimento exterior sofreram também alterações, passando de tons de verde para tons azulados.

Na habitação 5, o desaparecimento da cor verde no alçado Norte e da estrutura da varanda, indicia o seu estado devoluto.

A habitação 6 corresponde a uma reabilitação efectuada pela “Palhota Viva”. É uma habitação revestida a tabuado de madeira que sofreu várias alterações, sendo a mais flagrante a nova composição da varanda, a diferente direcção das escadas de acesso à porta de entrada e a casa de banho. Para além da alteração da cor de branco para azul, foram também introduzidas duas pequenas aberturas no topo da fachada Nascente. O anexo 10 também pertence à Associação de Defesa Ambiental “Palhota Viva”, mas, neste caso, trata-se de uma construção nova, feita de raiz.

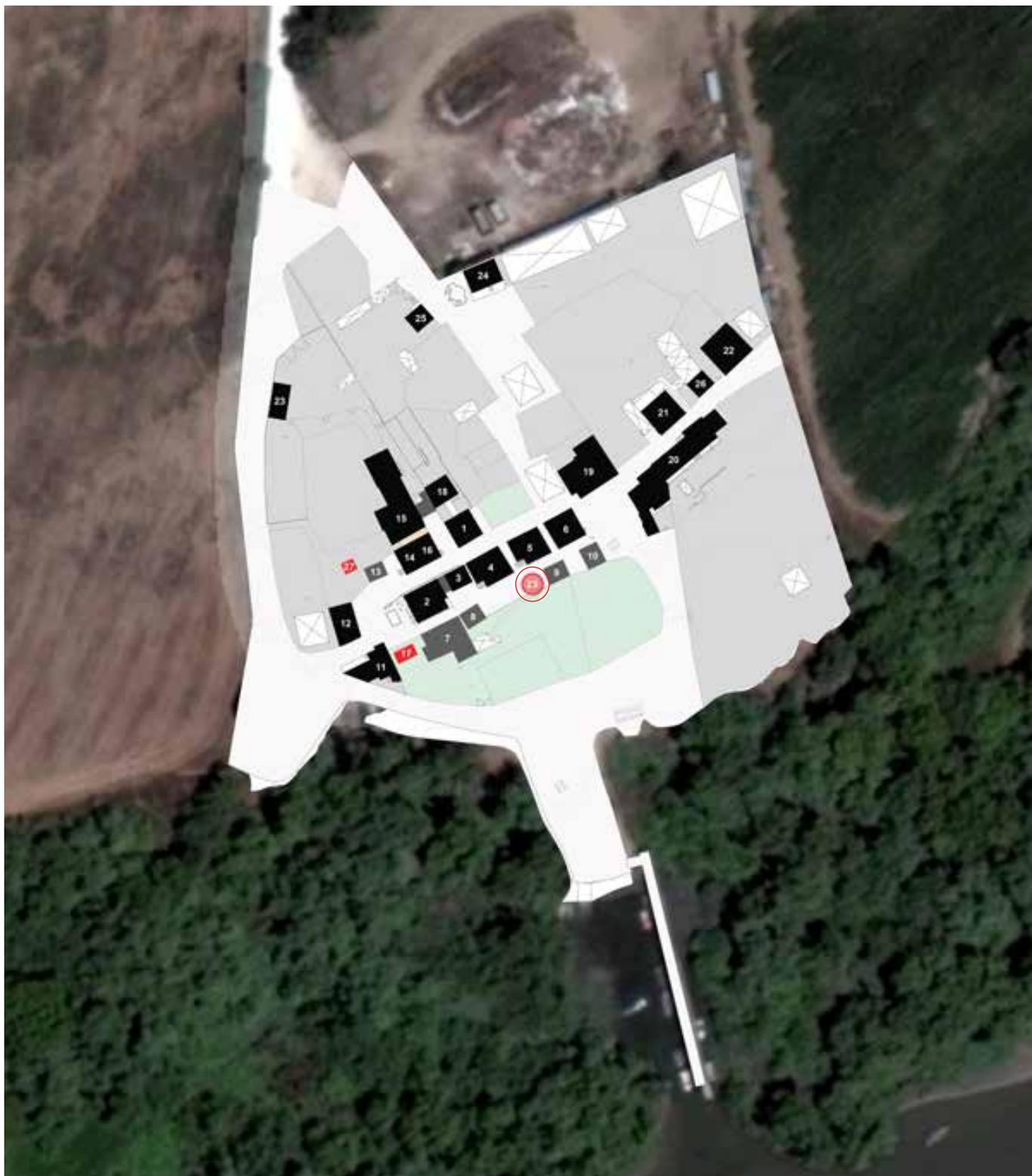
A habitação 12 e a cozinha 12 apenas são alvo de alterações de cor.

Nas fotografias correspondentes à habitação 14, para além de ser visível uma evidente alteração de cores na habitação, é também possível observar que uma árvore junto ao primeiro degrau das escadas de acesso à habitação foi abatida. Foi também alterada a porta de entrada em tabuado de madeira que faria o acesso ao espaço de adega entre fundações.

Na habitação 16, para além da modificação dos tons de verde nas paredes exteriores, foi-lhe acrescentada uma nova estrutura de varanda em alvenaria, deixando assim de ser em madeira.

Nas fotografias da habitação 19, é visível o processo de transformação que a levou à perda do carácter primitivo da casa Avieira. A construção, visivelmente em contraplacado, alguns outros materiais, e apoiada em pilares, está transformada numa construção em alvenaria apoiada sobre muros e de frente para um espaço fechado por muros e com alpendre.

Por último, a habitação 22 sofreu alterações de cor e também nas escadas, que seriam de madeira, e são agora de alvenaria.



[25]. Planta de coberturas da aldeia da Palhota sobre imagem de satélite; escala 1/500; base: Google Maps e levantamento ASF-P. | ⌚

-   Construções desaparecidas.
-  Anexos Avieiros.
-  Hortas.
-  Habitações Avieiras.
-  Espaço privado, sem acesso.

CAPÍTULO 3 - REGISTO E CARACTERIZAÇÃO

3.1. As construções da Palhota

O quadro que se segue demonstra o ponto de situação actual da aldeia da Palhota. Trata-se da enumeração das várias construções ainda presentes na aldeia da Palhota e algumas já desaparecidas.

Cada habitação está identificada com a respectiva numeração, localização em planta, e por uma fotografia actual. Nos casos mais pertinentes estão representados os alçados. Não foi possível aceder às habitações 15 e 23, pelo que, foram classificadas como “sem acesso”. As construções 17, 27 e 28 já não existem na aldeia, sendo assim apenas apresentadas as datas entre as quais a respectiva construção foi destruída, e também a localização onde se encontraria. É apresentada uma descrição sumária dos estados actuais das construções, e, em paralelo e para comparação temporal, estão presentes as descrições e algumas fotografias recolhidas pelos Arquitectos Sem Fronteiras Portugal em 2009. Para além do estado de conservação da construção e de uso, são listados os elementos construtivos das diversas casas, dividindo-as por tipo. São também identificadas as construções elevadas do solo sobre muros de alvenaria (apoiadas ou não por pilares de alvenaria, pedras ou betão armado), e as construções que possuem algum tipo de chaminé.

A partir dos campos de análise escolhidos e utilizados pretendeu-se analisar e descrever separadamente algumas e mais estruturalmente relevantes componentes das construções. Como não seria exequível no contexto deste trabalho desmontar cada peça de uma construção, o objectivo foi caracterizar de forma global os objectos de estudo.

Os pormenores-tipo serão mais exhaustivamente caracterizados a partir de 3.2, que corresponde à página 68, no entanto, para uma melhor leitura e compreensão do quadro, são a partir da página seguinte, listados os “pormenores-tipo” considerados no presente levantamento, e estão organizados por ordem de apresentação dos campos. A partir destes, pretendeu-se analisar e descrever separadamente algumas componentes das construções. Tratam-se de 8 campos de análise, subdivididos por um total de 55 diferentes tipos. Os tons de cinza indicam a quantidade de pormenores por campo - do mais escuro (mais tipos) para o mais claro (menos tipos).

<u>Sobrados</u>		Sobrados: Tipo 1- estrutura em vigas de madeira;
<u>Paredes</u>	estrutura	Paredes exteriores - estrutura: Tipo 1- estrutura em troncos de madeira; Tipo 2- estrutura em tijolo; Tipo 3- estrutura em tubos metálicos e madeira;
	revestimento interior	Paredes exteriores - revestimento interior: Tipo 1- revestimento interior é o revestimento exterior em contraplacado; Tipo 2- revestimento interior é o revestimento exterior em tabuado de madeira; Tipo 3- revestimento interior em contraplacado sobre estrutura; Tipo 4- revestimento interior em reboco pintado;
	revestimento exterior	Paredes exteriores - revestimento exterior: Tipo 1- revestimento exterior em tabuado de madeira; Tipo 2- revestimento exterior em contraplacado; Tipo 2.1- revestimento exterior em contraplacado revestido com reboco e pintura; Tipo 3- revestimento exterior em reboco pintado sobre tijolo; Tipo 3.1- revestimento exterior, contraplacado sobre tipo 3; Tipo 4- revestimento exterior em chapa metálica e sobre contraplacado
<u>Cobertura</u>	estrutura	Cobertura - estrutura: Tipo 1- estrutura em madeira;
	revestimento	Cobertura - revestimento: Tipo 1- revestimento exterior em telha marselha; Tipo 2- revestimento exterior em fibrocimento ondulado; Tipo 3- revestimento exterior em telha de cimento;
	beiral	Cobertura - beiral: Tipo - beiral com tábuas de fecho e sem tábuas de barbante; Tipo 2- beiral sem tábuas de fecho; Tipo 3- beiral - telha de cimento e parede de alvenaria; Tipo 3.1- placas de cimento e estrutura metálica; Tipo 4- com tábuas de barbante; Tipo 5- placas de cimento com fecho decorativo;
<u>Paredes i.</u>		Paredes interiores: Tipo 1- paredes em folhas e tabuado de madeira;
<u>Pavimento i.</u>		Pavimento interior: Tipo 1- pavimento em tabuado de madeira; Tipo 2- pavimento em tijoleira; Tipo 3- pavimento em cimento;

<p>Varanda - estrutura do pavimento:</p> <p>Tipo 1- estrutura do pavimento: vigas secundárias em madeira sobre principais vigotas “T” pré-esforçadas;</p> <p>Tipo 2- estrutura do pavimento: vigas secundárias e principais em madeira;</p> <p>Tipo 3- estrutura do pavimento: abobadilha apoiada sobre vigotas pré-esforçadas;</p> <p>Tipo 4- estrutura do pavimento: abobadilhas de cimento apoiadas sobre vigotas pré-esforçadas;</p>	<u>Varandas</u>			
<p>Varanda - estrutura dos apoios da cobertura:</p> <p>Tipo 1- estrutura dos apoios da cobertura em madeira;</p> <p>Tipo 2- estrutura dos apoios da cobertura em alvenaria;</p> <p>Tipo 3- estrutura dos apoios da cobertura com tubos metálicos;</p>		<u>Varandas</u>		
<p>Varanda - anteparo:</p> <p>Tipo 1- anteparo em madeira;</p> <p>Tipo 2- anteparo em alvenaria;</p> <p>Tipo 3- anteparo de tubos metálicos;</p> <p>Tipo 4- anteparo em chapa metálica ondulada;</p>			<u>Varandas</u>	
<p>Varanda - revestimento da cobertura:</p> <p>Tipo 1- cobertura da varanda em telha marselha;</p> <p>Tipo 2- cobertura da varanda em placas onduladas de fibra de vidro;</p> <p>Tipo 3- cobertura da varanda em placas onduladas de fibrocimento;</p> <p>Tipo 4- cobertura da varanda em placas onduladas de chapa metálica;</p>				<u>Varandas</u>
<p>Fundações:</p> <p>Tipo 1- pilares de tijolo e pedra;</p> <p>Tipo 2- pilares de betão armado;</p> <p>Tipo 3.1- pilares cúbicos de betão armado;</p> <p>Tipo 4- pilares em tubo metálico preenchido com cimento;</p>				
<p>Caixilhos exteriores - portas:</p> <p>Tipo 1- porta em folha (com ou sem relevo decorativo);</p> <p>Tipo 2- porta em tabuado;</p> <p>Tipo 3- porta em madeira com abertura;</p> <p>Tipo 4- porta em alumínio;</p> <p>Tipo 5- porta em moldura de madeira com duas aberturas;</p> <p>Tipo 6- porta de batente;</p>	<u>Caixilhos</u>			
<p>Caixilhos exteriores - janelas:</p> <p>Tipo 1- janela de correr;</p> <p>Tipo 2- janela de batente;</p>		<u>Caixilhos</u>		

3.1.1. Quadro síntese das construções da aldeia

MANTÉM ALGUMA CARATERÍSTICA ORIGINAL?

(Numeração conforme a planta da página 46 e a imagem [26]; se verde, mantém características da casa Avieira primitiva; se vermelho, está descaracterizada)

USO

ALÇADOS
(Figurativos, sem escala)

DESCRIÇÃO pelos ASFP
(Caracterização das construções em 2009)

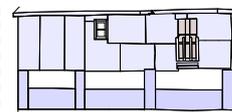
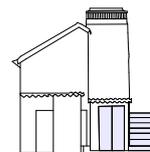
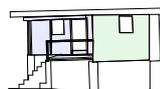
ACTUALIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO
(2014)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO(*)

SOBRADOS
PAREDES EXTERIORES - ESTRUTURA
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO INTERIOR
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - ESTRUTURA
COBERTURA - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - BEIRAL
POSSUI CHAMINÉ?
PAREDES INTERIORES
PAVIMENTO INTERIOR - REVESTIMENTO
VARANDA - ESTRUTURA DO PAVIMENTO
FUNDAÇÕES
CAIXILHOS EXTERIORES - PORTAS
CAIXILHOS EXTERIORES - JANELAS
VARANDA - APOIOS DA COBERTURA
CONSTRUÇÃO SOBRE MUROS DE ALVENARIA?
REVESTIMENTO DA COBERTURA DA VARANDA
ANTEPAROS

1

2



"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestida exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. No entanto algumas das paredes foram posteriormente revestidas com reboco e pintura. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. Algumas paredes foram executadas a reboco e pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída. A lardoz foram construídos um conjunto de anexos, com ligação entre eles, para usos diversos. Estas construções são dissonantes do conceito padrão."

"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestido exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. É, neste momento, a única habitação que conserva a chaminé."

A descrição acima continua válida excepto na descrição do revestimento exterior das paredes exteriores. As paredes exteriores com estrutura em madeira estão agora parcialmente revestidas com chapa metálica pregada aos prumos e travessanhos.

A descrição acima continua válida excepto na descrição do revestimento exterior das paredes exteriores. O alçado Oeste tem agora reboco e pintura aplicados sobre o contraplacado.

RAZOÁVEL	DEGRADADO
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2, 4	TIPO 2.1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
NÃO	SIM
sem acesso	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 2
BATENTE	BATENTE
TIPO 1	TIPO 1
NÃO	SIM
TIPO 4	TIPO 2
TIPO 1	TIPO 1

3

COZINHA



DEVOLUTO

4

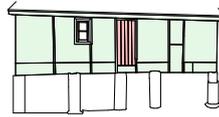
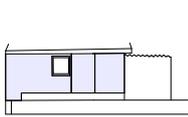
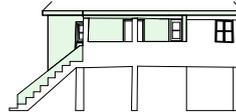
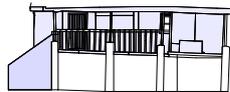
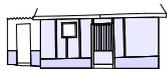


DEVOLUTO

5



DEVOLUTO



"Construção com características semelhantes às de uso tipo de "cozinha". Mantém as características originais."

"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestido exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída."

"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestido exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída."

A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados.

A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados. Encontra-se significativamente mais degradada do que em 2009.

A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados. Confirma-se que a chaminé foi eliminada. Encontra-se significativamente mais degradada do que em 2009.

DEGRADADO	DEGRADADO	DEGRADADO
não se aplica	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2	TIPO 2	TIPO 2
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
NÃO	NÃO	NÃO, foi eliminada
não se aplica	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2	TIPO 1	TIPO 1
não se aplica	TIPO 1	TIPO 3
não se aplica	TIPO 1, 2	TIPO 1, 2
TIPO 2	TIPO 2	TIPO 1 (alçado Norte), 2 (alçado Sul)
BATENTE	BATENTE	BATENTE
não se aplica	TIPO 1	TIPO 2
não se aplica	NÃO	NÃO
não se aplica	TIPO 1	TIPO 1
não se aplica	TIPO 1	TIPO 2

(*) Estados de conservação: "BOM" significa que a construção tem manutenção e que os materiais que a compõem ainda desempenham a sua função; "RAZOÁVEL" significa que a construção já não dispõe de manutenção e apresenta várias patologias leves; "DEGRADADO" significa que a construção tem materiais que já não desempenham a sua função e/ou estão precários; "RUÍNA" significa que o que resta da construção está em risco de colapsar e os materiais estão podres, desaparecidos ou partidos.



[26a]. Planta de coberturas das várias construções; legenda conforme imagem 25; sem escala; base: levantamento ASF-P. | Ⓞ

**MANTÉM ALGUMA
CARACTERÍSTICA ORIGINAL?**

(Numeração conforme a planta da página 46 e a imagem [26]; se verde, mantém características da casa Avieira primitiva; se vermelho, está descaracterizada)

USO

ALÇADOS
(Figurativos, sem escala)

DESCRIÇÃO pelos ASFP
(Caracterização das construções em 2009)

**ACTUALIZAÇÃO DA
DESCRIÇÃO**
(2014)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

SOBRADOS
PAREDES EXTERIORES - ESTRUTURA
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO INTERIOR
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - ESTRUTURA
COBERTURA - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - BEIRAL
POSSUI CHAMINÉ?
PAREDES INTERIORES
PAVIMENTO INTERIOR - REVESTIMENTO
VARANDA - ESTRUTURA DO PAVIMENTO
FUNDAÇÕES
CAIXILHOS EXTERIORES - PORTAS
CAIXILHOS EXTERIORES - JANELAS
VARANDA - APOIOS DA COBERTURA
CONSTRUÇÃO SOBRE MUROS DE ALVENARIA?
REVESTIMENTO DA COBERTURA DA VARANDA
ANTEPAROS

6

7



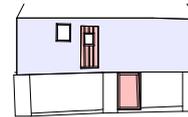
EM USO



DEVOLUTO



"Casa pertencente à organização "Palhota Viva". Foi construída segundo as indicações dos habitantes mais antigos da aldeia."



Edifício construído em estrutura de madeira, revestido exteriormente por tabuado de madeira maciça com pintura. A cobertura é em telha marselha. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em alvenaria e reboco com pintura."



A descrição acima continua válida, no entanto, o alçado Este sofreu alterações pois foram adicionadas duas pequenas janelas. O elemento branco e ondulado do beiral do alçado Este também já não se encontra presente.

"Construção com uso inicial de "cozinha". Actualmente não tem uso definido, servindo em alguns casos como apoio à actividade agrícola das hortas anexas. Neste caso particular, foram anexadas diversas construções ao longo do tempo, desvirtuando o carácter original da construção."

A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados. Encontra-se significativamente mais degradada do que em 2009.

BOM	DEGRADADO
TIPO 1	não se aplica
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 3	TIPO 1, 2
TIPO 1	TIPO 1, 2
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2	TIPO 1, 2
SIM	NÃO
TIPO 1	não se aplica
TIPO 1	sem acesso
TIPO 4	não se aplica
TIPO 1, 2	não se aplica
TIPO 2	TIPO 1
BATENTE	BATENTE e CORRER
TIPO 1	não se aplica
Parcialmente	não se aplica
TIPO 3	não se aplica
TIPO 1	não se aplica

8

COZINHA



DEVOLUTO

9

COZINHA



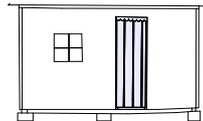
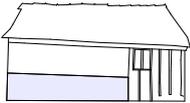
DEVOLUTO

10

ANEXO



EM USO



"Construção com uso inicial de "cozinha". Actualmente não tem uso definido, servindo em alguns casos como apoio à actividade agrícola das hortas anexas. Apresenta estrutura original, embora degradada.."



A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados. Em 2009, esta construção tinha uso. Neste momento, está em ruína por falta de manutenção e uso.



"Construção descaracterizada, construída em alvenaria com pintura, em razoável estado de conservação. Actualmente não tem uso definido, servindo em alguns casos como apoio à actividade agrícola das hortas anexas"

A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados.



"Construção utilizada pela Associação "Palhota Viva". Construída de acordo com os modelos padrão das casas avieiras, também nos materiais utilizados, apresentando razoável estado de conservação. "

A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados.

RUÍNA	RAZOÁVEL	BOM
não se aplica	não se aplica	não se aplica
TIPO 1	TIPO 2	TIPO 1
TIPO 1, 2	TIPO 4	TIPO 2
TIPO 1, 2	TIPO 3	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 3	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 3	TIPO 4
NÃO	NÃO	NÃO
não se aplica	não se aplica	não se aplica
TIPO 3	TIPO 2	TIPO 1
não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	TIPO 3.1
TIPO 1	TIPO 3	TIPO 2
não se aplica	BATENTE	BATENTE
não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica	não se aplica



[26b]. Planta de coberturas das várias construções; legenda conforme imagem 25; sem escala; base: levantamento ASF-P. | Ⓞ

**MANTÉM ALGUMA
CARACTERÍSTICA ORIGINAL?**

(Numeração conforme a planta da página 46 e a imagem [26]; se verde, mantém características da casa Avieira primitiva; se vermelho, está descaracterizada)

USO

ALÇADOS
(Figurativos, sem escala)

DESCRIÇÃO pelos ASFP
(Caracterização das construções em 2009)

ACTUALIZAÇÃO DA
DESCRIÇÃO
(2014)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

SOBRADOS
PAREDES EXTERIORES - ESTRUTURA
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO INTERIOR
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - ESTRUTURA
COBERTURA - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - BEIRAL
POSSUI CHAMINÉ?
PAREDES INTERIORES
PAVIMENTO INTERIOR - REVESTIMENTO
VARANDA - ESTRUTURA DO PAVIMENTO
FUNDAÇÕES
CAIXILHOS EXTERIORES - PORTAS
CAIXILHOS EXTERIORES - JANELAS
VARANDA - APOIOS DA COBERTURA
CONSTRUÇÃO SOBRE MUROS DE ALVENARIA?
REVESTIMENTO DA COBERTURA DA VARANDA
ANTEPAROS

11

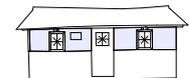
12



EM USO



DEVOLUTO



"Esta habitação não se insere na estrutura tipo das construções avieiras, embora utilizando os mesmos materiais na sua construção. De piso térreo, apresenta dimensões e características diferentes do modelo tipo."

"Esta habitação não se insere na estrutura tipo das construções avieiras. De piso térreo, apresenta dimensões e utiliza alguns materiais de revestimento diferentes do modelo tipo."



A descrição acima continua válida. A construção não sofreu alterações na composição dos alçados. Foram adicionados vários elementos decorativos nos vários alçados.

A descrição acima continua válida, no entanto, a cor dos alçados da construção foi alterada. Em 2009 a habitação estava pintada de azul-claro. Neste momento encontra-se pintada de azul-escuro e branco.

BOM	BOM
não se aplica	não se aplica
TIPO 1	TIPO 2
TIPO 1	TIPO 3
TIPO 2	TIPO 3
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 2
TIPO 4	TIPO 5
NÃO	SIM
sem acesso	não se aplica
sem acesso	sem acesso
não se aplica	não se aplica
não se aplica	não se aplica
TIPO 3	TIPO 3
BATENTE	BATENTE
TIPO 1	não se aplica
não se aplica	não se aplica
TIPO 1	não se aplica
não se aplica	não se aplica

13

COZINHA



DEVOLUTO

14



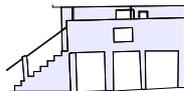
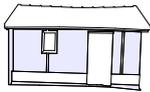
DEVOLUTO

15

SEM ACESSO



EM USO



"Construção com provável uso inicial de 'cozinha'. Mantem as características originais."



"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestida exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. No entanto algumas das paredes foram posteriormente revestidas com reboco e pintura. O espaço designado por 'adega' foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. Algumas paredes foram executadas a reboco e pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída. A tardoz foram construídos um conjunto de anexos, com ligação entre eles, para usos diversos. Estas construções são dissonantes do conceito padrão."

"Construções anexas ao edifício 16. Apesar de utilizar materiais semelhantes, não é representativa do conceito padrão utilizado nesta aldeia."

A descrição acima continua válida, no entanto, a cor dos alçados da construção foi alterada. Em 2009 a habitação estava pintada de azul-claro. Neste momento encontra-se pintada de azul-escuro e foi aplicada tijoleira na parte inferior dos alçados.

A descrição acima continua válida, no entanto, a cor dos alçados da construção foi alterada. Em 2009 a habitação estava pintada de vermelho, verde, bege e branco. Neste momento encontra-se pintada de azul-escuro e branco. Foram também aplicados painéis de azulejos decorativos nas fachadas.

A descrição acima continua válida.

BOM	BOM	SEM ACESSO
não se aplica	TIPO 1	não se aplica
TIPO 1	TIPO 1	sem acesso
TIPO 1	TIPO 1	sem acesso
TIPO 2	TIPO 2	TIPO 3.1
TIPO 1	TIPO 1	sem acesso
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 3
TIPO 2	TIPO 2	sem acesso
NÃO	NÃO	SIM
não se aplica	não se aplica	sem acesso
TIPO 2	não se aplica	sem acesso
não se aplica	TIPO 3	não se aplica
não se aplica	TIPO 1	não se aplica
TIPO 1	TIPO 1	sem acesso
BATENTE	BATENTE	CORRER
não se aplica	TIPO 3	não se aplica
não se aplica	SIM	não se aplica
não se aplica	TIPO 3	não se aplica
não se aplica	TIPO 2	não se aplica



[26c]. Planta de coberturas das várias construções; legenda conforme imagem 25; sem escala; base: levantamento ASF-P. | Ⓞ

**MANTÉM ALGUMA
CARACTERÍSTICA ORIGINAL?**

(Numeração conforme a planta da página 46 e a imagem [26]; se verde, mantém características da casa Avieira primitiva; se vermelho, está descaracterizada)

USO

ALÇADOS
(Figurativos, sem escala)

DESCRIÇÃO pelos ASFP
(Caracterização das construções em 2009)

**ACTUALIZAÇÃO DA
DESCRIÇÃO**
(2014)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

SOBRADOS
PAREDES EXTERIORES - ESTRUTURA
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO INTERIOR
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - ESTRUTURA
COBERTURA - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - BEIRAL
POSSUI CHAMINÉ?
PAREDES INTERIORES
PAVIMENTO INTERIOR - REVESTIMENTO
VARANDA - ESTRUTURA DO PAVIMENTO
FUNDAÇÕES
CAIXILHOS EXTERIORES - PORTAS
CAIXILHOS EXTERIORES - JANELAS
VARANDA - APOIOS DA COBERTURA
CONSTRUÇÃO SOBRE MUROS DE ALVENARIA?
REVESTIMENTO DA COBERTURA DA VARANDA
ANTEPAROS

16



DEVOLUTO

17

COZINHA



DEMOLIDO ENTRE
2012-10/05/2013



"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestida exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. No entanto algumas das paredes foram posteriormente revestidas com reboco e pintura. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. Algumas paredes foram executadas a reboco e pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída. A tardoz foram construídos um conjunto de anexos, com ligação entre eles, para usos diversos. Estas construções são dissonantes do conceito padrão."

"Construção com uso inicial de "cozinha". Mantem as características originais. Actualmente não tem uso definido, servindo em alguns casos como apoio à actividade agrícola das hortas anexas."

A descrição acima continua válida.

DEGRADADO

TIPO 1
TIPO 1
TIPO 1
TIPO 1, 2
sem acesso
TIPO 1
TIPO 1
NÃO
sem acesso
sem acesso
TIPO 3
sem acesso
TIPO 2
CORRER
TIPO 3
SIM
TIPO 3
TIPO 2

18

19

20



"Esta habitação não se insere na estrutura tipo das construções avieiras, nem utiliza os mesmos materiais na sua construção. De piso térreo, apresenta dimensões e características diferentes do modelo tipo. Esta construção está ligada ao edifício nº1 por uma passagem semicoberta. A este edifício ainda está associado um outro com características de armazém, ao qual não tivemos acesso."



"Edifício com alteração profunda do conceito padrão. Em bom estado de conservação, é actualmente dos raros edifícios com uso permanente."



"Este edifício resulta do somatório de um conjunto de construções, de épocas diferentes, anexas ao edifício base que desvirtuaram completamente o conceito. Actualmente não se consegue identificar nem separar a estrutura original do seu conjunto."

A descrição acima continua válida. O cor do alçado foi alterada de azul-claro para branco.

A descrição acima continua válida. Pequenas alterações na cor dos muros e beirais.

A descrição acima continua válida.

RAZOÁVEL	BOM	RAZOÁVEL
sem acesso	sem acesso	sem acesso
TIPO 2	TIPO 2	sem acesso
sem acesso	sem acesso	sem acesso
TIPO 3	TIPO 3	TIPO 2, 3
sem acesso	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1	TIPO 2
NÃO	SIM	SIM
sem acesso	sem acesso	sem acesso
sem acesso	sem acesso	sem acesso
TIPO 4	não se aplica	não se aplica
sem acesso	sem acesso	sem acesso
TIPO 4	TIPO 5	TIPO 6
CORRER	CORRER	BATENTE
TIPO 3	não se aplica	não se aplica
SIM	SIM	SIM
TIPO 2	não se aplica	não se aplica
TIPO 3	não se aplica	não se aplica



[26d]. Planta de coberturas das várias construções; legenda conforme imagem 25; sem escala; base: levantamento ASF-P. | Ⓞ

**MANTÉM ALGUMA
CARACTERÍSTICA ORIGINAL?**

(Numeração conforme a planta da página 46 e a imagem [26]; se verde, mantém características da casa Avieira primitiva; se vermelho, está descaracterizada)

USO

ALÇADOS
(Figurativos, sem escala)

DESCRIÇÃO pelos ASFP
(Caracterização das construções em 2009)

ACTUALIZAÇÃO DA
DESCRIÇÃO
(2014)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

SOBRADOS
PAREDES EXTERIORES - ESTRUTURA
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO INTERIOR
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - ESTRUTURA
COBERTURA - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - BEIRAL
POSSUI CHAMINÉ?
PAREDES INTERIORES
PAVIMENTO INTERIOR - REVESTIMENTO
VARANDA - ESTRUTURA DO PAVIMENTO
FUNDAÇÕES
CAIXILHOS EXTERIORES - PORTAS
CAIXILHOS EXTERIORES - JANELAS
VARANDA - APOIOS DA COBERTURA
CONSTRUÇÃO SOBRE MUROS DE ALVENARIA?
REVESTIMENTO DA COBERTURA DA VARANDA
ANTEPAROS

21

22



EM USO



DEVOLUTO



"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestido exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em alvenaria com pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída. Foi acrescentada uma garagem, construída em alvenaria, anexa ao edifício principal."

"Esta habitação mantém no geral a estrutura base destes edifícios, em madeira, revestido exteriormente por contraplacado com pintura, e cobertura em telha marselha. O espaço designado por "adega" foi construído posteriormente em tabuado de madeira com pintura. A chaminé foi eliminada ou, eventualmente, nunca foi construída."

A descrição acima continua válida.

A descrição acima continua válida.
A construção está visivelmente mais degradada.

BOM	DEGRADADO
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1, 3	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2, 3	TIPO 2
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 1	TIPO 1
NÃO	NÃO
TIPO 1	sem acesso
TIPO 1	sem acesso
TIPO 1	TIPO 2
TIPO 1	TIPO 1, 2
TIPO 2	TIPO 1
BATENTE e CORRER	BATENTE
TIPO 2	TIPO 1
SIM	NÃO
TIPO 1	TIPO 1
TIPO 2	TIPO 4

23

24

25

SEM ACESSO



DEVOLUTO

DEVOLUTO

SEM ACESSO



"Edifício totalmente descaracterizado. Em bom estado de conservação, é actualmente dos raros edifícios com uso permanente."

"Construção em chapa pintada, não se enquadrando no conceito padrão existente."

A descrição acima continua válida, no entanto, o edifício já não tem uso.

A descrição acima continua válida. Alteração da cor nos triângulos do alçado Este.

BOM	BOM
TIPO 1	TIPO 1
sem acesso	TIPO 3
sem acesso	sem acesso
TIPO 4	TIPO 4
sem acesso	sem acesso
TIPO 2	TIPO 2
TIPO 3	TIPO 3
NÃO	NÃO
sem acesso	sem acesso
sem acesso	sem acesso
não se aplica	TIPO 2
TIPO 1, 2	TIPO 4
TIPO 1	TIPO 2
BATENTE	BATENTE
não se aplica	não se aplica
NÃO	Parcialmente
não se aplica	TIPO 3
não se aplica	TIPO 1



[26e]. Planta de coberturas das várias construções; legenda conforme imagem 25; sem escala; base: levantamento ASF-P. | Ⓞ

**MANTÉM ALGUMA
CARACTERÍSTICA ORIGINAL?**

(Numeração conforme a planta da página 46 e a imagem [26]; se verde, mantém características da casa Avieira primitiva; se vermelho, está descaracterizada)

USO

ALÇADOS
(Figurativos, sem escala)

DESCRIÇÃO pelos ASFP
(Caracterização das construções em 2009)

**ACTUALIZAÇÃO DA
DESCRIÇÃO**
(2014)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

SOBRADOS
PAREDES EXTERIORES - ESTRUTURA
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO INTERIOR
PAREDES EXTERIORES - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - ESTRUTURA
COBERTURA - REVESTIMENTO EXTERIOR
COBERTURA - BEIRAL
POSSUI CHAMINÉ?
PAREDES INTERIORES
PAVIMENTO INTERIOR - REVESTIMENTO
VARANDA - ESTRUTURA DO PAVIMENTO
FUNDAÇÕES
CAIXILHOS EXTERIORES - PORTAS
CAIXILHOS EXTERIORES - JANELAS
VARANDA - APOIOS DA COBERTURA
CONSTRUÇÃO SOBRE MUROS DE ALVENARIA?
REVESTIMENTO DA COBERTURA DA VARANDA
ANTEPAROS

26

27



DEVOLUTO



ANEXO DEMOLIDO ENTRE
10/05/2013 -14/11/2013



"Esta habitação não se insere na estrutura tipo das construções avieiras, utilizando alguns materiais diferentes, na sua construção e acabamento. De piso térreo, apresenta dimensões e características diferentes do modelo tipo."

"Construção com provável uso inicial de "cozinha". Mantem as características originais."

A descrição acima continua válida. A construção está visivelmente mais degradada.

RAZOÁVEL
não se aplica
sem acesso
sem acesso
TIPO 2.1, 4
TIPO 1
TIPO 1
TIPO 2
NÃO
não se aplica
sem acesso
não se aplica
não se aplica
sem acesso
BATENTE
não se aplica

28

COZINHA



ANEXO DEMOLIDO
ENTRE 2011 - 2013

*"Construção com uso inicial de 'cozinha'.
Actualmente não tem uso
definido, servindo em alguns casos como
apoio à actividade agrícola das hortas
anexas. Apresenta estrutura original,
embora degradada."*



[26f]. Planta de coberturas das várias construções; legenda conforme imagem 25; sem escala; base: levantamento ASF-P. | ⊕

3.1.1.1. As habitações 2, 4, 5 e 6

A aldeia sofreu múltiplas modificações provocadas pela alteração dos hábitos, usos, necessidades, interesses e actividades dos habitantes. A construção de novas casas de tipologia diferentes, e a alteração e ampliação das casas originais, aliado à desertificação e consequente desocupação das casas mais tradicionais, traduziu-se na estagnação da aldeia, desviando-se do que originalmente era a casa Avieira, transformando-a numa construção adaptada às necessidades dos moradores, apoiada no imaginário dos seus habitantes.

Destacam-se as habitações designadas de “2, 3, 4, 5 e 6” [27] por serem o núcleo de habitações que mantém mais características Avieiras originais, e simultaneamente, das poucas habitações às quais foi possível fazer um reconhecimento visual que permitiu perceber a organização dos seus espaços interiores. Estas habitações estão identificadas com duas circunferências à volta da identificação numérica (círculos) do quadro em 3.1.1. As casas pertinentes para o estudo apresentam todos espaços semelhantes, demonstrando apenas algumas diferenças nos tamanhos destes e na posição do posterior espaço de higiene. Os Avieiros optaram por organizar a sua casa em três espaços, sendo o maior, um espaço polivalente que serviria para o convívio, trabalhar nas redes, refeições, e até dormir. Os restantes dois espaços interiores seriam quartos, apresentando dimensões aproximadas entre si.

São apresentados os alçados destas habitações, sendo que, no caso das casas posicionadas nos extremos da fileira, optou-se pela apresentação dos alçados laterais. Para além de questões relacionadas com o estado das varandas e da obstrução (devido a roupas a secar, entre outros) destes alçados, foi decidido que o alçado Poente da casa 2 e alçado Nascente da casa 3, seriam mais representativos da imagem geral da aldeia por se encontrarem em maior destaque. O processo de levantamento e a imagem final dos alçados foi desenvolvido através de levantamento manual e do recurso à fotografia, pelo que, e também devido ao estado geral das varandas e paredes, existe margem de erro.



[27]. Diagrama funcional dos espaços interiores das habitações 2,4,5 e 6; escala 1/200; base: levantamento ASF-P | Ⓞ

-  Espaço polivalente (trabalho, dormir, estar).
-  Espaço de dormir.
-  Espaço de higiene.

2



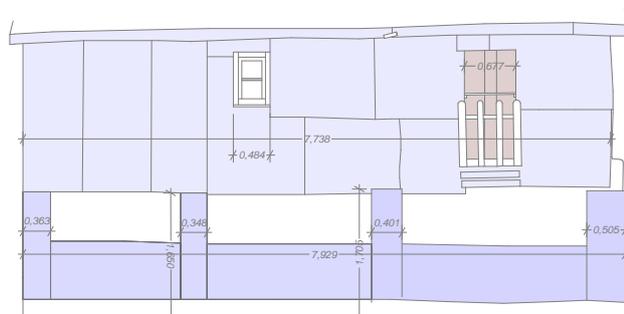
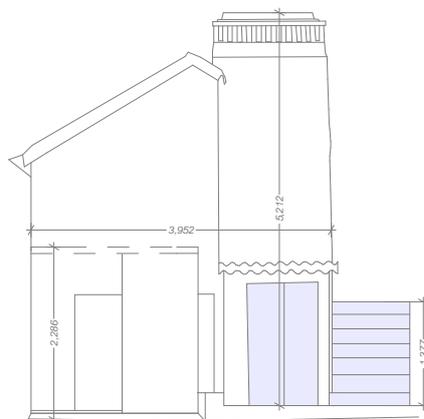
[28a]. Habitação devoluta 2 - empena com chaminé de tijolo.



[28b]. Habitação 2 - varanda.



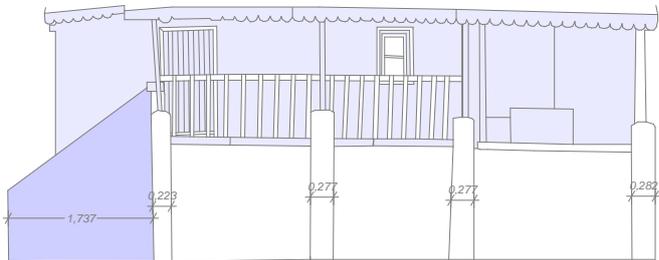
[28c]. Habitação 2 - porta secundária.



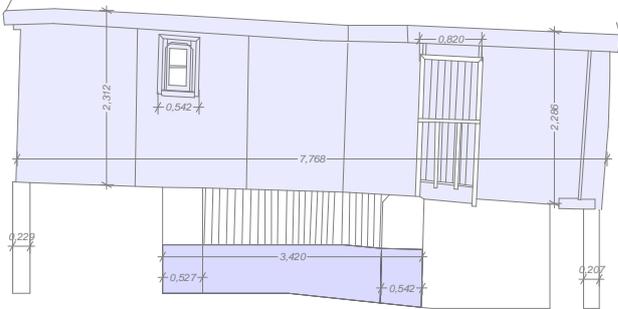
[28d]. Habitação 2 - alçados Poente (em cima) e Norte (em baixo); escala 1/100.



[29a]. Habitação devoluta 4 - perspectiva geral.



[29b]. Habitação 4 - pormenor da empena.



[29d]. Habitação 4 - alçados Sul (em cima) e Norte (em baixo); escala 1/100.



[29c]. Habitação 4 -pormenor da varanda e pilares.

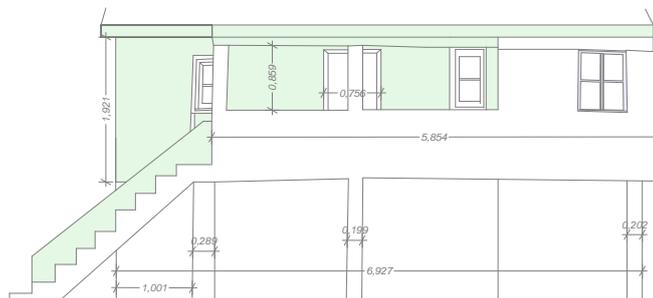
5



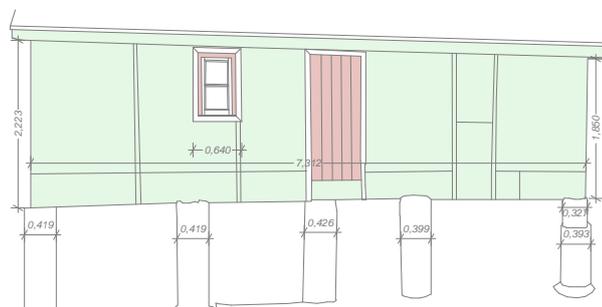
[30a]. Habitação devoluta 5 - perspectiva geral.



[30b]. Habitação 5 - espaço interior polivalente.



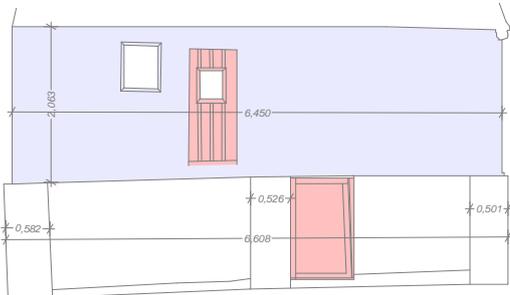
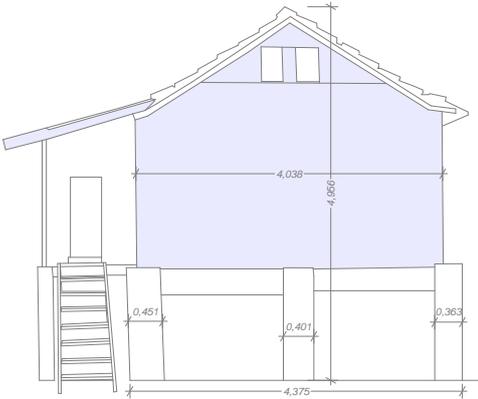
[30c]. Habitação 5 - pormenor do acesso aos arrumos.



[30d]. Habitação 5 - alçados Sul (em cima) e Norte (em baixo); escala 1/100.



[31a]. Habitação devoluta 6 - perspectiva geral.



[31d]. Habitação 6 - alçados Nascente (em cima) e Norte (em baixo); escala 1/100.



[31b]. Habitação 6 - espaço interior polivalente.



[31c]. Habitação 6 - à esquerda a porta secundária; em frente os dois acessos aos dois espaços de dormir.

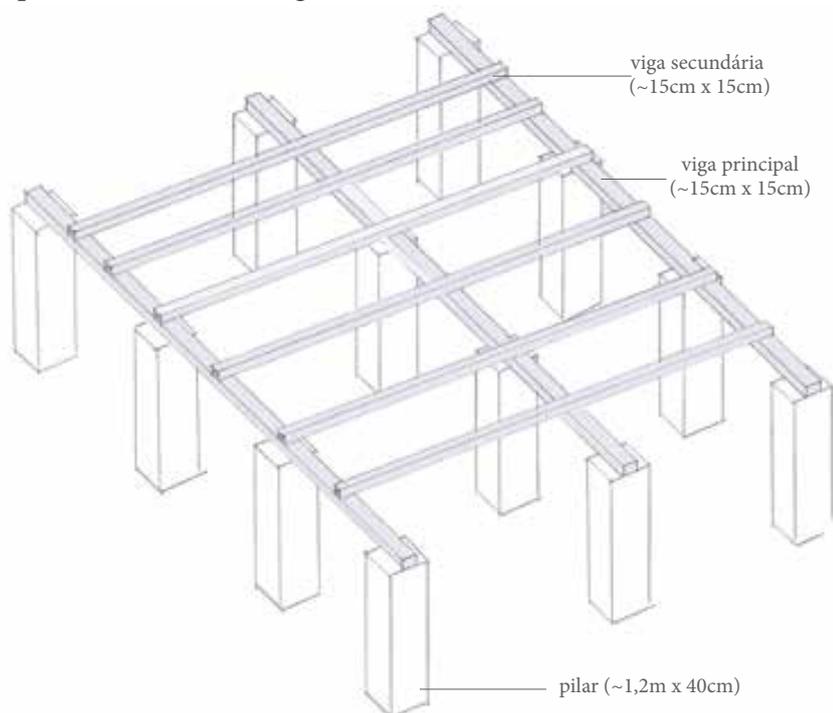
3.2. Os detalhes construtivos “tipo” e sua distribuição quantitativa

Serve este capítulo de apoio e complemento ao quadro em 3.1.1., estando dividido em oito subcapítulos que correspondem aos vários “pormenores -tipo” presentes e recolhidos na aldeia da Palhota. Cada subcapítulo está por sua vez desmultiplicado em vários pormenores. Cada “pormenor-tipo” é acompanhado por um ou mais desenhos e fotografias demonstrativas do pormenor apresentado. As fotografias estão identificadas com a habitação segundo a numeração do quadro síntese. Todos os desenhos estão legendados, sendo por vezes realçadas medidas ou características de componentes construtivos.

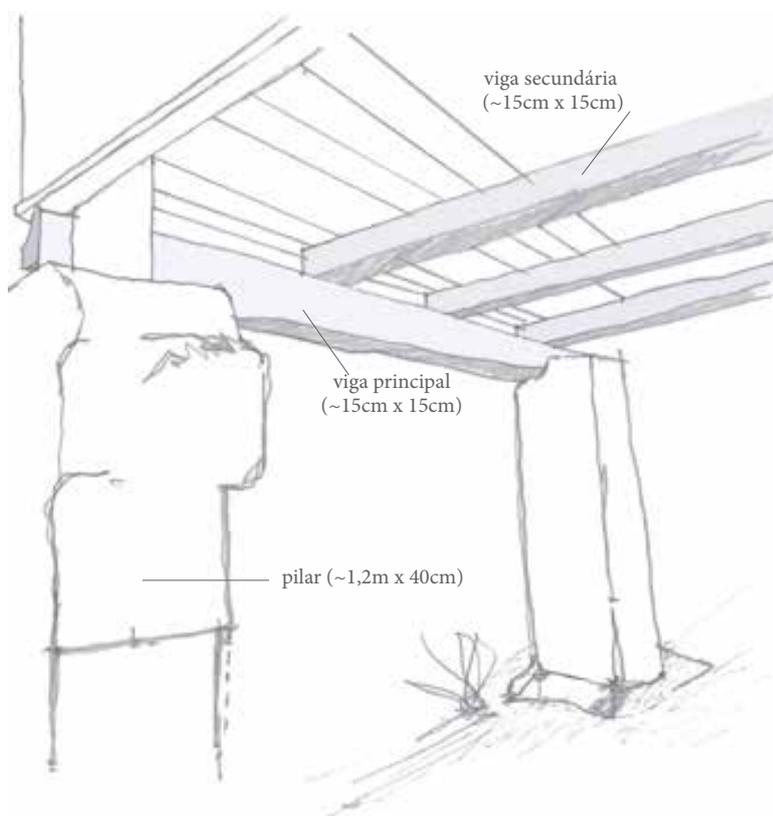
Para uma melhor leitura e também para demonstrar a síntese dos dados recolhidos, foram contabilizados os “pormenores-tipo” correspondentes a cada habitação do quadro em 3.1.1. Nos gráficos adjacentes aos textos estão representados cada subcapítulo de 3.2., sendo que cada gráfico corresponde a uma alínea do quadro síntese. Cada cor dos gráficos apresentados corresponde a um diferente “tipo”, a “mais do que um tipo”, ou, em alguns casos, a “não se aplica/não existe/sem acesso”. Esta última condição apenas foi introduzida nos gráficos relativos aos sobrados, à estrutura da cobertura, à pergunta “possuí chaminé?”, e às paredes interiores, em prol de uma melhor leitura e comparação dos resultados (realçando o existente e/ou acedido). Assim, o total da soma dos campos dos gráficos, nem sempre corresponde ao número total de construções da aldeia. Cada gráfico está ainda ilustrado com o(s) desenho(s) do(s) pormenor(es) em maior número no total das habitações. A condição “mais do que um tipo”, para além de melhorar a leitura dos resultados, pretende também demonstrar o peso da variedade de tipos por construção, o que afecta directamente a imagem da aldeia.

3.2.1. Sobrados

Tipo 1, estrutura em vigas de madeira



[32a]. Estrutura em vigas de madeira; podem ocorrer variações de bitola ou sentido.



[32b]. Vigas de madeira sobre pilares.



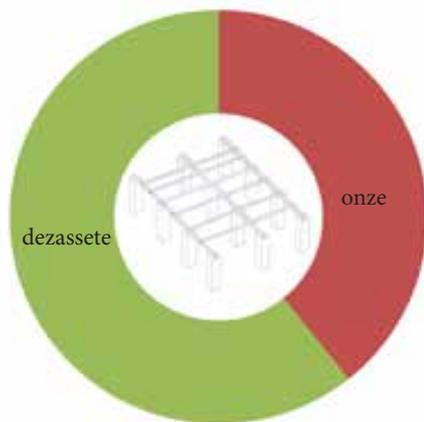
[32c]. Pormenor das vigas sobre os pilares; esta fotografia corresponde à construção 5 no quadro em 3.1.1.



[32d]. O recurso a mais vigas para reforçar a estrutura e/ou nivelar o pavimento interior é comum na aldeia; esta fotografia corresponde à construção 22 no quadro em 3.1.1.



[32e]. Pormenor do reforço sobre o sobrado; esta fotografia corresponde à construção 5 no quadro em 3.1.1.



[33]. Sobrados: ■ “Tipo 1”; ■ “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.

No caso do gráfico dos sobrados [33], da estrutura da cobertura, e das paredes interiores, apenas foi recolhido um pormenor “tipo”. Isto poderá explica-se pelo facto de se tratar de componentes principais da construção, pelo que, o espaço para a inovação pelas próprias mãos está mais reduzido devido ao risco que acarreta. É também espelho do conhecimento vernacular herdado, e, no caso das paredes interiores, trata-se de uma solução que vai de encontro à organização interior da casa Avieira.

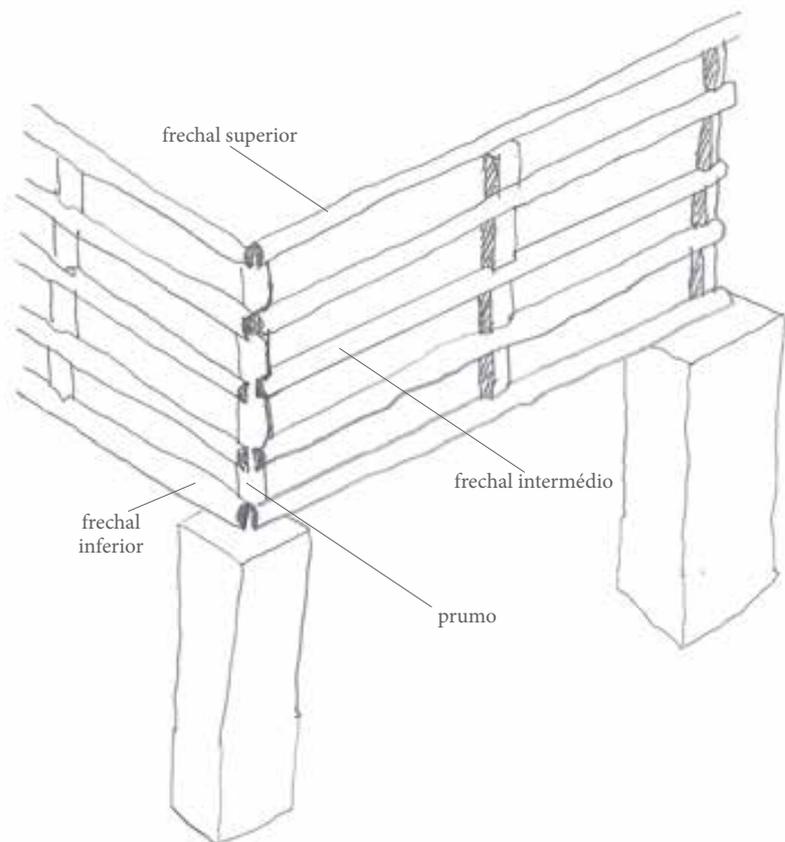
Os sobrados [33] da habitação Avieira consistem essencialmente na sobreposição de duas vigas, que por sua vez, se apoiam sobre pilares. Apenas ocorrem pequenas variações nos tamanhos das vigas, na bitola entre vigas secundárias, e alguns remendos feitos posteriormente.

3.2.2. Paredes exteriores - estrutura

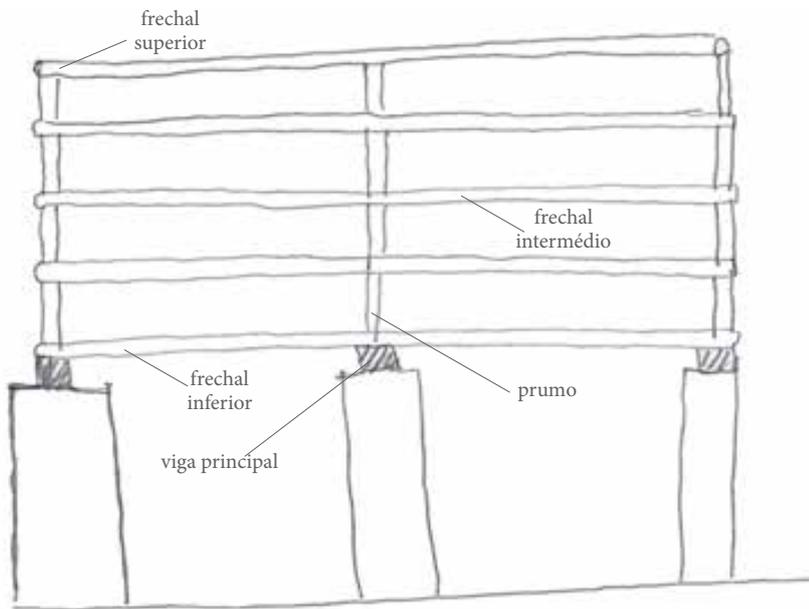


[34b]. Estrutura da construção 6 antes das alterações feitas pela associação “Palhota Viva”.

Tipo 1, estrutura em troncos de madeira



[34a]. Estrutura das paredes exteriores; podem ocorrer variações de bitola e número de frechais (quanto mais prumos, menor número de frechais).

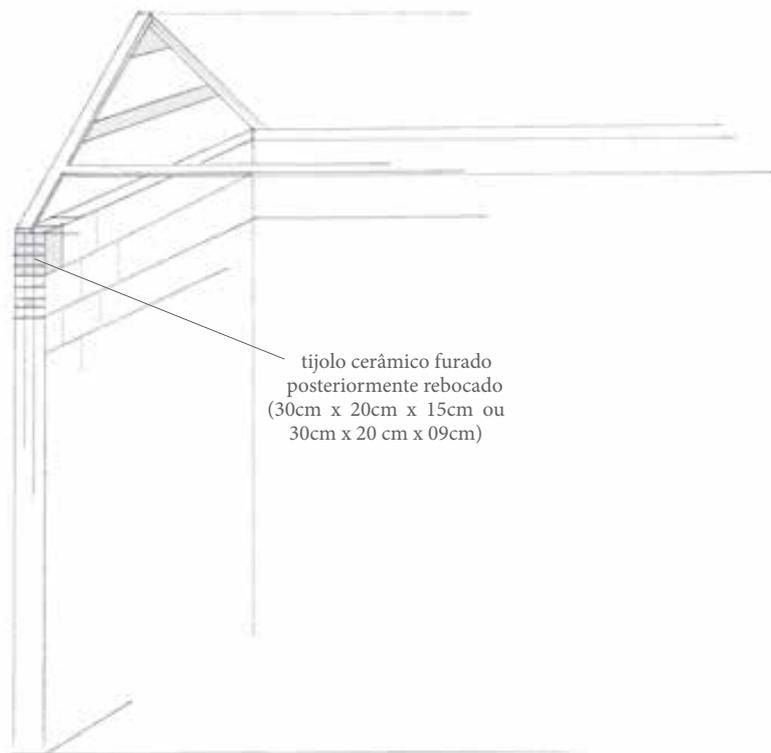


[34c]. Os frechais são fixos nos prumos por entalhe. A espessura dos prumos é variável.



[34d]. Pormenor do prumo central, pau de fileira e lareira.

Tipo 2, estrutura em tijolo

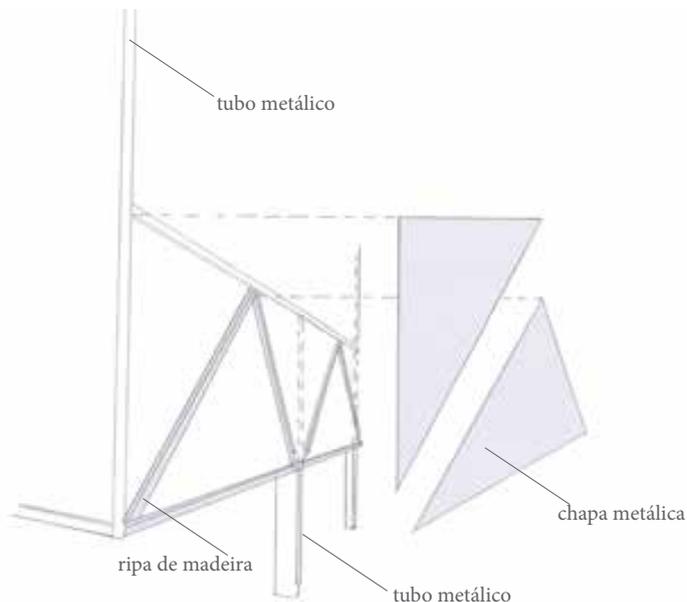


[35]. Parede de tijolo contrafiado.

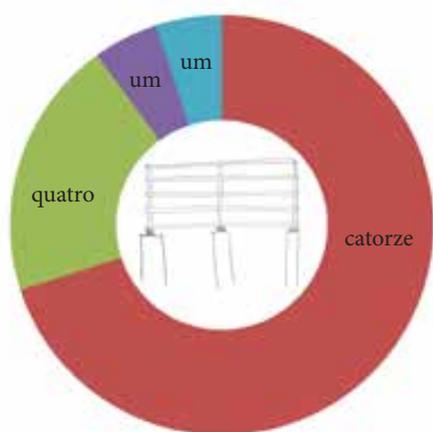


[36b]. Fotografia demonstrativa da estrutura; corresponde à construção 25 no quadro em 3.1.1.

Tipo 3, estrutura em tubos metálicos e madeira



[36a]. Os tubos seguram a parede leve de chapa e ripas de madeira; a chapa está pregada às ripas.

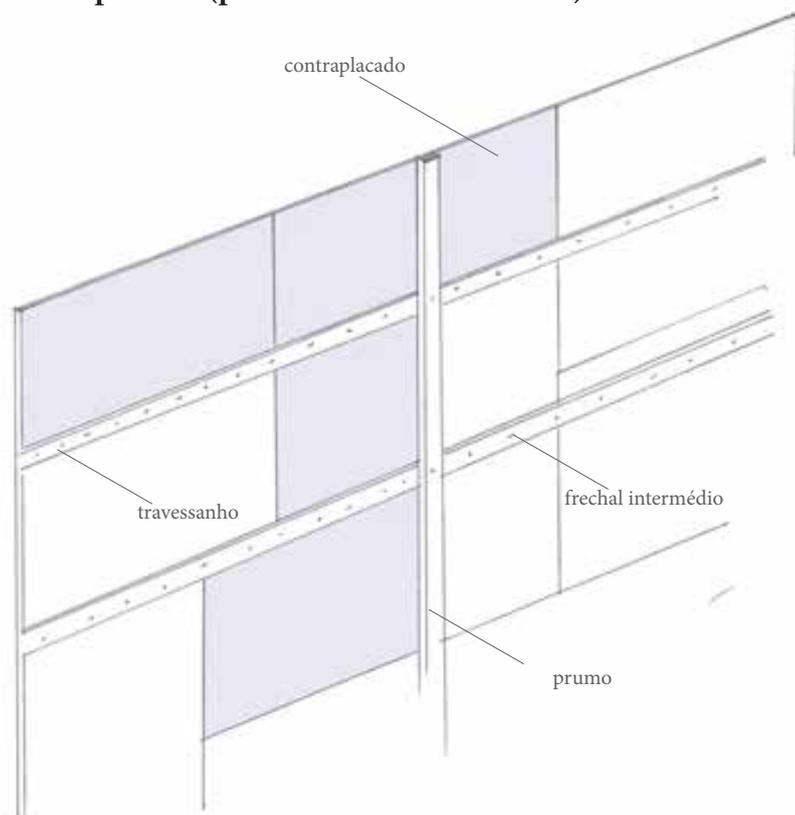


[37]. Paredes exteriores (estrutura): ■ - “Tipo 1”; ■ - “Tipo 2”; ■ - “Tipo 3”; ■ - “mais do que um tipo”.

No caso da estrutura das paredes exteriores [37], os troncos de madeira tosca ou cortados fazem parte de catorze das habitações da aldeia. Este tipo de estrutura está associado às habitações com revestimento exterior em materiais de madeira. O segundo “tipo” mais comum, presente em quatro construções, trata-se da estrutura em tijolo, pelo que, se afasta da construção primitiva Avieira. Neste caso das estruturas das paredes exteriores, a diversidade de tipos não é muita, isto dever-se-á ao facto da maioria das habitações terem sido construídas ou reabilitadas pelos moradores, segundo padrões Avieiros, num espaço temporal semelhante, e com materiais baratos que não obrigassem a uma total reformulação da construção.

3.2.2.1. Paredes exteriores - revestimento interior

Tipo 1, revestimento interior é o revestimento exterior em contraplacado (parede de uma única folha)

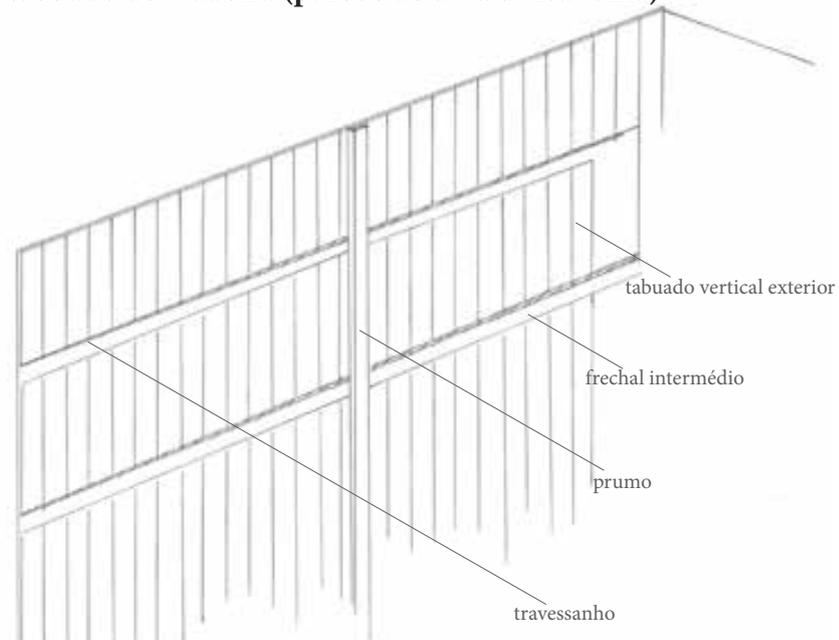


[38a]. O número e posição das superfícies de contraplacado varia.



[38b]. Pormenor do prumo central sobre frechal e contraplacado; construção 5.

Tipo 2, revestimento interior é o revestimento exterior em tabuado de madeira (parede de uma única folha)



[39a]. As tábuas são pregadas aos travessanhos e frechais.



[39b]. Quarto Norte da construção 6.

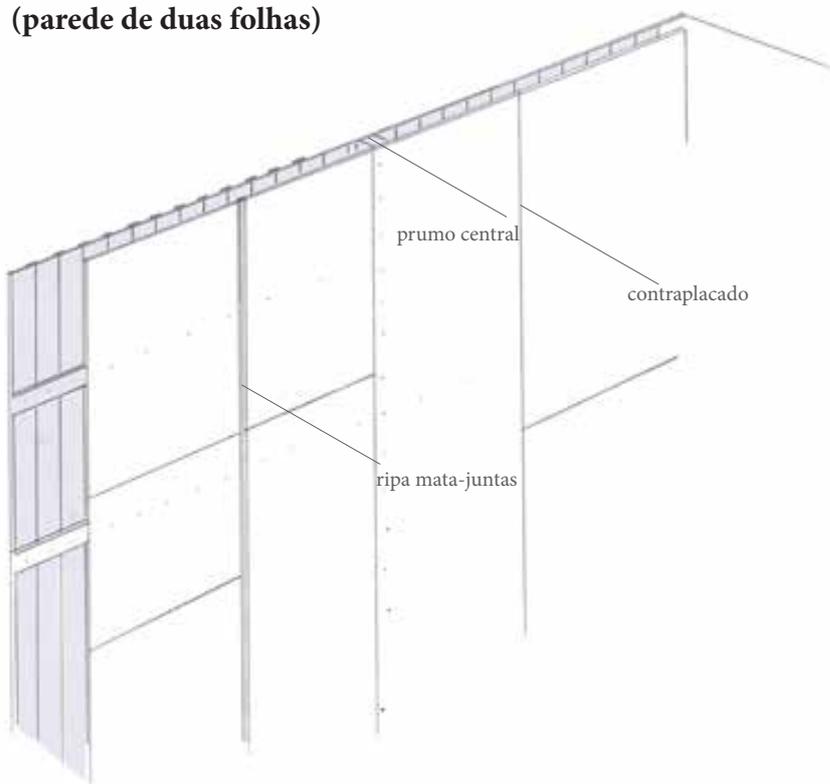


[40b]. Prumo central e lareira na empena Poente da construção 6.



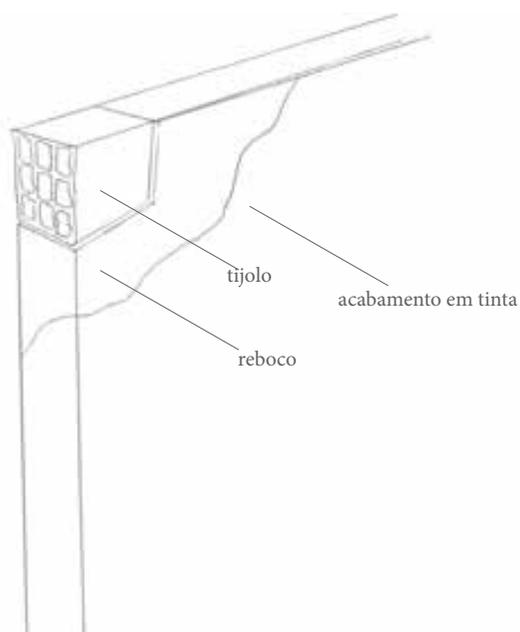
[40c]. Espaço de refeições e estar da construção 6.

Tipo 3, revestimento interior em contraplacado sobre estrutura (parede de duas folhas)



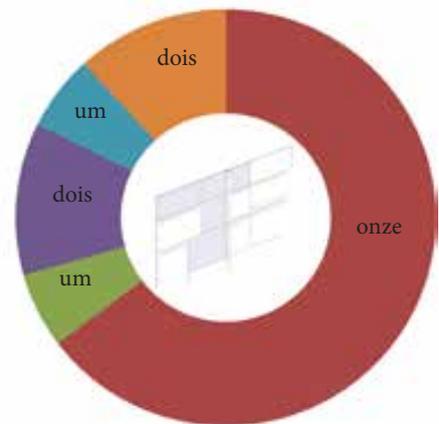
[40a]. Os prumos podem estar à vista ou entre as duas camadas de revestimento. O contraplacado está pregado aos travessanhos e frechais.

Tipo 4, revestimento interior em reboco pintado



[41]. A superfície rebocada nem sempre é uniforme e a cor da pintura pode variar.

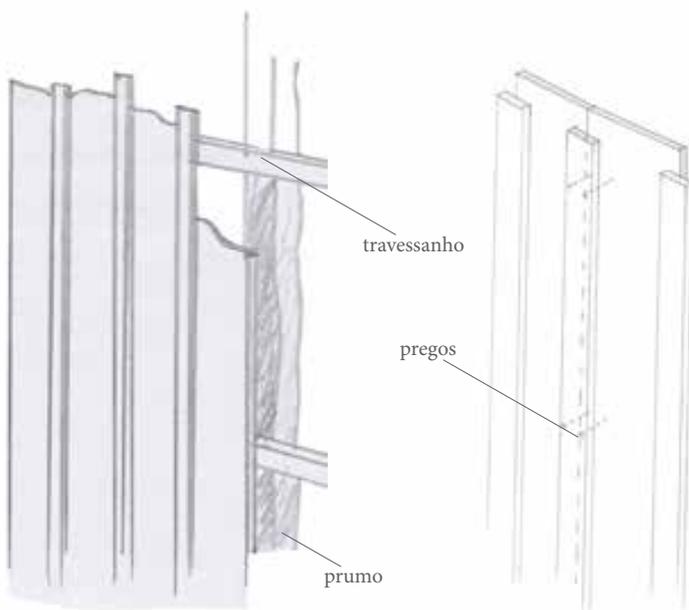
O revestimento interior [42] mais comum das paredes exteriores das habitações na aldeia, é o próprio revestimento exterior. Isto deve-se ao facto de onze das habitações possuírem paredes exteriores de apenas uma folha de contraplacado. A solução de revestimento apenas é diferente em duas habitações, que optaram por introduzir o contraplacado como uma segunda camada de parede sobreposto aos prumos de troncos de madeira.



[42]. Paredes exteriores (revestimento interior):
 ■- “Tipo 1”; ■- “Tipo 2”; ■- “Tipo 3”; ■- “Tipo 4”; ■- “mais do que um tipo”.

3.2.2.2. Paredes exteriores - revestimento exterior

Tipo 1, revestimento exterior em tabuado de madeira



[43a]. A quantidade de pregos usados por ripa pode variar.



[43b]. Pormenor das paredes sobre o pilar; construção 6.



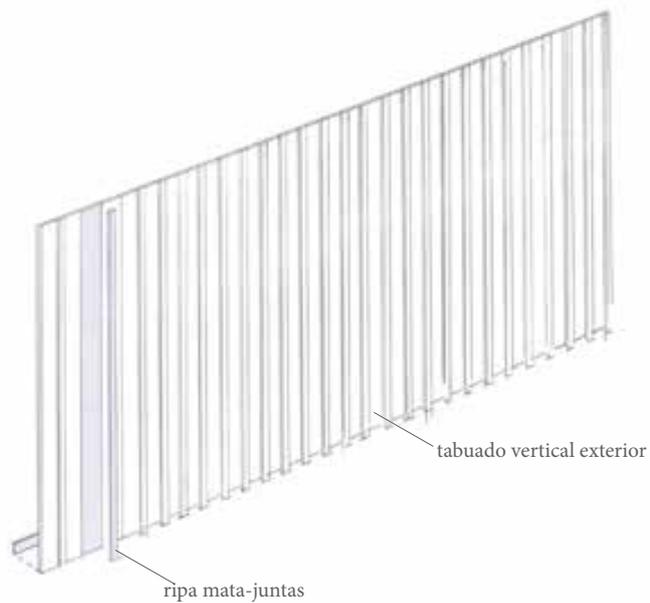
[43d]. No caso da construção 6, a parede exterior Nascente não apresenta ripas mata-juntas.



[43e]. Pormenor da parede Norte da construção 6.

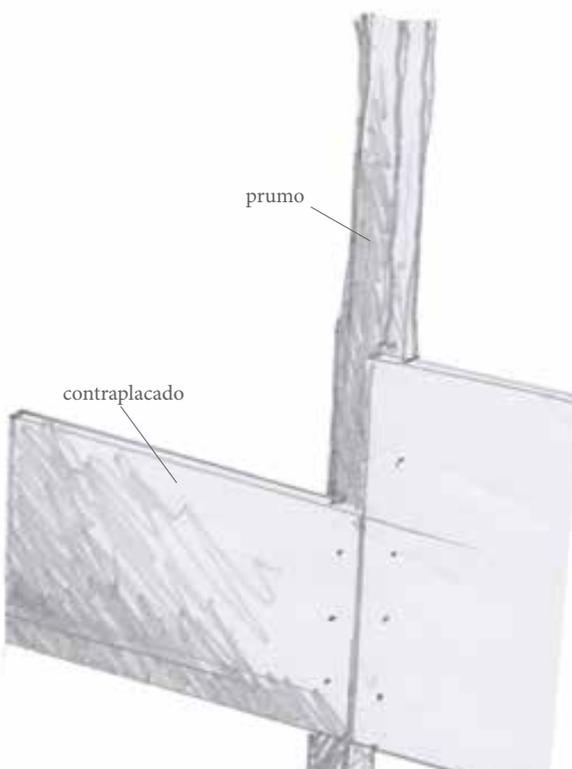


[44b]. Pormenor das juntas do contraplacado nos vértices das paredes.



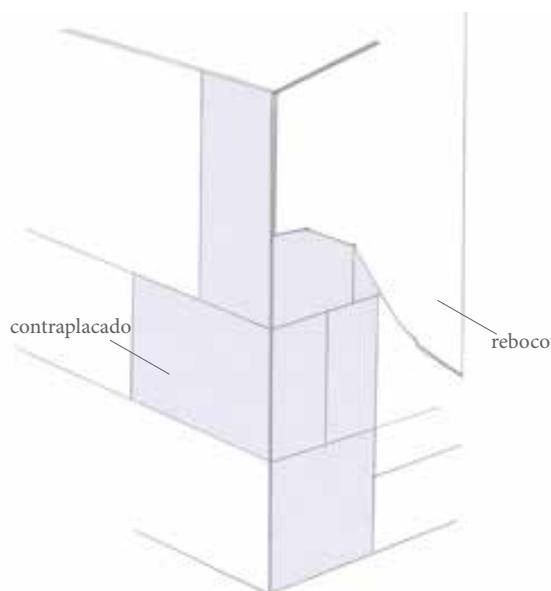
[43c]. As tábuas são sempre dispostas verticalmente.

Tipo 2, revestimento exterior em contraplacado



[44a]. As placas estão dispostas quase como “patchwork”.

Tipo 2.1, revestimento exterior em contraplacado revestido com reboco e pintura

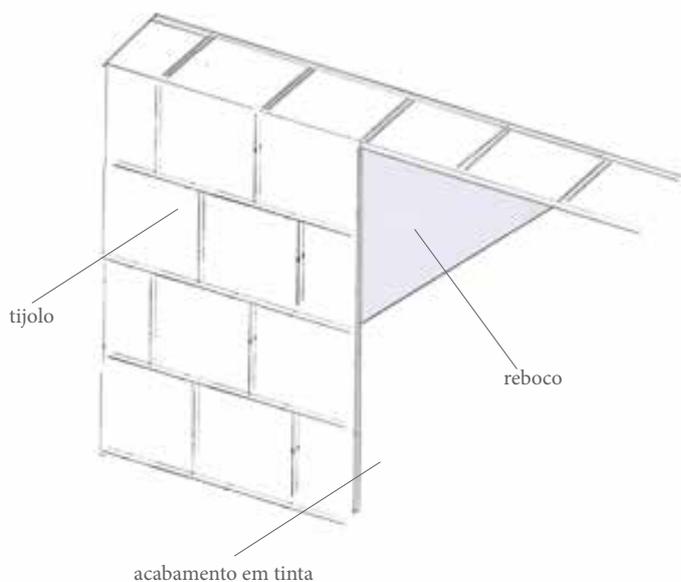


[45a]. A parede está totalmente ou parcialmente revestida a reboco.



[45b]. Pormenor da espessura do reboco aplicado sobre o contraplacado; construção 2.

Tipo 3, revestimento exterior em reboco pintado sobre tijolo



[46a]. Desenho de uma parede de tijolo.



[46b]. Construção 9.

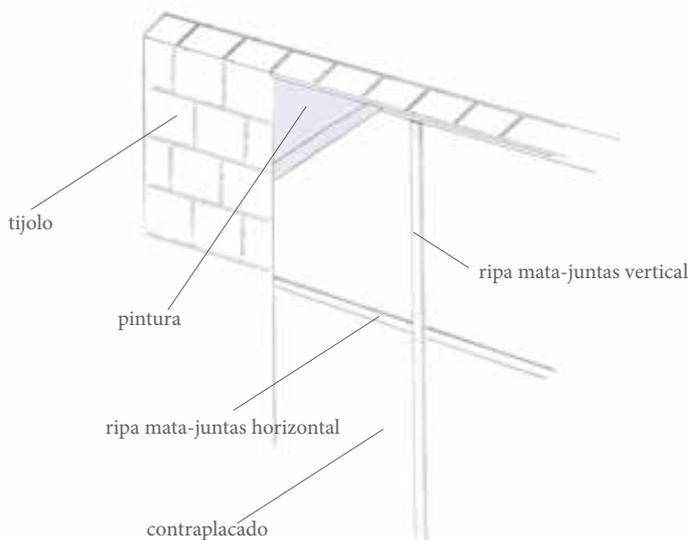


[46c]. Pormenor da textura da parede da construção 6; a superfície do revestimento é areada.



[47b]. Construção 15.

Tipo 3.1, revestimento exterior, contraplacado sobre tipo 3

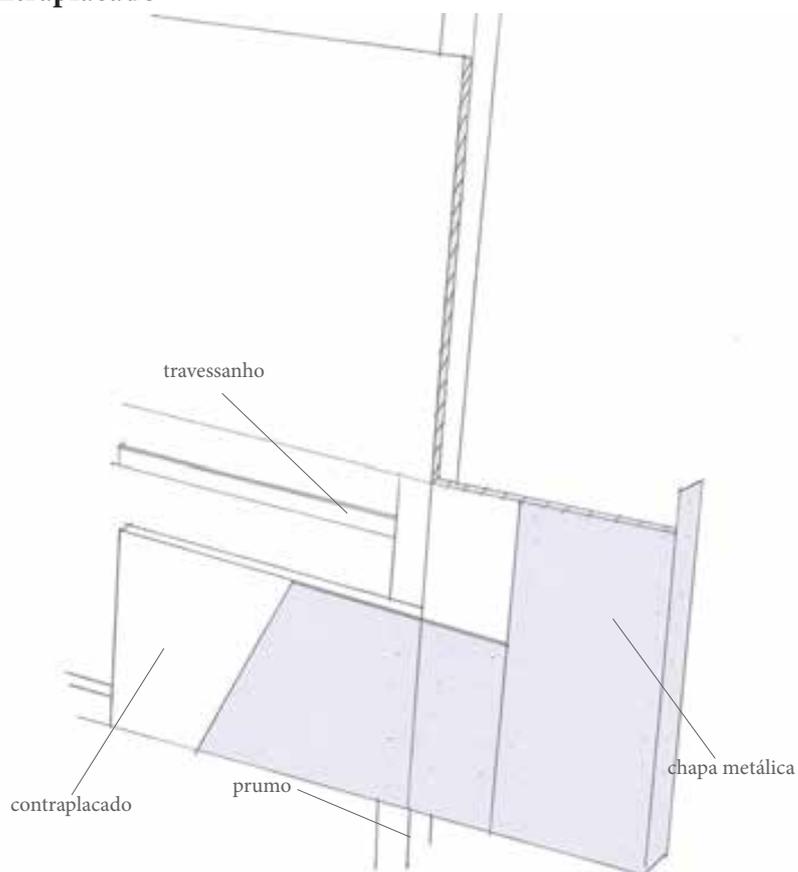


[47a]. O contraplacado é aplicado segundo uma métrica de aproximadamente 1m.



[48b]. Pormenor do vértice das paredes exteriores; pormenor da viragem da chapa; construção 1.

Tipo 4, revestimento exterior em chapa metálica sobre contraplacado



[48a]. As chapas são aplicadas e pregadas directamente ao contraplacado.



[48c]. Pormenor da parede Sul da construção 24.

Quanto ao revestimento exterior [49] das paredes, o elemento mais comum é o contraplacado, contando com sete habitações, no entanto, existem também sete habitações com “mais do que um tipo” de revestimento exterior. Nesta designação “mais do que um tipo” está também incluído este mesmo material, o contraplacado, pelo que, este é o material mais comum nesta categoria. Apenas duas habitações apresentam o tabuado como revestimento exterior, e o segundo revestimento mais comum é o reboco pintado sobre tijolo. Percebe-se a evolução dos materiais neste campo, inicialmente as habitações seriam maioritariamente em tabuado e progressivamente foram adoptando o contraplacado como principal material de revestimento, e mais tarde paredes em tijolo.



[49]. Paredes exteriores (revestimento exterior): ■- “Tipo 1”; ■- “Tipo 2”; ■- “Tipo 2.1”; ■- “Tipo 3”; ■- “Tipo 3.1”; ■- “Tipo 4”; ■- “mais do que um tipo”.

3.2.3. Cobertura - estrutura

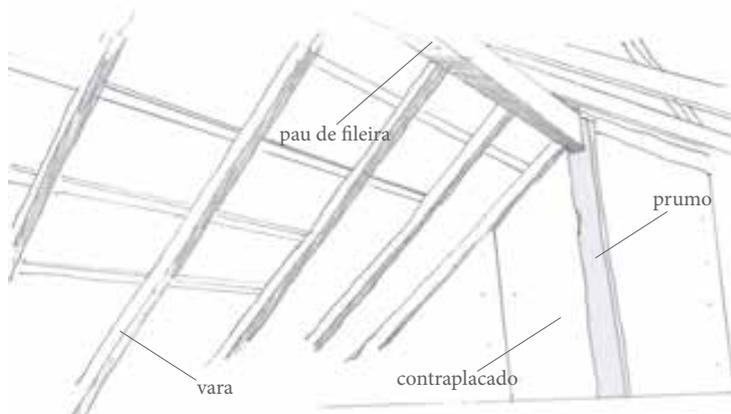
Tipo 1, estrutura em madeira



[50a]. Corte da estrutura da cobertura sem telhas.



[50c]. Pormenor do pau de fileira ao exterior.



[50b]. Encaixe do pau de fileira com o prumo; ripas de suporte de telhas sobre as varas.



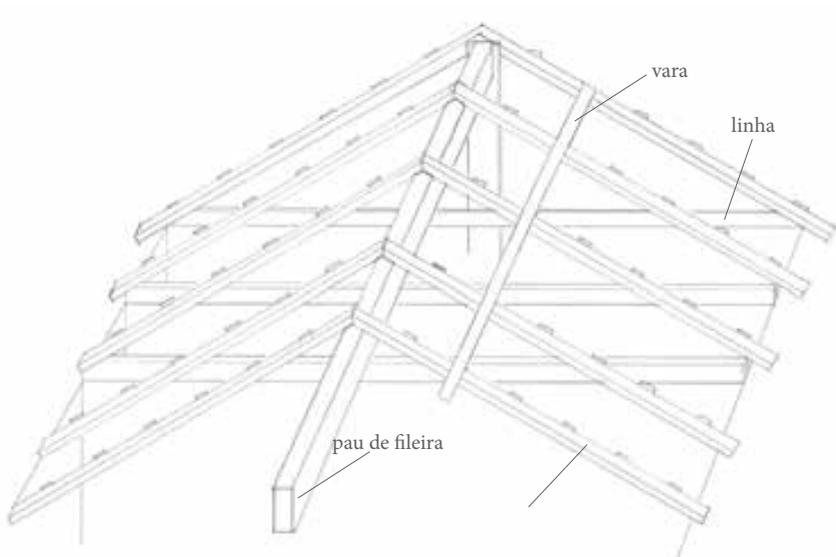
[50d]. Pormenor do encontro entre o pau de fileira, varas e prumo central; construção 6.



[50f]. Varas sobre o frechal embutido na parede exterior; construção 6.



[50g]. Estrutura da cobertura da construção 5.

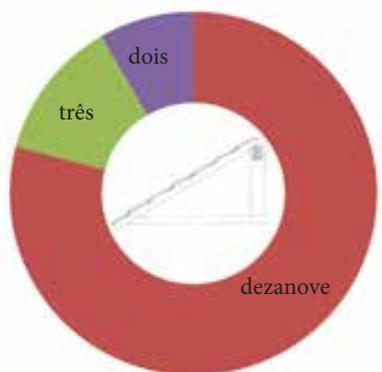


[50e]. Axonometria-esquema do sistema de cobertura.

A estrutura da cobertura [51] faz parte dos componentes recolhidos sem variedade anteriormente referidos. Do total das vinte e oito habitações do quadro, dezanove têm este tipo de solução e nove estão incluídas na categoria “não existe/sem acesso”. As pequenas variações que existem, como por exemplo, diferentes espaçamentos entre varas ou diferentes quantidades de madres, não constituem por si só um novo “tipo”. Tal como a estrutura, o revestimento exterior [52] das coberturas das habitações da aldeia, está maioritariamente caracterizado por uma só solução, neste caso, pela telha marselha. A telha marselha, após os Avieiros terem abandonado as barracas de caniço ou lona, terá sido o revestimento mais comum entre as palafitas. Podem-se associar as habitações com este “tipo” de revestimento às habitações mais antigas da aldeia, e os revestimentos como o fibrocimento ou a telha de cimento às construções ou modificações mais recentes.



[51]. Cobertura (estrutura): ■ - “Tipo 1”; ■ - “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.



[52]. Cobertura (revestimento exterior): ■ - “Tipo 1”; ■ - “Tipo 2”; ■ - “Tipo 3”.

3.2.3.1. Cobertura - revestimento

Tipo 1, revestimento exterior em telha marselha

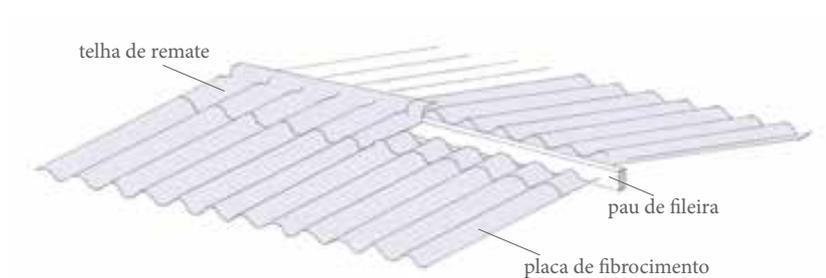


[53a]. Corte da estrutura da cobertura com o encaixe das telhas.



[53b]. As telhas do anexo 13.

Tipo 2, revestimento exterior em fibrocimento ondulado

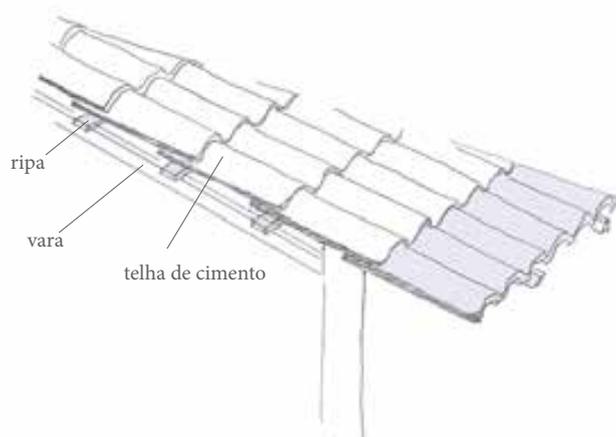


[54a]. Relação das placas com o remate e viga.



[54b]. As placas de fibrocimento da habitação 12.

Tipo 3, revestimento exterior em telha de cimento



[55a]. Revestimento em telha de cimento.



[55b]. As telhas de cimento do anexo 9.

3.2.3.2. Cobertura - beiral

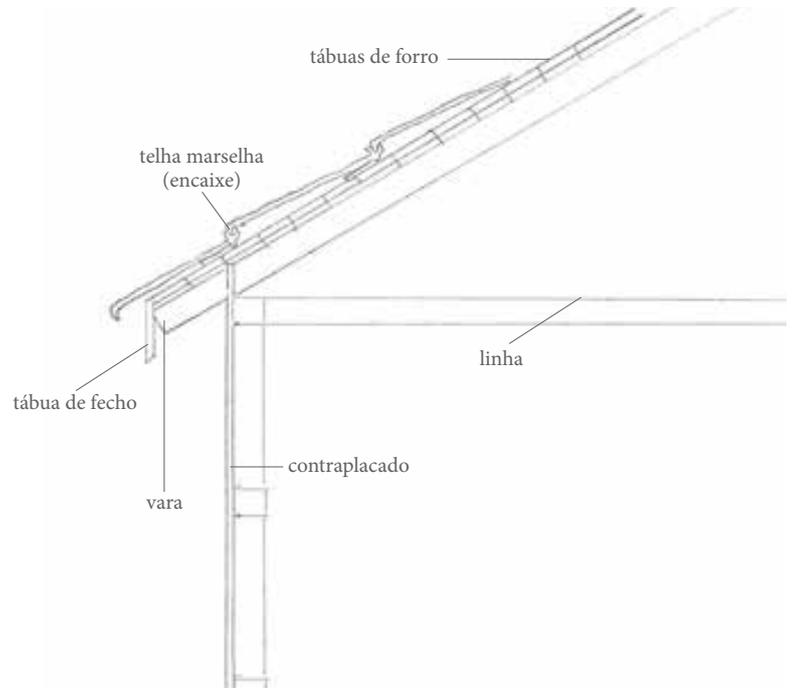


[56c]. Pormenor do beiral da construção 2.



[56d]. Pormenor do beiral da construção 5.

Tipo 1, beiral com tábua de fecho



[56a]. Corte-desenho do beiral

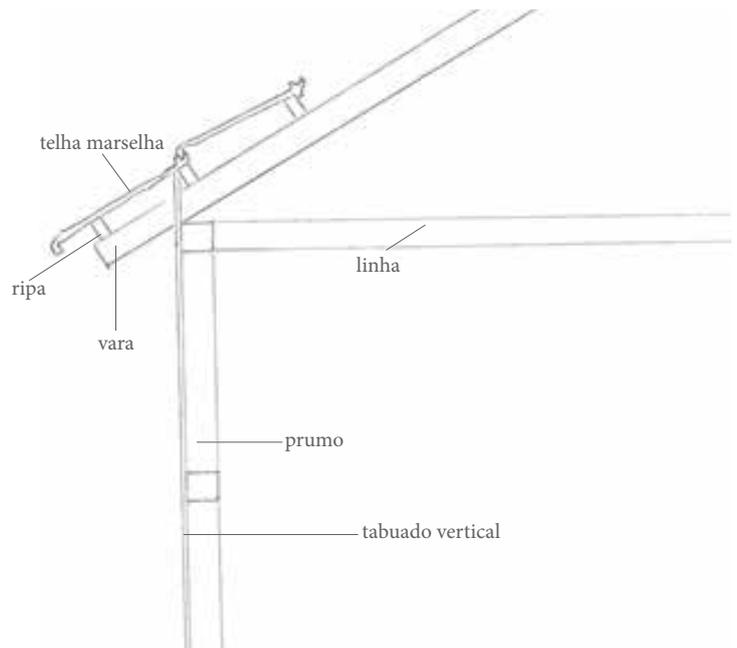


[56b]. Tábuas de fecho: simples (em cima) e ondulado (em baixo).



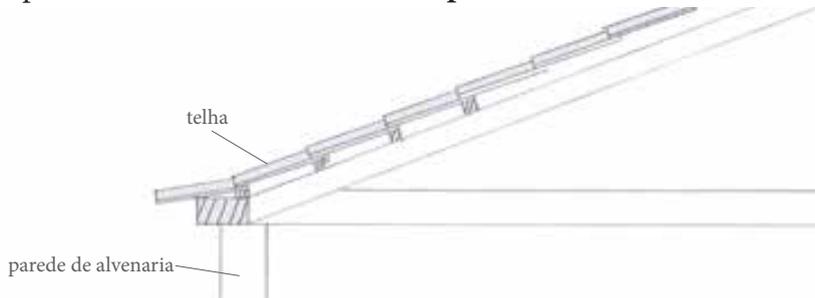
[57b]. Pormenor do beiral da construção 7.

Tipo 2, beiral sem tábua de fecho e sem tábua de barbante



[57a]. Corte-desenho do beiral

Tipo 3, beiral - telha de cimento e parede de alvenaria

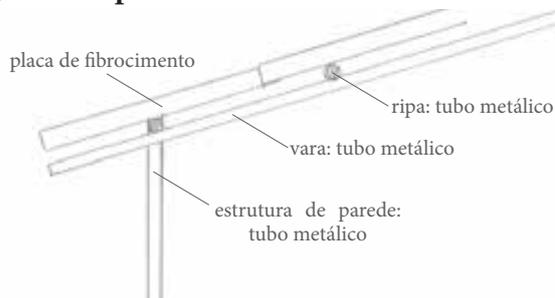


[58a]. Corte-desenho do beiral



[58b]. Pormenor do anexo 9.

Tipo 3.1, beiral - placas de cimento e estrutura metálica

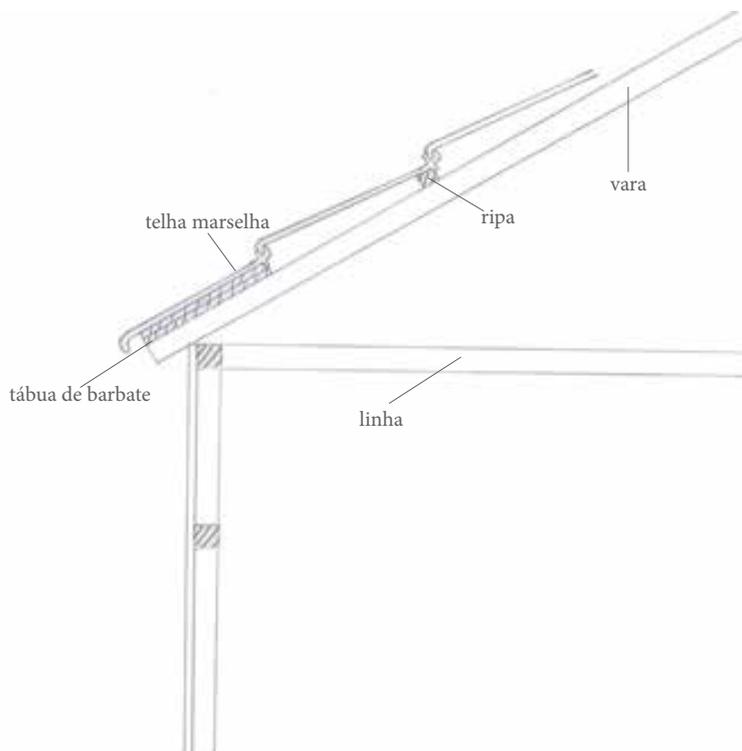


[59a]. Corte-desenho do beiral.



[59c]. Pormenor da habitação 25.

Tipo 4, beiral - com tábuas de barbante



[60a]. Corte-desenho do beiral



[60b]. Pormenor do beiral do anexo 10.

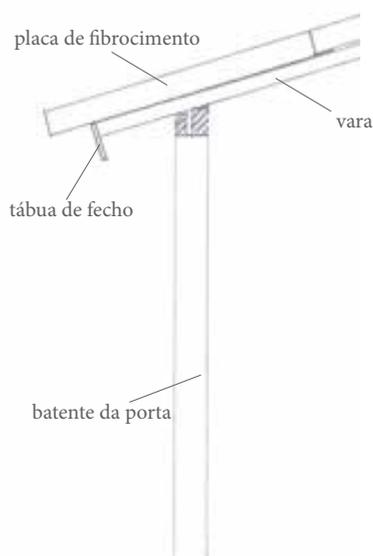


[60c]. Pormenor da habitação 11.

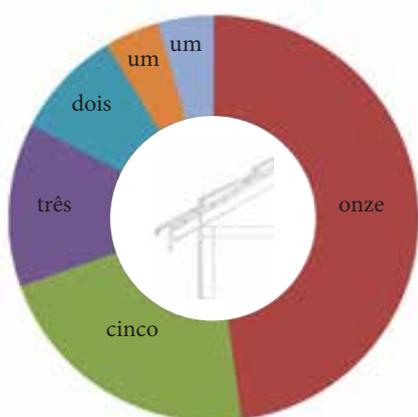


[61b]. Pormenor do beiral da construção 12.

Tipo 5, beiral - placas de cimento com fecho decorativo



[61a]. Corte-desenho do beiral

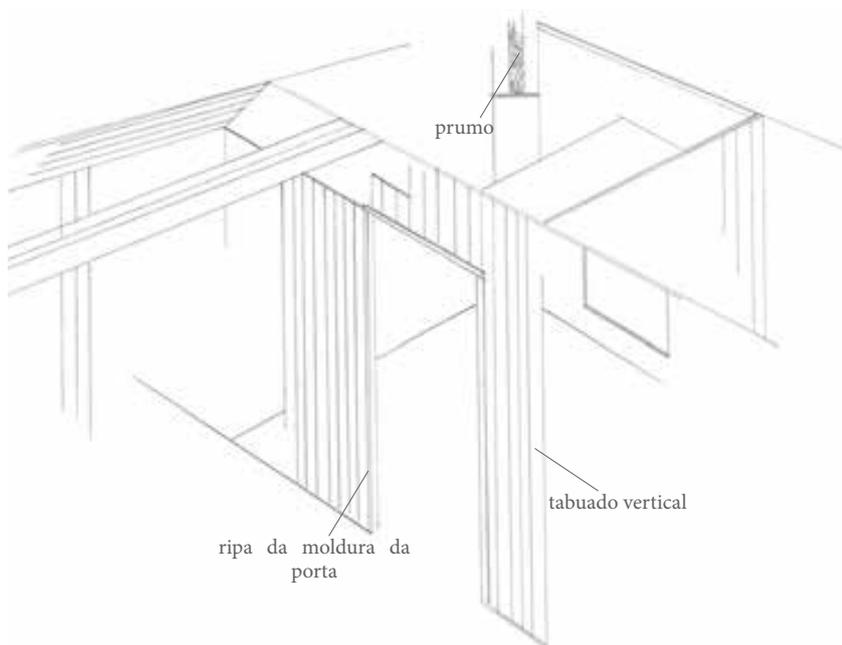


[62]. Cobertura (beiral): ■ "Tipo 1"; ■ "Tipo 2"; ■ "Tipo 3"; ■ "Tipo 4"; ■ "Tipo 5"; ■ "mais do que um tipo".

Foram encontrados cinco “tipos” de beirais [62] na Palhota, sendo o beiral de “tipo 1” o mais comum com onze exemplares. O segundo “tipo” mais comum é o “tipo 2”, presente em cinco habitações. A diferença entre o “tipo 1” e “tipo 2” corresponde ao elemento de fecho e decorativo do beiral. Este elemento do “tipo 1” poderá encontrar-se em forma de tábua simples ou ondulada, não constituindo este diferente corte um novo “tipo”. Os beirais estão directamente associados aos tipos de materiais usados para constituição das paredes e cobertura.

3.2.4. Paredes interiores

Tipo 1, paredes em folhas e tabuado de madeira



[63a]. Desenho geral das paredes interiores de uma construção.

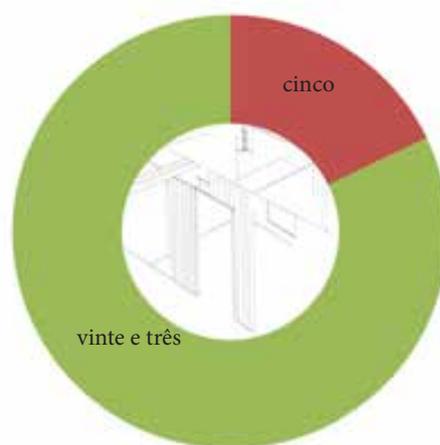
As paredes interiores [64] das casas visitadas reflectem a tradição na organização do espaço da casa pelo Avieiros. As paredes interiores dividem os vários espaços (espaço comum, espaços de dormir e espaço de arrumos), e são constituídas por tábuas de madeira. Tratam-se de paredes finas e leves, que serviriam apenas para organizar o espaço. Os anexos e cozinhas são constituídos por apenas um espaço único, sem divisões.



[63b]. Fotografia do interior da construção 5.



[63c]. Fotografia do quarto Norte da construção 5.



[64]. Paredes interiores: ■ - "Tipo 1"; ■ - "Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica".

3.2.5. Pavimento interior

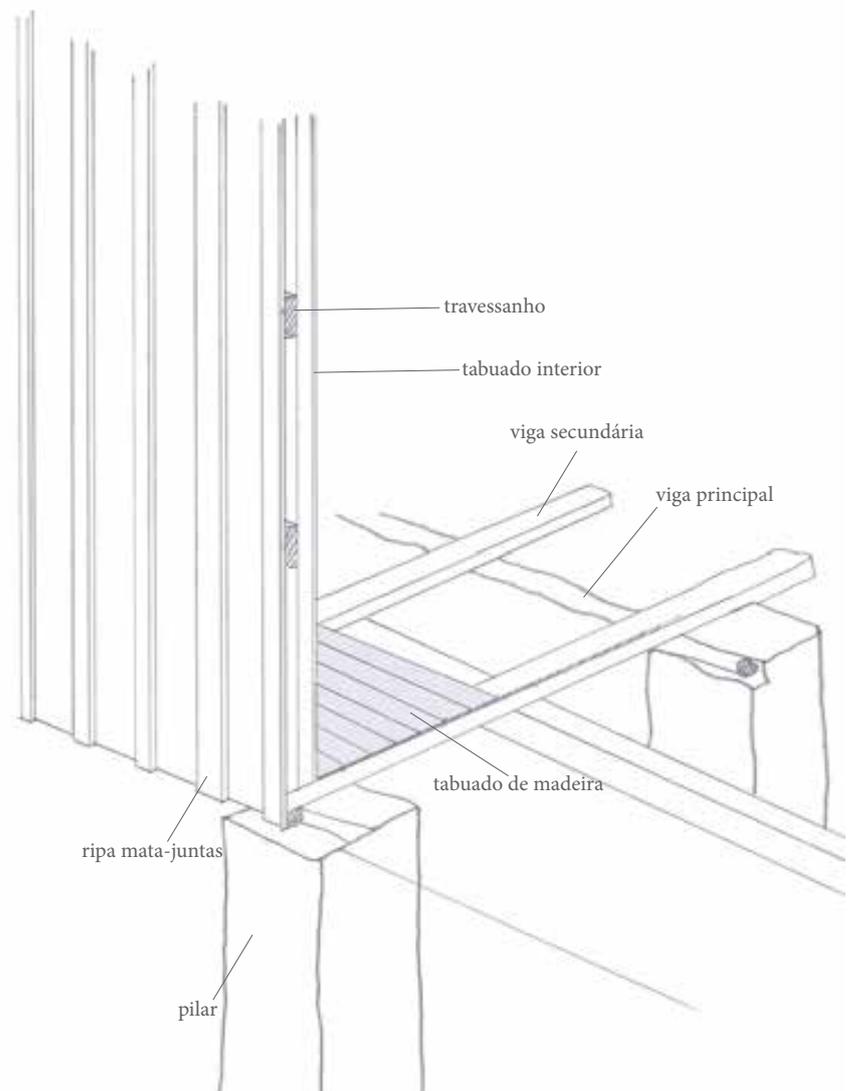
Tipo 1, pavimento em tabuado de madeira



[65b]. Elementos de madeira (inclusive o pavimento) da construção 6.

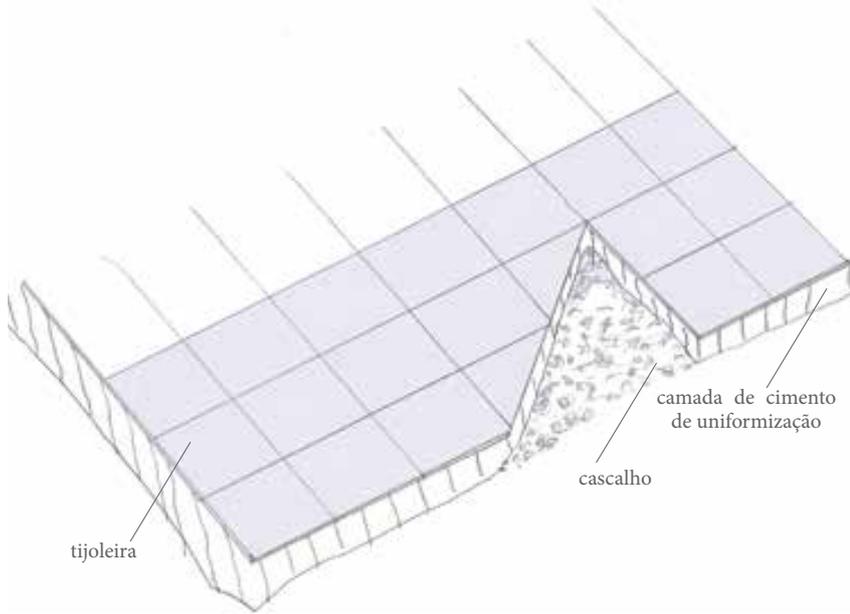


[65c]. Pormenor do encaixe da parede exterior com o pilar; construção 6.



[65a]. Desenho do encaixe da parede exterior e do pavimento.

Tipo 2, pavimento em tijoleira (sobre terreno natural)

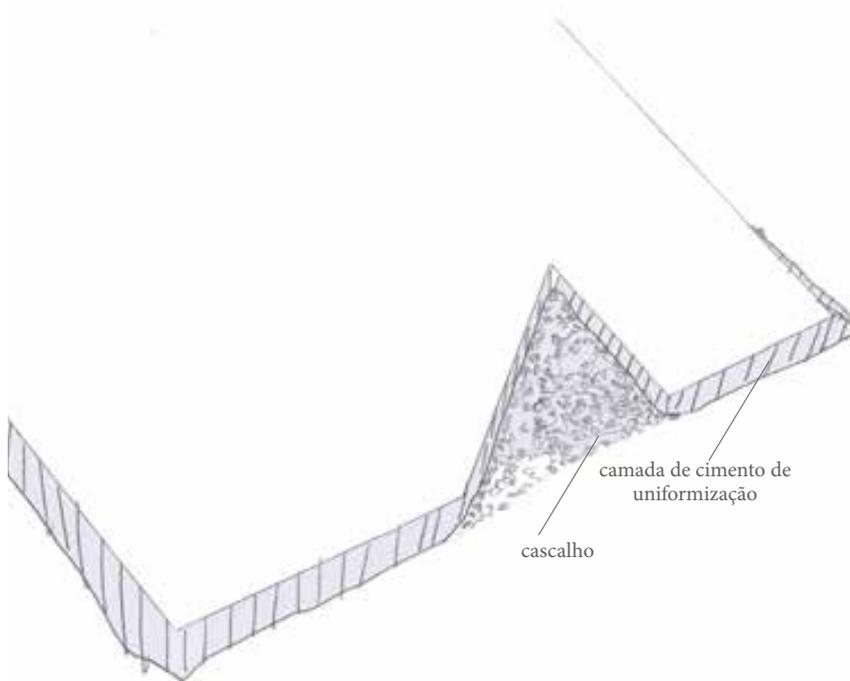


[66a]. Desenho do pavimento.



[66b]. Fotografia do pavimento do anexo 3.

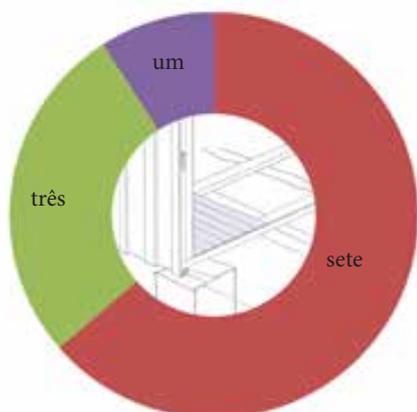
Tipo 3, pavimento em cimento (sobre terreno natural)



[67a]. Desenho do pavimento.



[67b]. Fotografia do pavimento do anexo 8.



[68]. Pavimento interior (revestimento):
 ■ - “Tipo 1”; ■ - “Tipo 2”; ■ - “Tipo 3”.

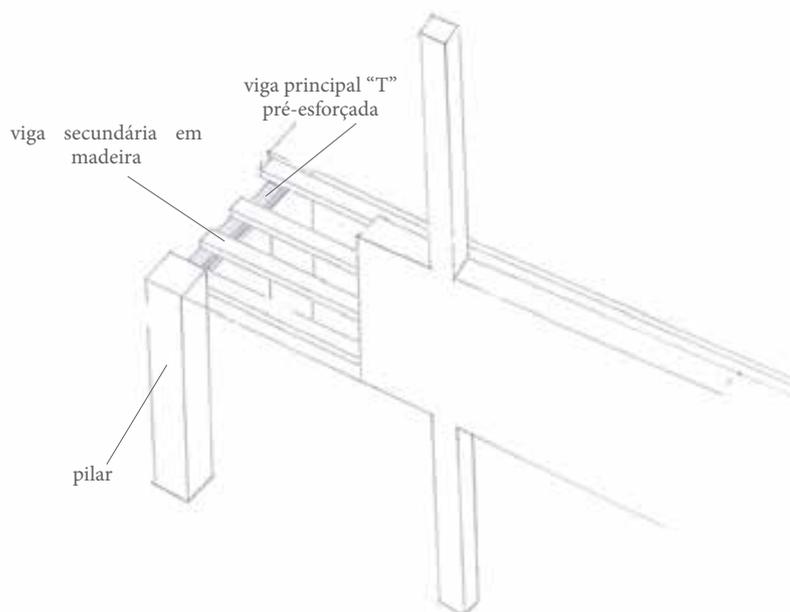
O revestimento do pavimento interior [68] está directamente relacionado com a cota à qual o pavimento da construção se encontra. O tabuado em madeira é o pavimento mais comum, é o único pavimento usado nas habitações sobre pilares, e assenta directamente sobre os sobrados. Este “tipo” de pavimento não é usado em anexos ou cozinhas, pelo que, nestas construções, prevalece o uso da tijoleira ou do cimento. Em algumas habitações foram colados autocolantes com padrões decorativos por cima do tabuado mas, para efeitos de desenho e “tipo”, não foram tidos em conta.

3.2.6. Varanda - estrutura do pavimento



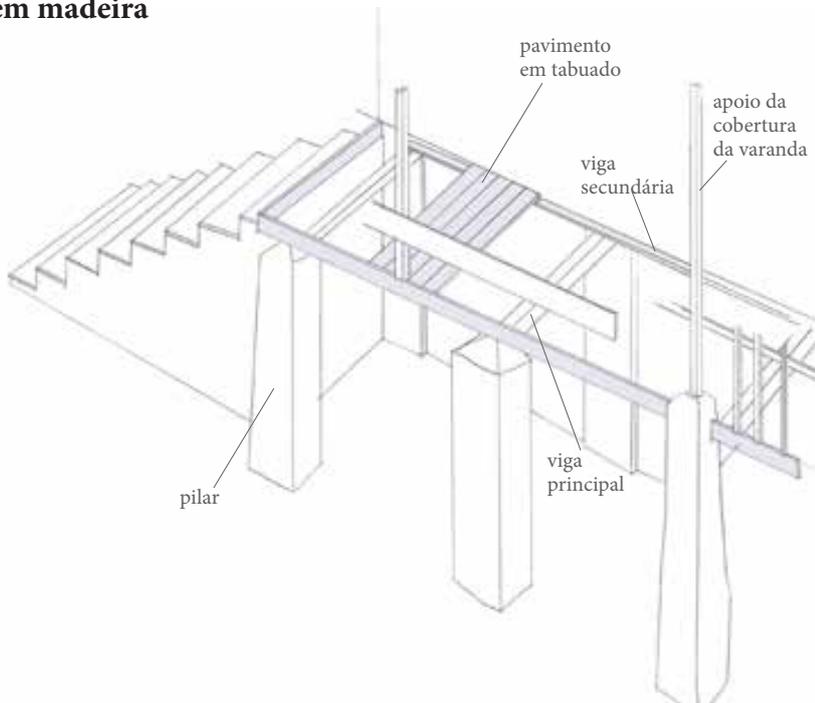
[69b]. Pormenor do encaixe da viga no muro.

Tipo 1, estrutura do pavimento: vigas secundárias em madeira sobre principais vigotas “T” pré-esforçadas



[69a]. Desenho da varanda; a viga pode encaixar no muro ou no pilar.

Tipo 2, estrutura do pavimento: vigas secundárias e principais em madeira

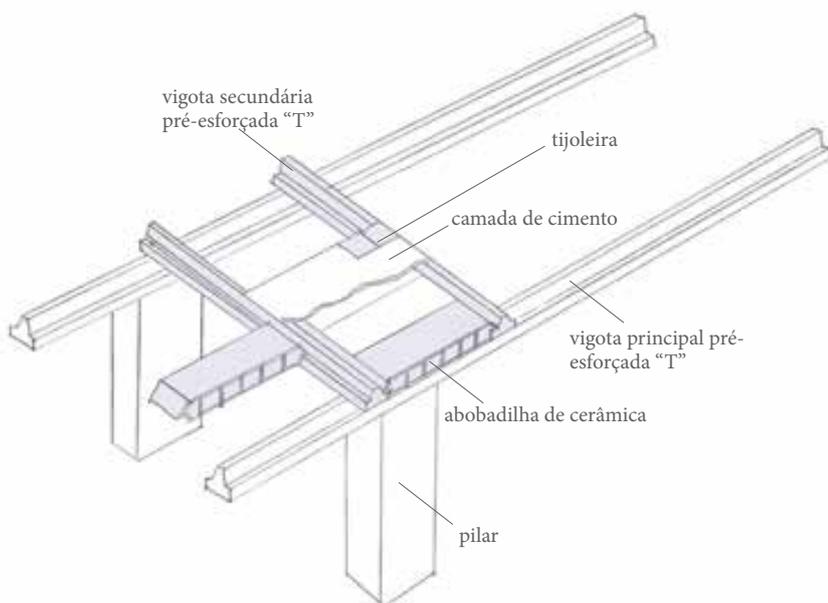


[70a]. Desenho da varanda.



[70b]. Pormenor do encaixe da viga no pilar.

Tipo 3, estrutura do pavimento: abobadilha apoiada sobre vigotas pré-esforçadas



[71a]. Desenho da estrutura do pavimento da varanda.



[71b]. Pormenor do pavimento da varanda da construção 21.



[71c]. Pormenor do pavimento da varanda da construção 5.

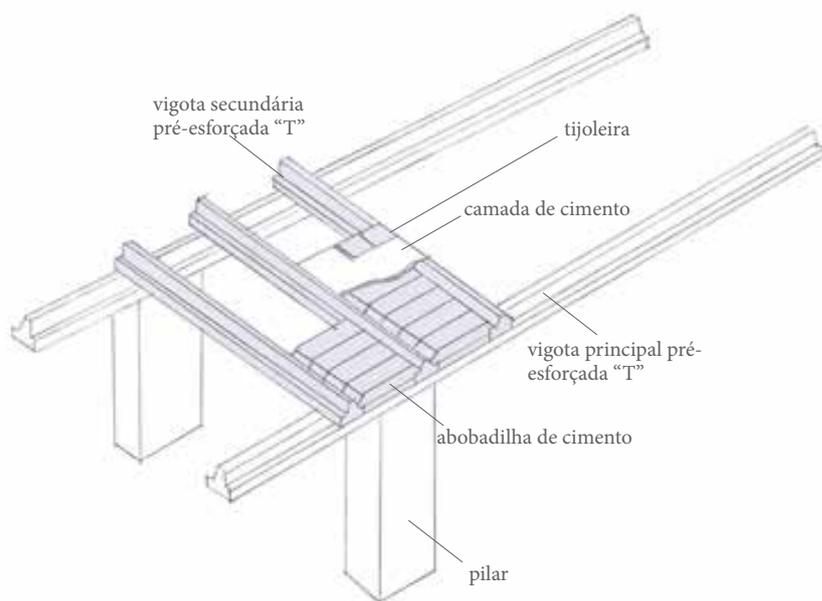


[72b]. Pormenor do pavimento da varanda da construção 6.

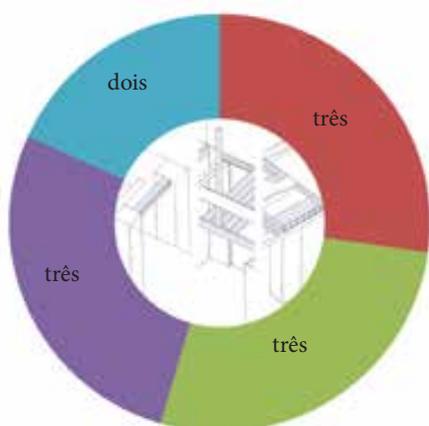


[72c]. Pormenor do pavimento da varanda da construção 18.

Tipo 4, estrutura do pavimento: abobadilhas de cimento apoiadas sobre vigotas pré-esforçadas



[72a]. Desenho da estrutura do pavimento da varanda.



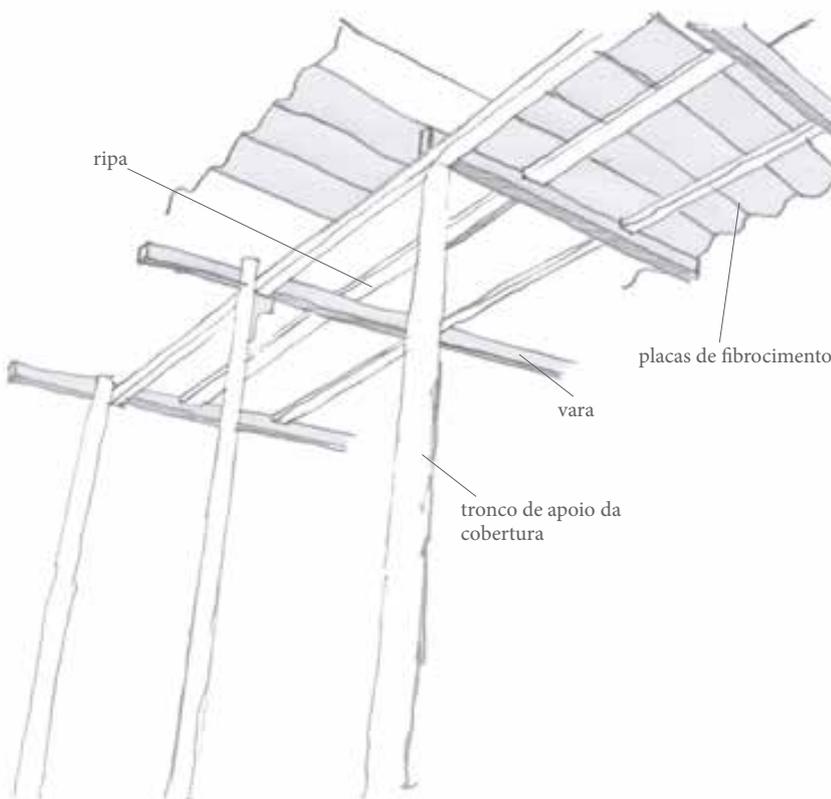
[73]. Varanda (estrutura do pavimento):
 ■ "Tipo 1"; ■ "Tipo 2"; ■ "Tipo 3"; ■ "Tipo 4".

A componente da construção Avieira da aldeia da Palhota que provavelmente cria maiores diferenças a nível formal entre as habitações será a varanda. São espaços que sofreram várias transformações ao longo do tempo de vida da casa. Não só foram alterados os materiais, como as formas, os tamanhos, e ainda, foram acrescentados os espaços de higiene junto à entrada principal da habitação. Toda esta variedade atenua a tendência da tradição construtiva Avieira e faz com que a imagem actual desta aparente ser menos estática, mais variada e também, mais colorida. Para além das dezassete construções às quais a categoria das varandas “não se aplica/não foi possível o acesso/foram destruídas”, as restantes onze estruturas do pavimento das varandas [73] das habitações foram divididas em quatro diferentes “tipos”, sendo que, cada um destes contabiliza três habitações, com a excepção do “tipo 4” que apenas conta com duas habitações. Apesar da existente variedade nesta categoria, existe também equilíbrio e repetição entre os resultados, o que faz com que estas diferentes estruturas sejam integradas na imagem geral da aldeia. Poderá ainda subdividir-se esta categoria

em dois grandes “tipos”. O “tipo 1” e “tipo 2”, correspondem a uma solução leve, usando vigas de madeira ou pré-esforçadas para suportar uma estrutura essencialmente em madeira, enquanto que, o “tipo 3” e “tipo 4”, recorrem a uma estrutura mais pesada, utilizando o tijolo ou o bloco de cimento.

3.2.6.1. Varanda - estrutura dos apoios da cobertura

Tipo 1, estrutura dos apoios da cobertura: em madeira



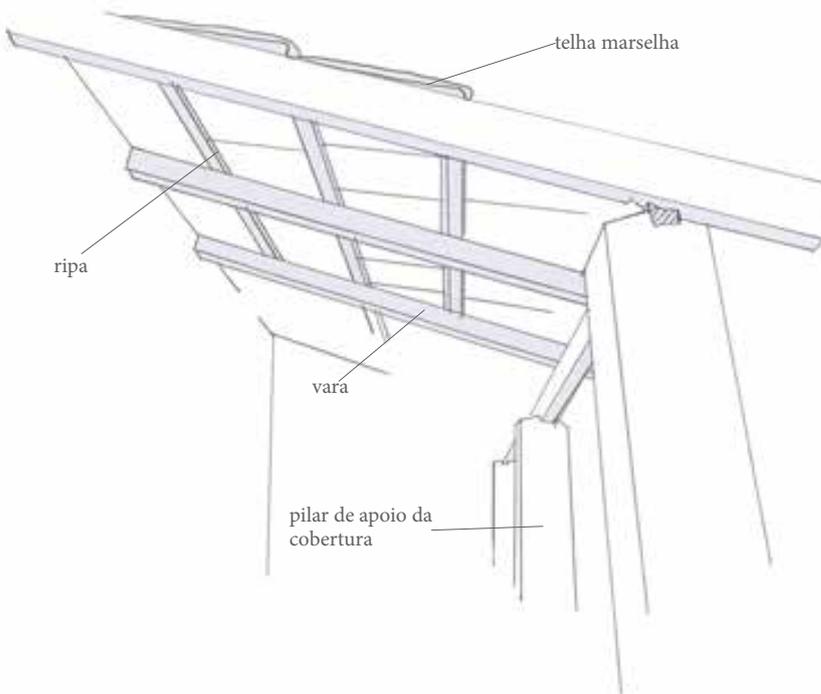
[74b]. Varanda da habitação 6.

[74a]. Desenho da estrutura da cobertura da varanda.



[75b]. Varanda da habitação 5.

Tipo 2, estrutura dos apoios da cobertura: em alvenaria

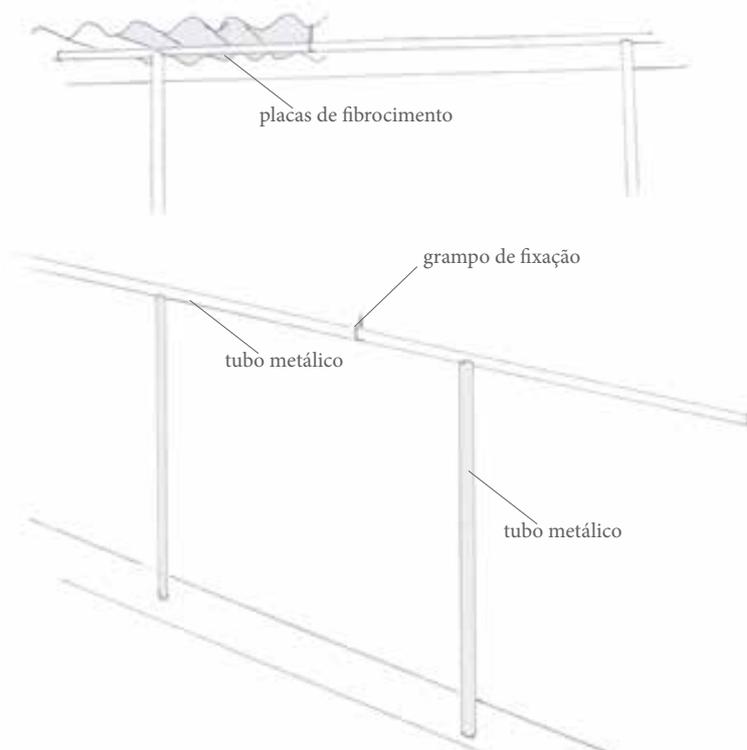


[75a]. Desenho da estrutura da cobertura da varanda.



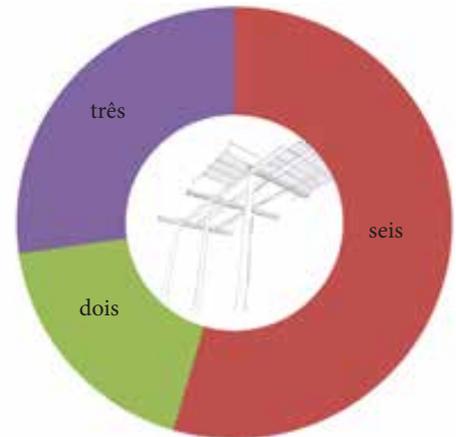
[76b]. Varanda da construção 21.

Tipo 3, estrutura dos apoios da cobertura: com tubos metálicos



[76a]. Desenhos dos apoios.

Os apoios da cobertura da varanda [77] estão distribuídos em três diferentes “tipos”. Nas onze habitações com varanda, seis estão incluídas no “tipo 1”, duas no “tipo 2”, e três no “tipo 3”. Os “tipos 2 e 3” são soluções que derivam do primeiro “tipo”, aparecendo mais tarde, numa tentativa de tornar esta estrutura menos temporária. Os apoios em madeira são encontrados nas habitações com a estrutura do pavimento da varanda em madeira, e os apoios em alvenaria são encontrados nos pavimentos de tijolo ou bloco de cimento.



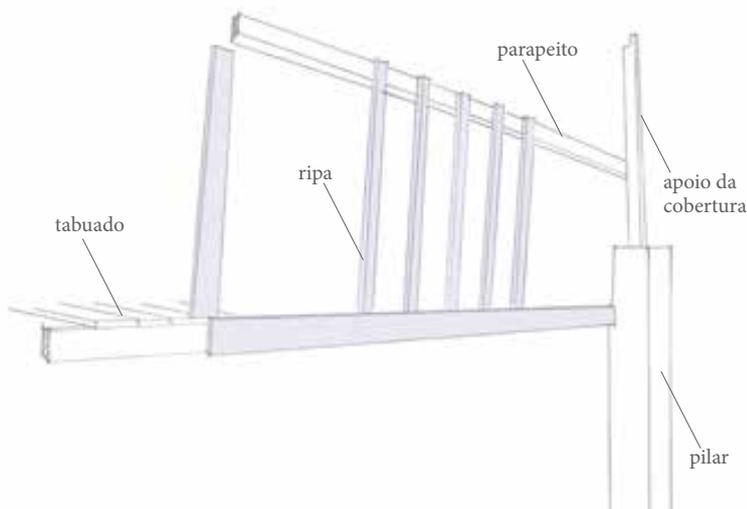
[77]. Varanda (apoios da cobertura):
 ■ - “Tipo 1”; ■ - “Tipo 2”; ■ - “Tipo 3”.

3.2.6.2. Varanda - anteparos

Tipo 1, anteparos em madeira



[78b]. Varanda da construção 4.

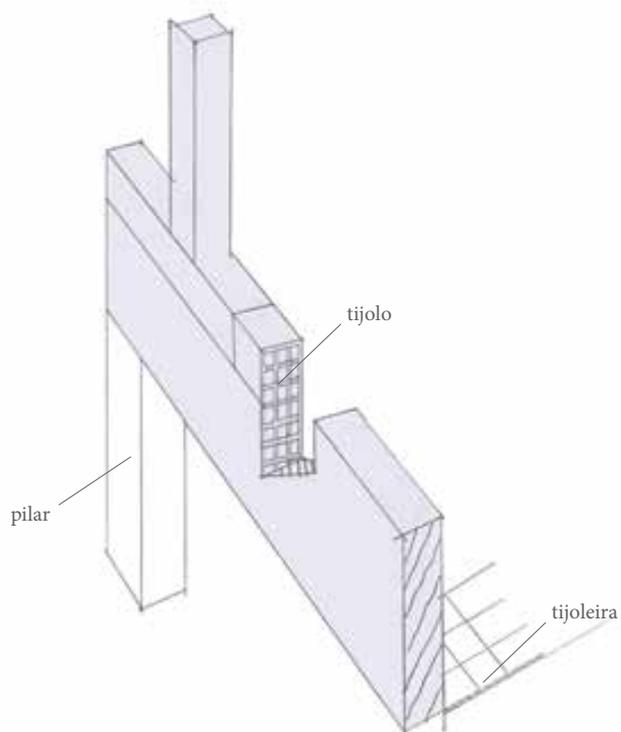


[78a]. Desenho das várias peças que compõem o anteparo.



[79b]. Varanda da construção 5.

Tipo 2, anteparos em alvenaria

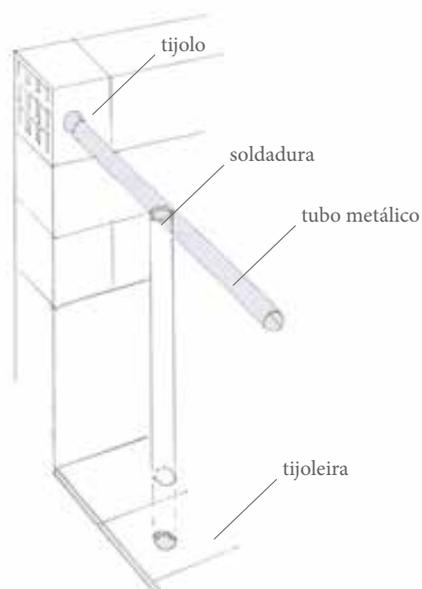


[79a]. Desenho do anteparo em alvenaria.



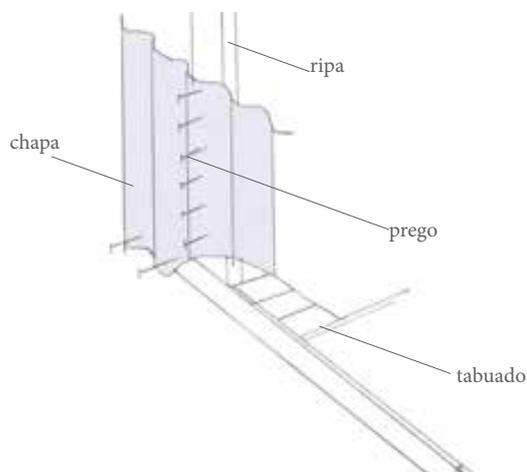
[80b]. Varanda da construção 18.

Tipo 3, anteparos de tubos metálicos



[80a]. Demonstração do encaixe dos tubos metálicos na parede e pavimento.

Tipo 4, anteparos em chapa metálica ondulada

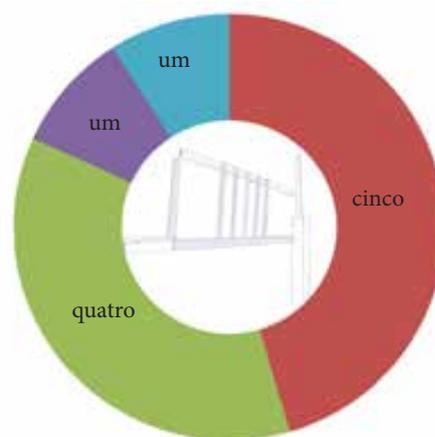


[81a]. Chapa pregada sobre ripa.



[81b]. Construção 22.

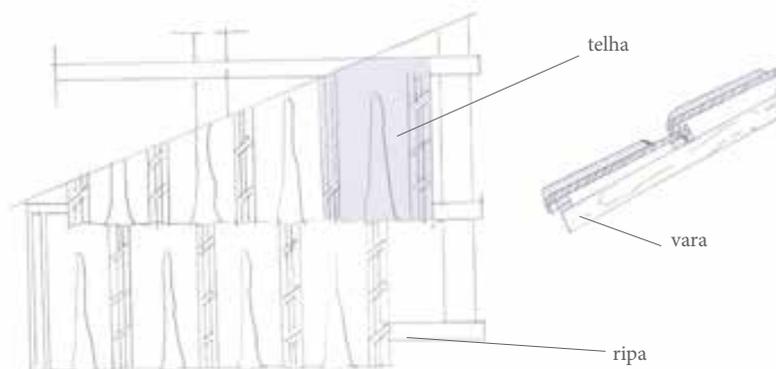
Apesar das várias misturas de materiais, os anteparos [82] em madeira, ou seja do “tipo 1”, ainda são os mais comuns com cinco exemplares, seguindo-se as pequenas paredes de alvenaria, pormenor do “tipo 2”, encontradas em quatro habitações. Tal como nos restantes componentes da varanda já mencionados, a madeira seria o material primitivo, evoluindo depois para as soluções em alvenaria. As estruturas em madeira estão também apenas presentes nas habitações com a estrutura do pavimento e os apoios da cobertura em madeira.



[82]. Anteparos: ■ “Tipo 1”; ■ “Tipo 2”; ■ “Tipo 3”; ■ “Tipo 4”.

3.2.6.3. Varanda - revestimento da cobertura

Tipo 1, cobertura da varanda em telha marselha



[83a]. Planta e corte da telha marselha sobre ripa.

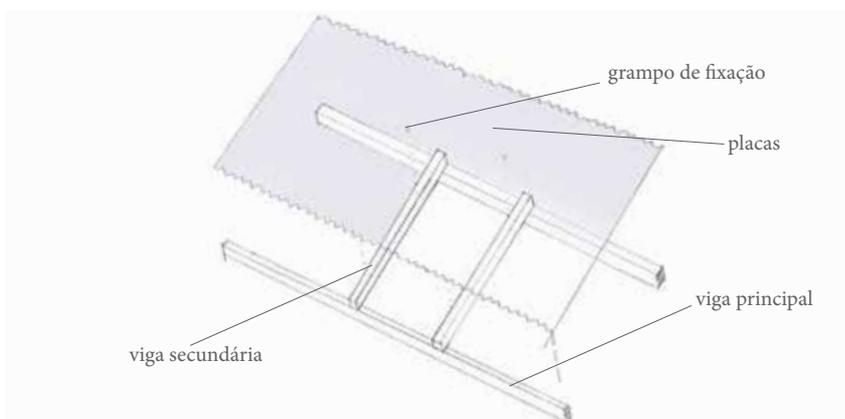


[83b]. Construção 4.



[84b]. Construção 2.

Tipo 2, cobertura da varanda em placas onduladas de fibra de vidro

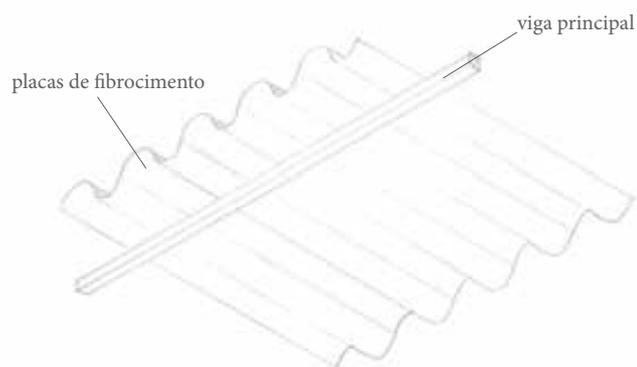


[84a]. Fibra de vidro fixada à estrutura da cobertura. As placas sobrepõem-se nas juntas.



[85b]. Construção 21.

Tipo 3, cobertura da varanda em placas onduladas de fibrocimento

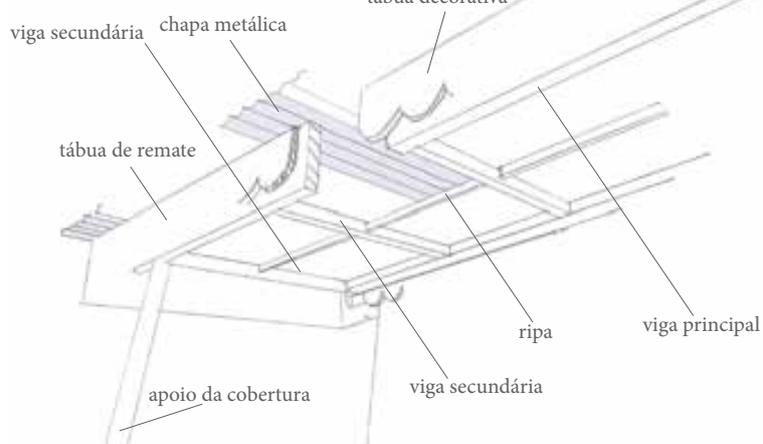


[85a]. Placas onduladas fixadas à estrutura da cobertura.



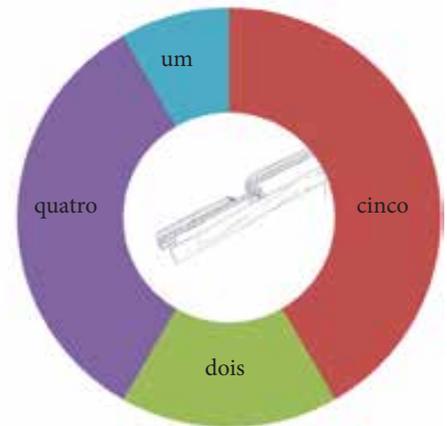
[86b]. Pormenor da cobertura da varanda; construção 1.

Tipo 4, cobertura da varanda em placas onduladas de chapa metálica



[86a]. Chapa fixada à estrutura de cobertura. As vigas podem encaixar por entalhe.

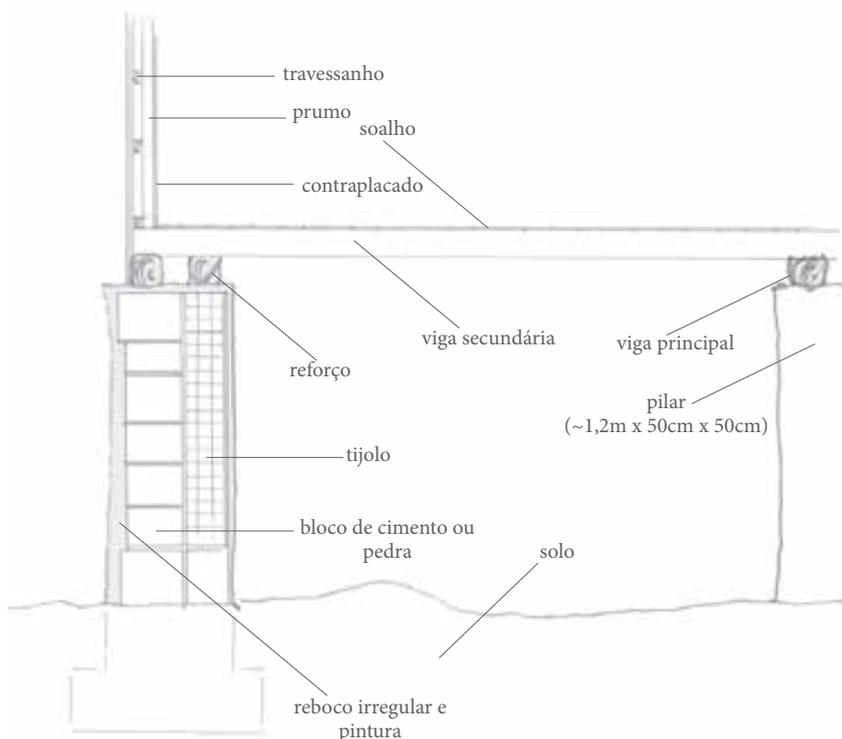
Os revestimentos das coberturas das varandas [87] nem sempre correspondem aos revestimentos das coberturas da habitação. O “tipo 1” é o mais comum, contando com cinco habitações, seguindo-se do “tipo 3” presente em quatro habitações. O revestimento mais comum e as placas de fibrocimento constituem a regra do revestimento nas varandas da aldeia.



[87]. Varanda (revestimento da cobertura):
■ “Tipo 1”; ■ “Tipo 2”; ■ “Tipo 3”;
■ “Tipo 4”.

3.2.7. Fundações

Tipo 1, pilares de tijolo e pedra



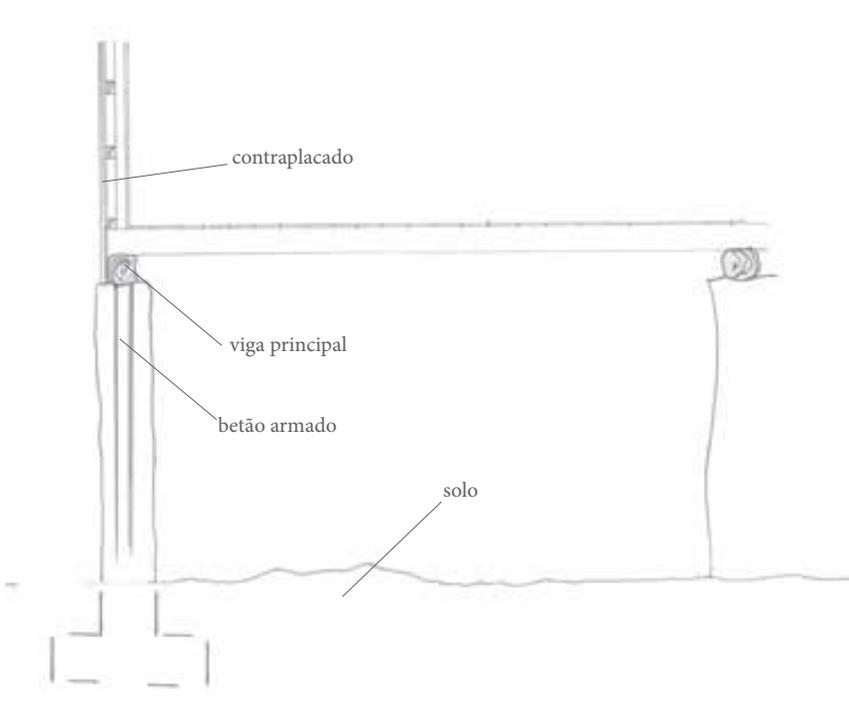
[88b]. Pormenor do tijolo cerâmico que compõe o pilar.

[88a]. Segundo a “Palhota Viva” algumas destas fundações poderão ter mesmo sido construídas em redor dos troncos de árvores que suportariam as construções.



[89b]. Pilar da construção 4.

Tipo 2, pilares de betão armado

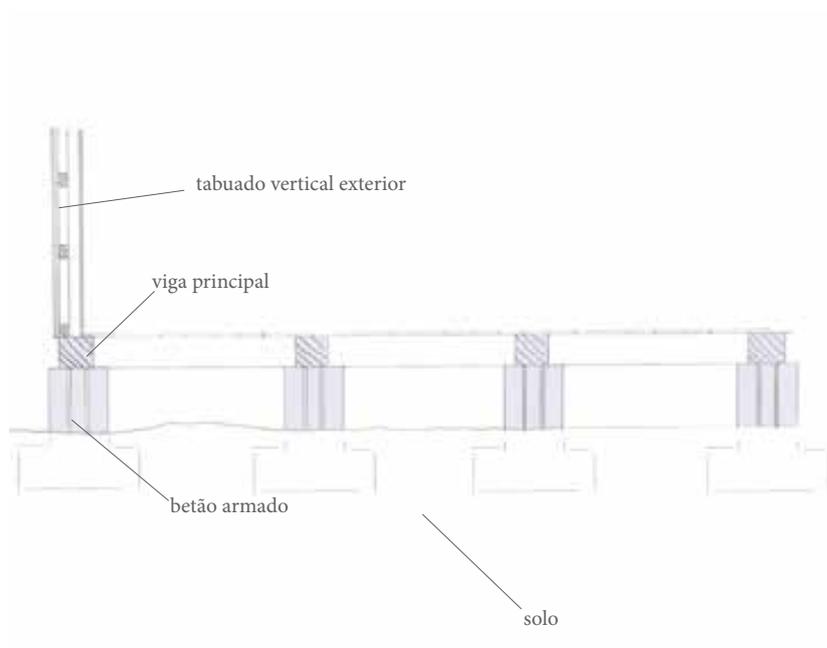


[89a]. Corte-tipo de uma construção com pilares de betão armado.



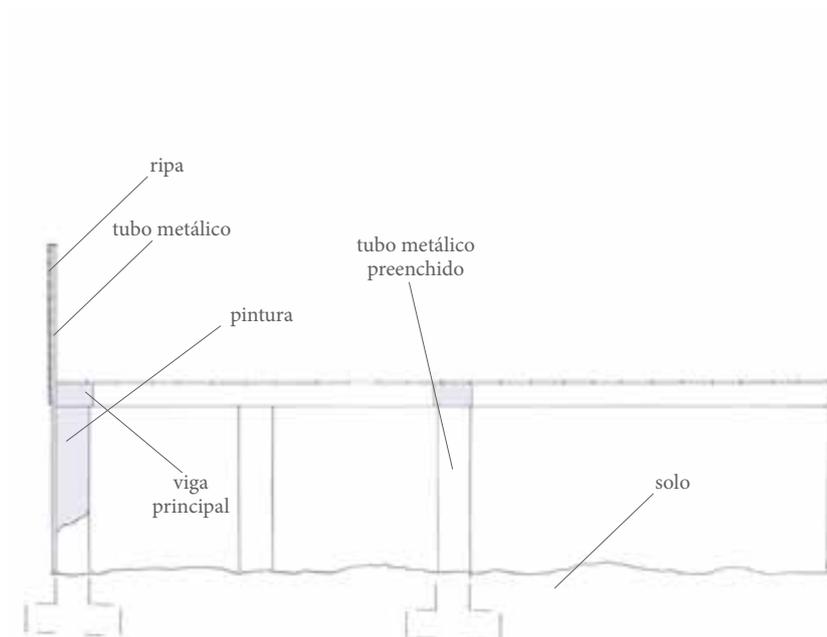
[90b]. Anexo 10.

Tipo 3, pilares cúbicos de betão armado



[90a]. Corte-tipo de uma construção com pilares cúbicos de betão armado.

Tipo 4, pilares em tubo metálico preenchido com cimento



[91a]. Corte-tipo de uma construção com pilares metálicos preenchidos.

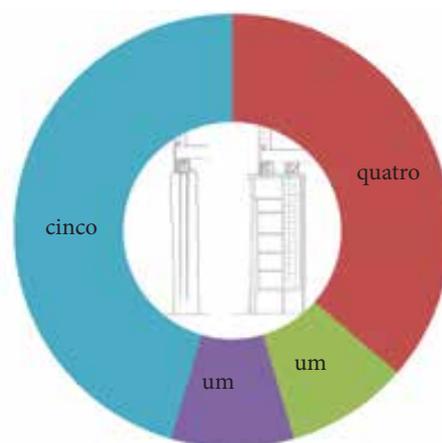
As fundações [92] mais comuns entre as habitações da aldeia são de betão armado, ou tijolo e pedra. Para efeitos de contagem considerou-se o “mais do que um tipo” como o “tipo” caracterizador das fundações das construções da Palhota. A evolução dos elementos construtivos com a passagem do tempo é, mais uma vez, notória no aparecimento dos diferentes materiais. Os pilares de tijolo, pedra e revestidos com reboco pintado substituem as fundações em troncos de madeira, e apenas depois são introduzidos e adicionados os pilares em betão armado. A variedade nas fundações das habitações da aldeia está presente nos dois “tipos” de pilar usados na mesma habitação, nas diferentes medidas por pilar, nas variadas formas, e nos diferentes espaçamentos entre eles. Estas variáveis não constituem diferentes “tipos” mas reflectem-se na imagem de variedade da aldeia.



[91b]. Pormenor da construção 25 sobre muros.



[91c]. Pormenor da construção 25 sobre pilares.



[92]. Fundações: ■- “Tipo 1”; ■- “Tipo 3”; ■- “Tipo 4”; ■- “mais do que um tipo”.

Nota: Não foram encontradas construções que recorressem unicamente ao “tipo 2”.

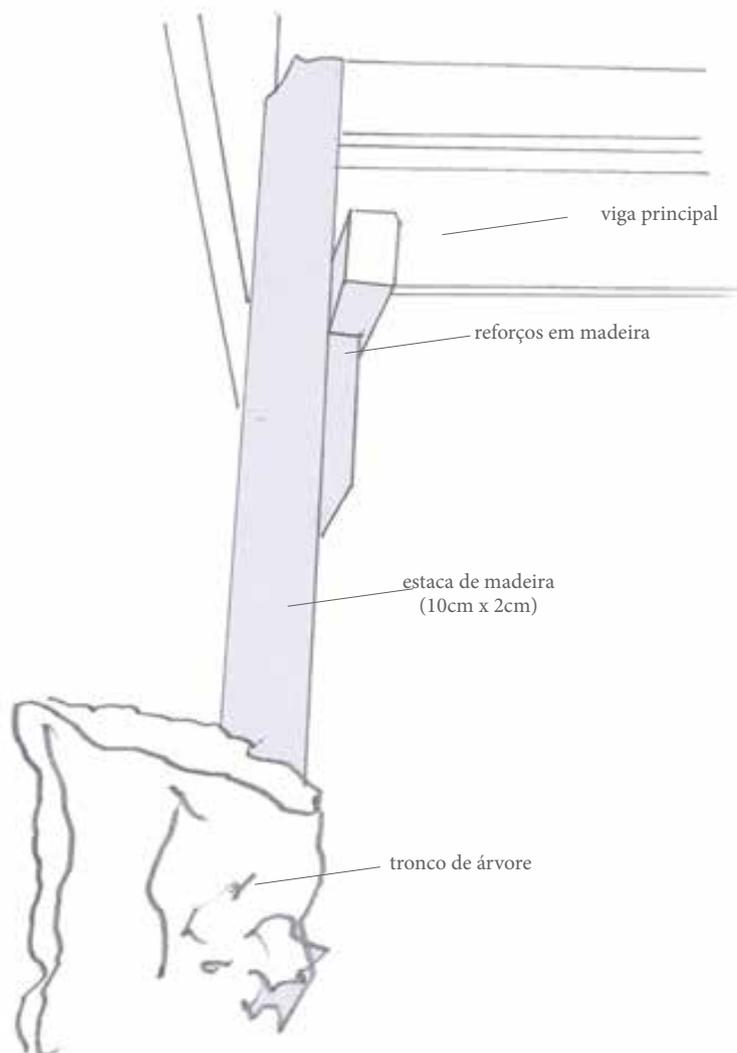


[93b]. Pormenor do tronco de árvore que seria usado para suportar a construção; habitação 5.



[93c]. Pormenor do tronco de árvore entre dois pilares.

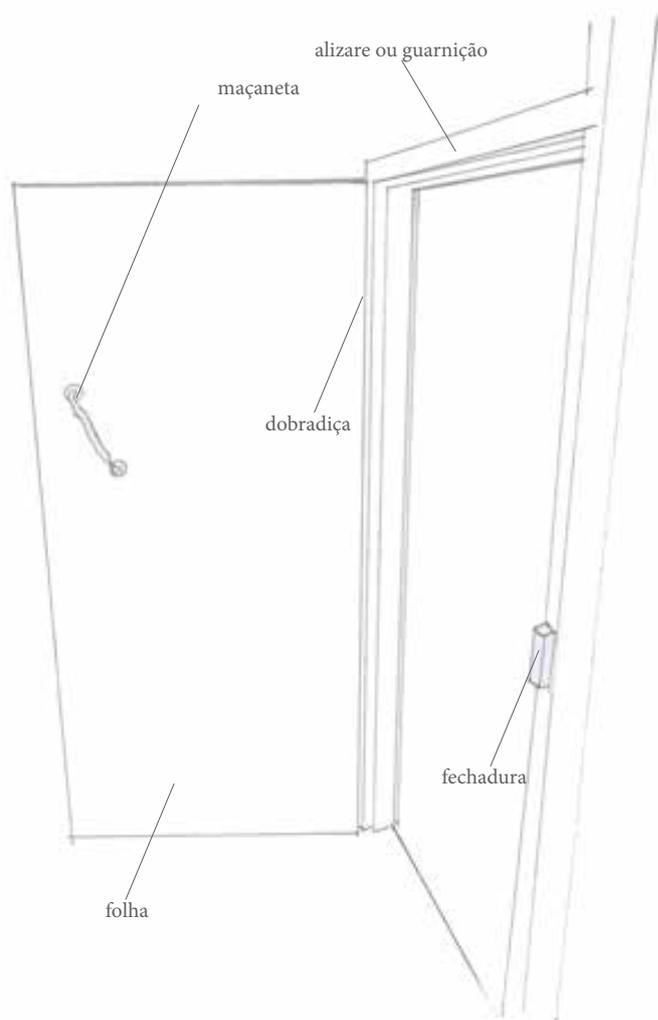
Caso excepcional, **tábua de madeira apoiada num tronco de árvore**



[93a]. Estaca de madeira sobre tronco de árvore; ainda tem alguma função estrutural.

3.2.8. Caixilhos - portas

Tipo 1, porta em folha de madeira (com ou sem relevo decorativo)



[94a]. Porta simples em folha.



[94b]. Porta da construção 5.

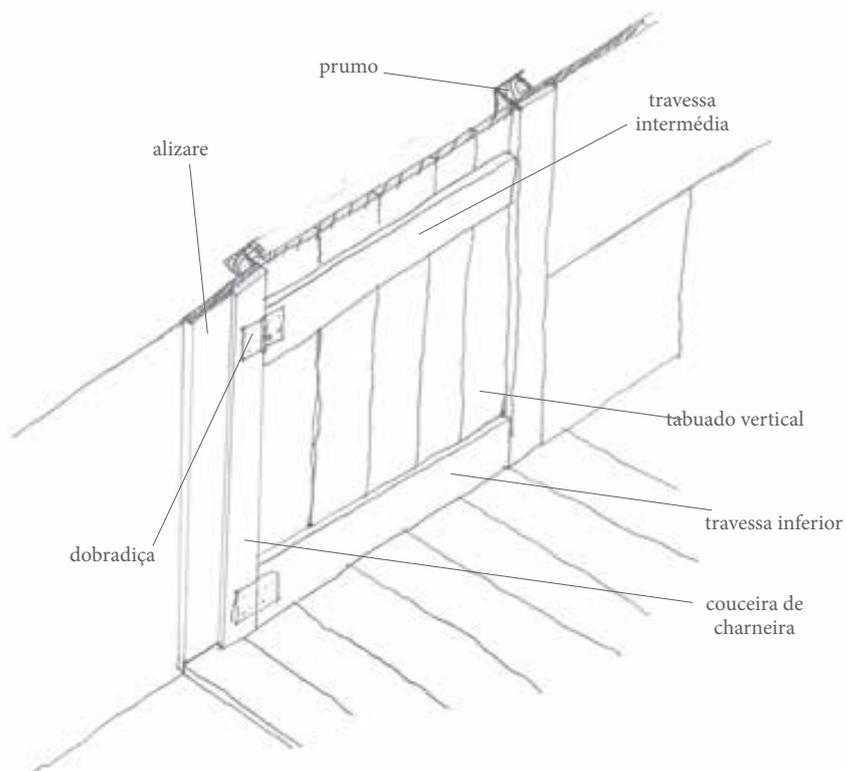


[94c]. Porta da construção 1.

Tipo 2, porta em tabuado



[95b]. Porta secundária da construção 5.

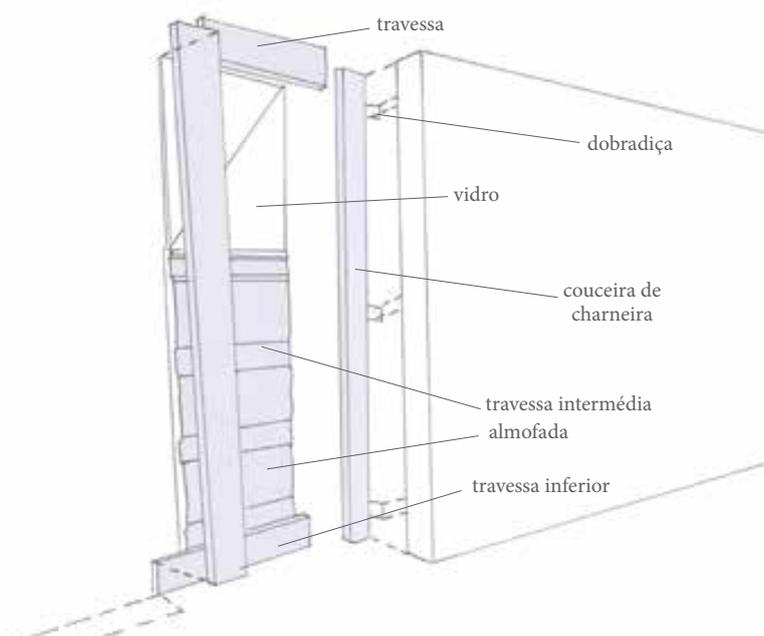


[95a]. Porta em tabuado pregado sem mata-juntas.

Tipo 3, porta em madeira com abertura

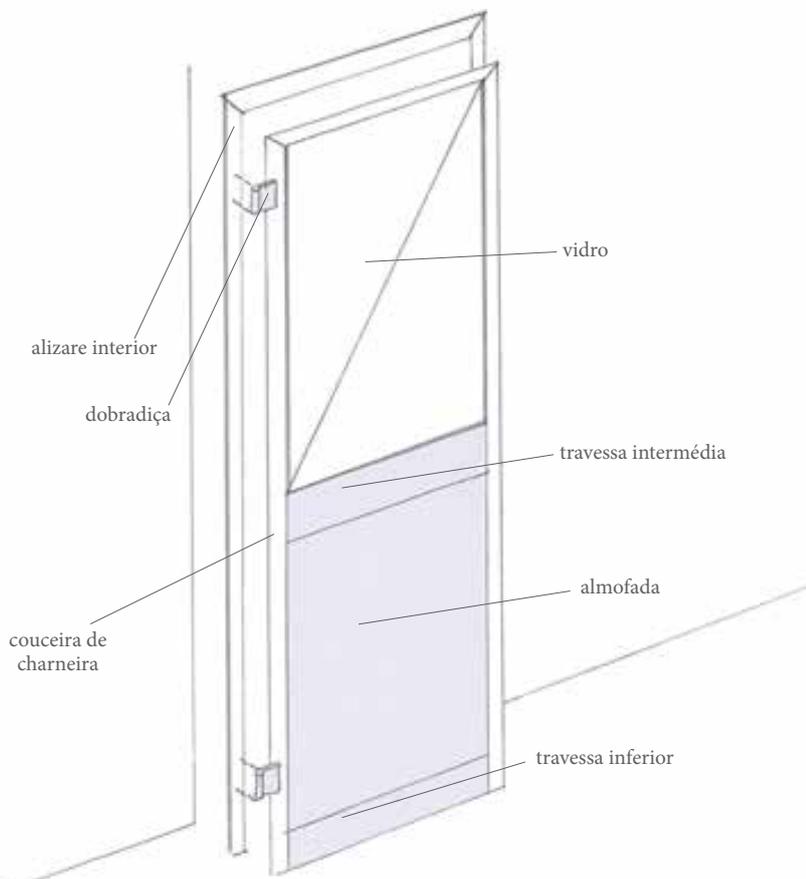


[96b]. Porta do anexo 9.



[96a]. Porta de madeira com encaixes.

Tipo 4, porta em alumínio

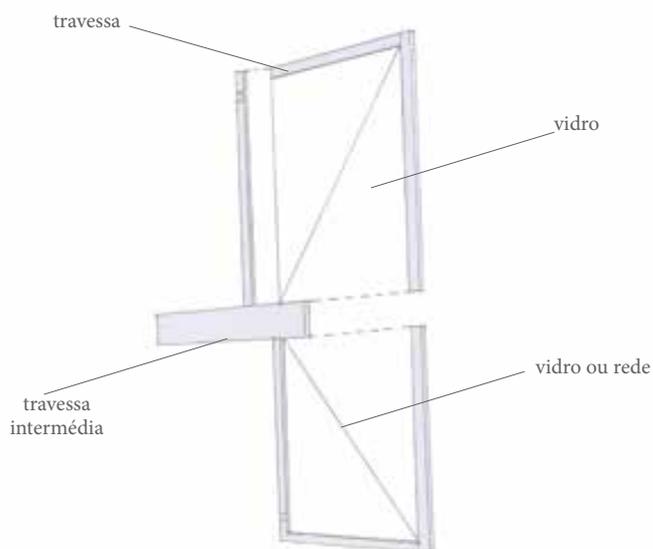


[97a]. Porta simples de alumínio.



[97b]. Porta da varanda da construção 18.

Tipo 5, porta em moldura de madeira com duas aberturas



[98a]. Porta-moldura, provavelmente montada pelo proprietário e/ou morador.

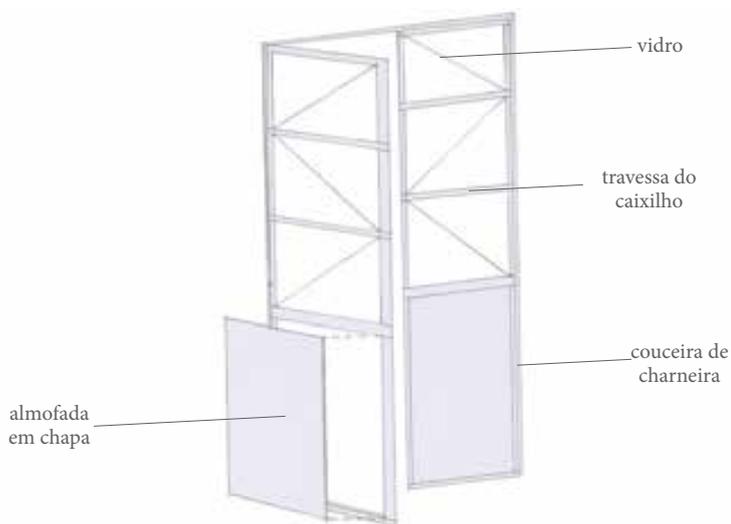


[98b]. Porta da construção 19.

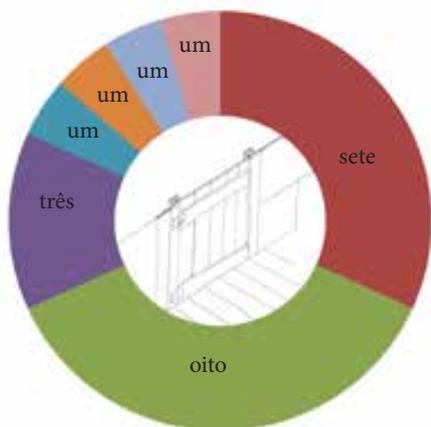


Tipo 6, porta de batente

[99b]. Porta do café “Zé Broa”; construção 20.



[99a]. Porta em ferro e chapa.

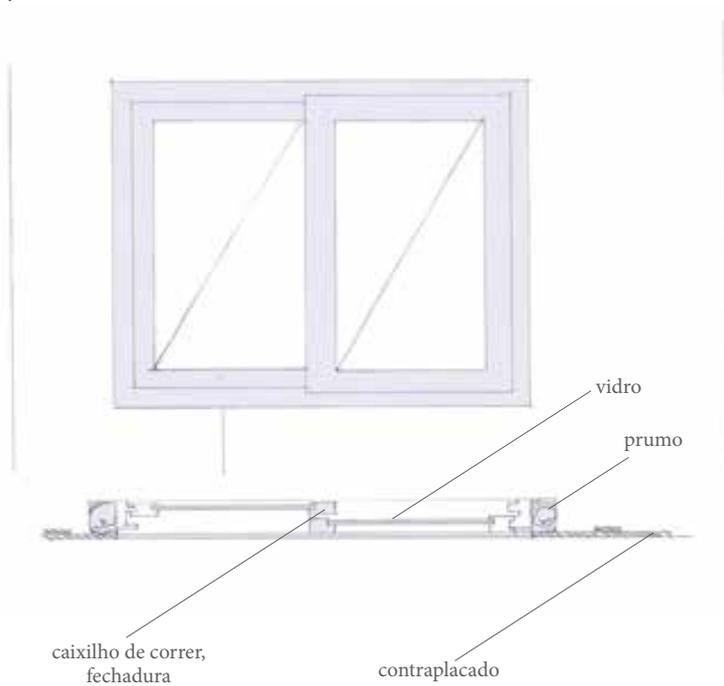


[100]. Caixilhos (portas): ■ - “Tipo 1”; ■ - “Tipo 2”; ■ - “Tipo 3”; ■ - “Tipo 4”; ■ - “Tipo 5”; ■ - “Tipo 6”; ■ - “mais do que um tipo”.

Os caixilhos têm um papel pertinente na imagem da aldeia da Palhota. Embora desempenhem uma função semelhante e se encontrem relativamente posicionados de forma parecida, existem algumas variáveis de construção, cor e encaixe que foram analisadas. Existem dois tipos de Portas [100] mais presentes na Palhota, sendo eles, o “tipo 1” e “tipo 2”. O “tipo 1”, a porta em folha, é utilizada em sete habitações, e o “tipo 2”, a porta em tabuado, é encontrada em oito habitações. Existem ainda mais quatro “tipos” e uma habitação com pelo menos “mais do que um tipo” de porta.

3.2.8.1. Caixilhos - janelas

Tipo 1, janela de correr em alumínio

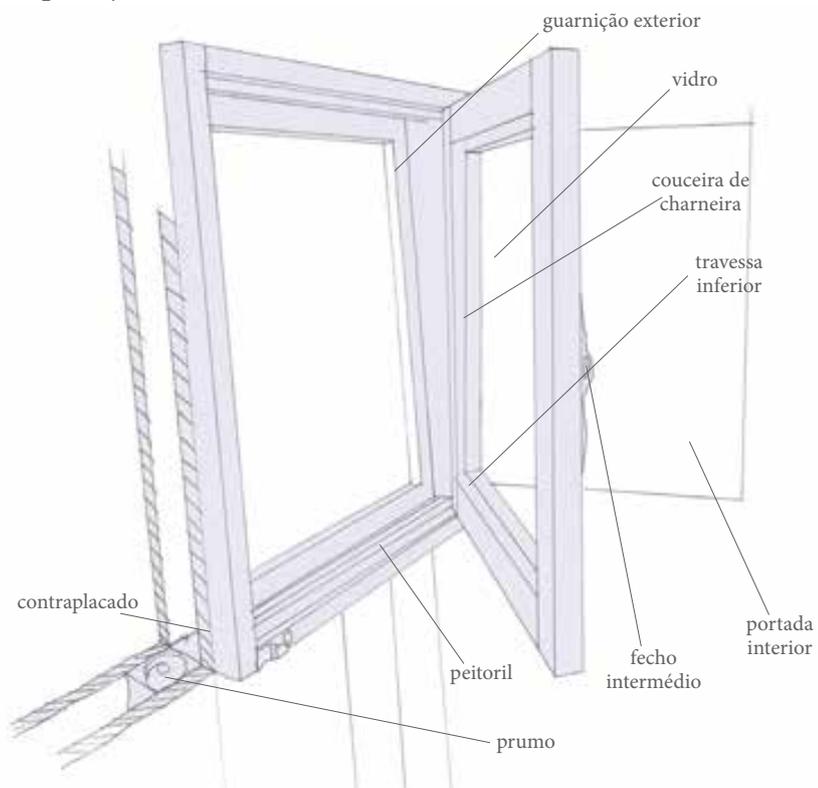


[101a]. Janela simples de alumínio.



[101b]. Janela da construção 7.

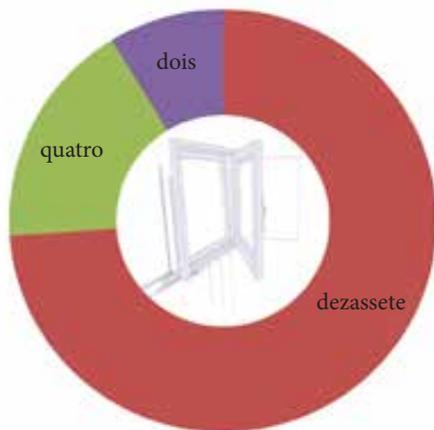
Tipo 2, janela de batente



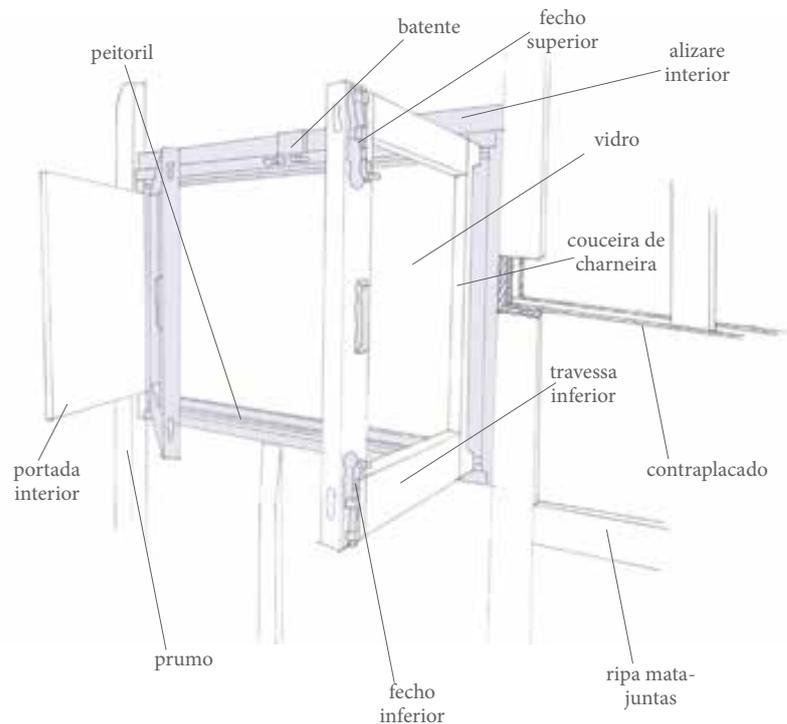
[102a]. Janela de batente simples com portada interior. Pode ter até quatro vidros.



[102b]. Janela batente simples.



[103]. Caixilhos (janelas): ■ - “Batente”; ■ - “Correr”; ■ - “mais do que um tipo”.



[102c]. Janela de batente dupla com portadas interiores.

As janelas [103], não apresentam tanta variedade como as portas, dividindo-se em dois diferentes “tipos”, sendo que o “tipo 2, janela de batente”, existe em janela simples e janela dupla. O “tipo” mais comum é o segundo e está presente em dezassete construções, restando quatro construções com janelas de correr e duas habitações com “mais do que um tipo”. Não foram encontradas janelas em guilhotina na aldeia, e as janelas de correr, acrescentadas posteriormente, não fazem parte da tradicional casa Avieira da Palhota. O material mais comum nos caixilhos é, novamente, a madeira, sendo que, as diferentes portas e janelas aliadas às suas diferentes cores e, como mencionado, à variedade de formas das varandas, demonstram que o alçado principal das casas Avieiras da aldeia da Palhota se trata de um desenho complexo e marcado pela variedade.

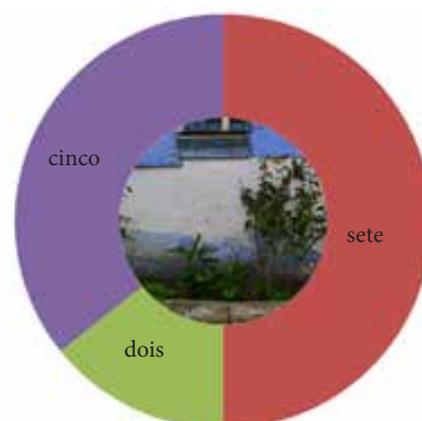
3.2.9. Outros - chaminé e muros

Foram contabilizadas seis habitações com pelo menos uma chaminé [104]. A maioria das habitações da aldeia não possui chaminé, sendo que se sabe, através de vestígios deixados, que pelo menos uma chaminé foi demolida. Para efeitos de contagem não foram tidas em conta as características das chaminés, pelo que, não foram diferenciadas as duas chaminés originais, das chaminés construídas posteriormente e de menores dimensões.

Para além das habitações que possuem o espaço fechado por tapumes debaixo do pavimento da habitação para arrumos, existem sete habitações que fecham este espaço entre fundações com recurso a muros de alvenaria [105], apoiando assim a habitação nestes muros e assim criar uma nova divisão na casa. Normalmente este espaço é utilizado como uma nova ou segunda cozinha da habitação, e a sua entrada faz-se lateralmente em relação à entrada principal ou varanda. Existem ainda duas habitações que, também através de muros de alvenaria, criam pequenos compartimentos de arrumação, deixando a habitação parcialmente apoiada sobre esses mesmos compartimentos e fundações. Para efeitos de contagem não foram tidas em conta as construções Avieiras que não estão elevadas por fundações da cota do solo.



[104]. “Possuí chaminé?”: ■ - “Não”; ■ - “Sim”; ■ - “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.

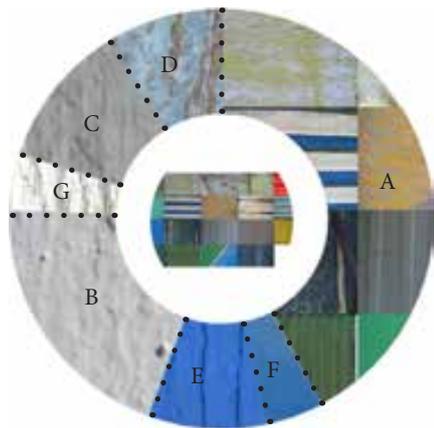


[105]. “Sobre muros?”: ■ - “Sim”; ■ - “Não”; ■ - “Parcialmente”.

3.2.10. Síntese dos pormenores mais presentes

Depois de demonstrados todos os pormenores-tipo registados, apresenta-se a síntese dos pormenores mais presentes na aldeia. Cada desenho representa o pormenor mais frequente em cada campo. Destaca-se o facto das fundações apresentarem dois pormenores pois ambas as soluções são prevalentes de igual forma na aldeia, e podem ser encontrados simultaneamente na mesma construção.

3.3. Mapa de texturas



[106]. Texturas:

A (dezanove)- “Texturas singulares” - campo que agrupa todos os casos em que apenas existe um exemplar daquele tipo de textura;

B (nove)- Tinta branca sobre reboco;

C (cinco)- Tinta branca sobre pedra;

D (quatro)- Tinta azul-clara sobre madeira;

E (quatro)- Tinta azul-escura sobre madeira;

F (dois)- Tinta azul sobre reboco;

G (dois)- Tinta branca sobre tabuado de madeira.

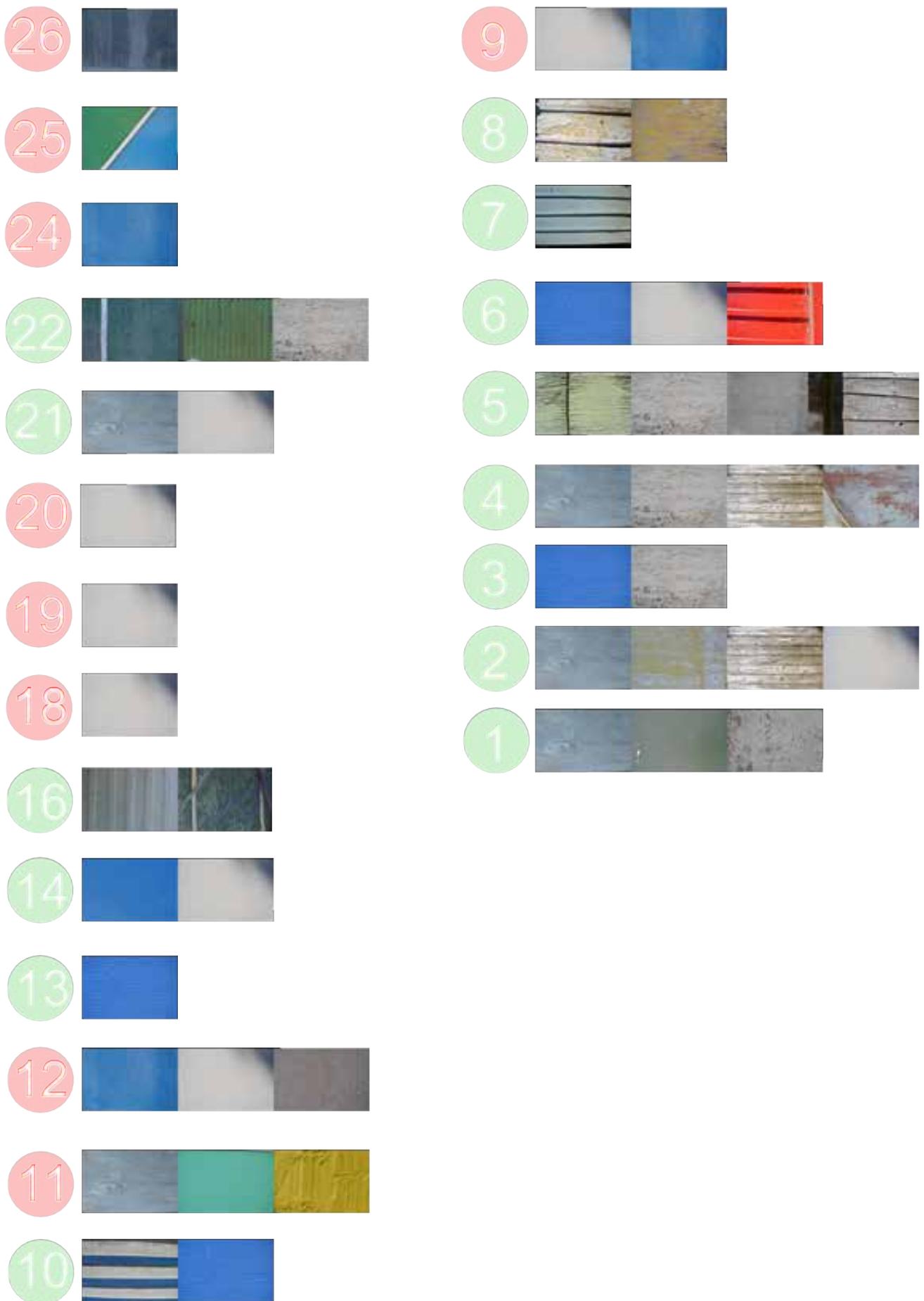
Para além da variedade de componentes e “tipos” presentes na aldeia da Palhota, é pertinente referir a importância que as diferentes cores e texturas desempenham na caracterização da imagem da aldeia. Apesar da sua aparente homogeneidade, o grande número de cores e texturas singulares faz com que esta categoria seja relevante para caracterizar a paleta cromática e textural do conjunto das construções.

Esta categoria “texturas singulares”, aliada à diversidade dos componentes construtivos das habitações, como por exemplo, as varandas, traduzem-se num variado conjunto de combinações diferentes que resulta numa aldeia “plural”.

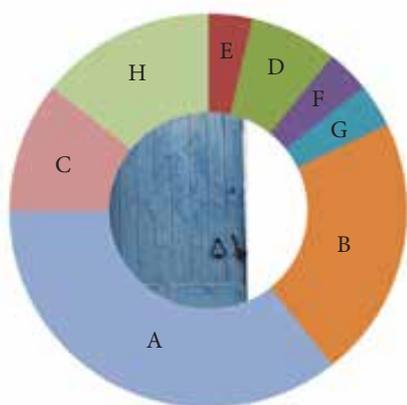
No quadro de texturas apresentado estão representadas todas as construções da aldeia da Palhota que não se enquadram no grupo “sem acesso/não se aplica/não existe”.

Foram recolhidas as texturas principais das várias construções, sendo que, entende-se “textura principal” como uma textura que exista, pelo menos, em 1m² das superfícies exteriores das paredes exteriores da construção. Não são consideradas as coberturas.

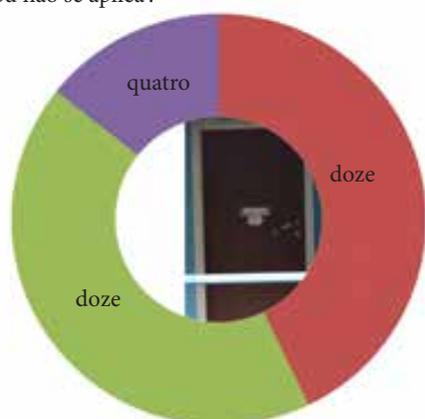
Tal como já referido, o grupo de texturas mais presentes na aldeia da Palhota [106, 107] trata-se do grupo designado por “texturas singulares”, que conta com dezanove texturas diferentes. O segundo grupo mais comum é formado pela textura de tinta branca sobre reboco, e o terceiro grupo é também a cor branca mas sobre pedra. As texturas de cor azul representam os restantes grupos, e quando somadas, ultrapassam o segundo número de texturas mais comuns já referido. Pode-se ainda referir que o número de construções com pelo menos duas texturas e cores diferentes é maior do que o número de construções com apenas uma textura e cor. E ainda, o número de construções com pelo menos três texturas é maior do que o número de construções com pelo menos duas texturas. Concluindo, as cores predominantes na Palhota são o azul e o branco, no entanto, o grupo das “várias texturas e cores singulares” atenua o efeito causado por estas cores.



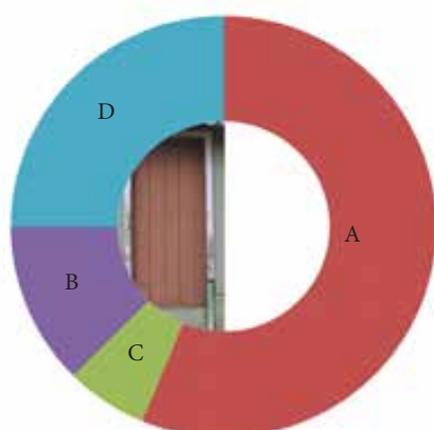
[107]. Paleta de cores e texturas por construção; as construções estão numeradas conforme o quadro em 3.1.1.



[108]. Porta (cor): A (dez)- portas azuis; B (seis)- portas castanhas; C (três)- portas verdes; D (duas)- portas brancas; E (uma)- porta amarela; F (uma)- porta azul e branca; G (uma)- porta prateada; H (quatro)- “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.



[109]. Porta (moldura): ■ - “Sim”; ■ - “Não”; ■ - “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.



[110]. Moldura da porta (cor): A (nove)- molduras brancas; B (duas)- molduras castanhas; C (uma)- moldura verde; D (quatro)- “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.

3.4. Composição de alçados

Com tanta ou maior importância que as texturas, e para além das diferentes estruturas das varandas e das diferentes fundações que são importantes na caracterização da construção, os vários componentes do alçado de entrada principal da construção Avieira são essenciais para determinar a imagem da habitação Avieira, e consequentemente, a do conjunto.

Existem sete diferentes cores de porta [108], sendo que, a cor mais comum é a azul presente em dez portas, seguindo-se as portas castanhas que contam com seis exemplares. Para efeitos de contagem não foram tidos em conta os vários tons de cor, apenas se contou uma porta por habitação, contando a cor presente em maior número de portas, e em caso de empate, foi contabilizada a cor da porta de entrada principal. Não é aparente que existiam regras para os puxadores das portas.

As molduras das portas [109] estão directamente relacionadas com as construções que mantêm as características originais Avieiras. As construções que não têm estas características não possuem moldura. Para além das construções “sem acesso/demolidas”, contabilizou-se doze habitações com moldura na porta, e doze habitações sem moldura. As molduras apenas são aplicadas em habitações com as paredes em madeira, pelo que, e devido à evolução das construções para paredes de alvenaria, percebe-se pelo empate que a tendência será para o desaparecimento deste tipo de detalhes nas novas construções. Para efeitos de contagem foram tidas em conta as directrizes mencionadas na categoria das cores das portas. As molduras dividem-se em três cores [110]: branco, castanho e verde. A cor mais comum é o branco, presente em nove molduras, seguindo-se o castanho e por fim o verde.

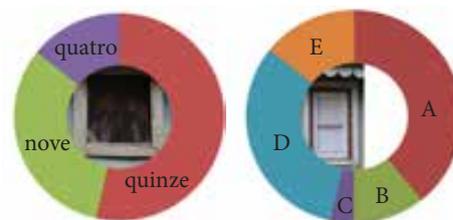
Quanto às janelas, existem quinze construções com molduras [111a] e nove sem moldura. Mesmo com a presença de um maior número de janelas com moldura do que portas com moldura, a tendência é semelhante à tendência de evolução demonstrada nas portas. Estas molduras apresentam maioritariamente molduras de cor [111b] branca, seguindo-se as molduras azuis que contam com apenas três exemplares. Aplicam-se as mesmas directrizes usadas na

contabilização do número de portas.

A composição do alçado é ainda fortemente caracterizada pelas linhas verticais das ripas mata-juntas de madeira que fixam as tábuas ou placas de contraplacado das paredes exteriores. Para além destas, a cor de fundo dos alçados, como demonstrado no mapa de texturas, tem um papel determinante na imagem da construção Avieira. Então, a combinação destas duas variáveis [112] torna-se pertinente na composição geral dos alçados. Foram recolhidas as seguintes combinações de fundo/ripas: azul/branco, verde/verde, azul/azul, branco/branco, e verde/branco. As combinações de cores mais comuns e que vai de encontro ao já mencionado no mapa de texturas, são a combinação azul/branco com sete construções, e a combinação azul/azul também presente em sete construções. Pode-se ainda afirmar que quando o fundo do alçado é azul, a porta também é azul. Para efeitos de contagem, e no caso de existirem paredes exteriores com diferentes cores na mesma construção, foram priorizadas as paredes dos alçados com a porta de entrada principal.

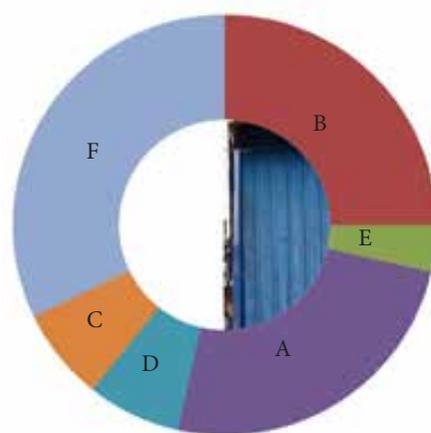
Um outro elemento presente no desenho do alçado é o degrau de entrada [113] na porta principal de acesso à construção. O degrau está presente em catorze construções, independentemente se estas se encontram ao nível do solo ou elevadas por pilares. No caso das habitações elevadas por pilares, o degrau existe pois o pavimento da varanda está a uma cota inferior à cota da porta de entrada principal.

As janelas, que variam entre 0,30m² a 0,80m², as portas, que variam entre 1m² a 1,2m², e o alçado com 2,5m a 3m de comprimento e 2m a 2,5m de altura, aliados à variedade de elementos presentes nas varandas e à forma convexa das paredes da posterior casa de banho, constituem os elementos principais do desenho do alçado e traduzem-se na complexa imagem da aldeia da Palhota.



[111a]. Janela (moldura): ■ - “Sim”; ■ - “Não”; ■ - “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.

[111b]. Moldura da janela (cor): A (onze)- molduras brancas, B (três)- molduras azuis; C (uma)- moldura castanha; D (nove)- “Sem moldura”; E (quatro)- “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.



[112]. Paredes exteriores (cor de fundo/cor das ripas): A (sete)- azul/branco; B (sete)- azul/azul; C (duas)- branco/branco; D (duas)- verde/branco; E (uma)- verde/verde; F (nove)- “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.



[113]. Degrau: ■ - “Sim”; ■ - “Não”; ■ - “Demolidos, sem acesso, e/ou não se aplica”.

CAPÍTULO 4 - MODELO CONSTRUTIVO

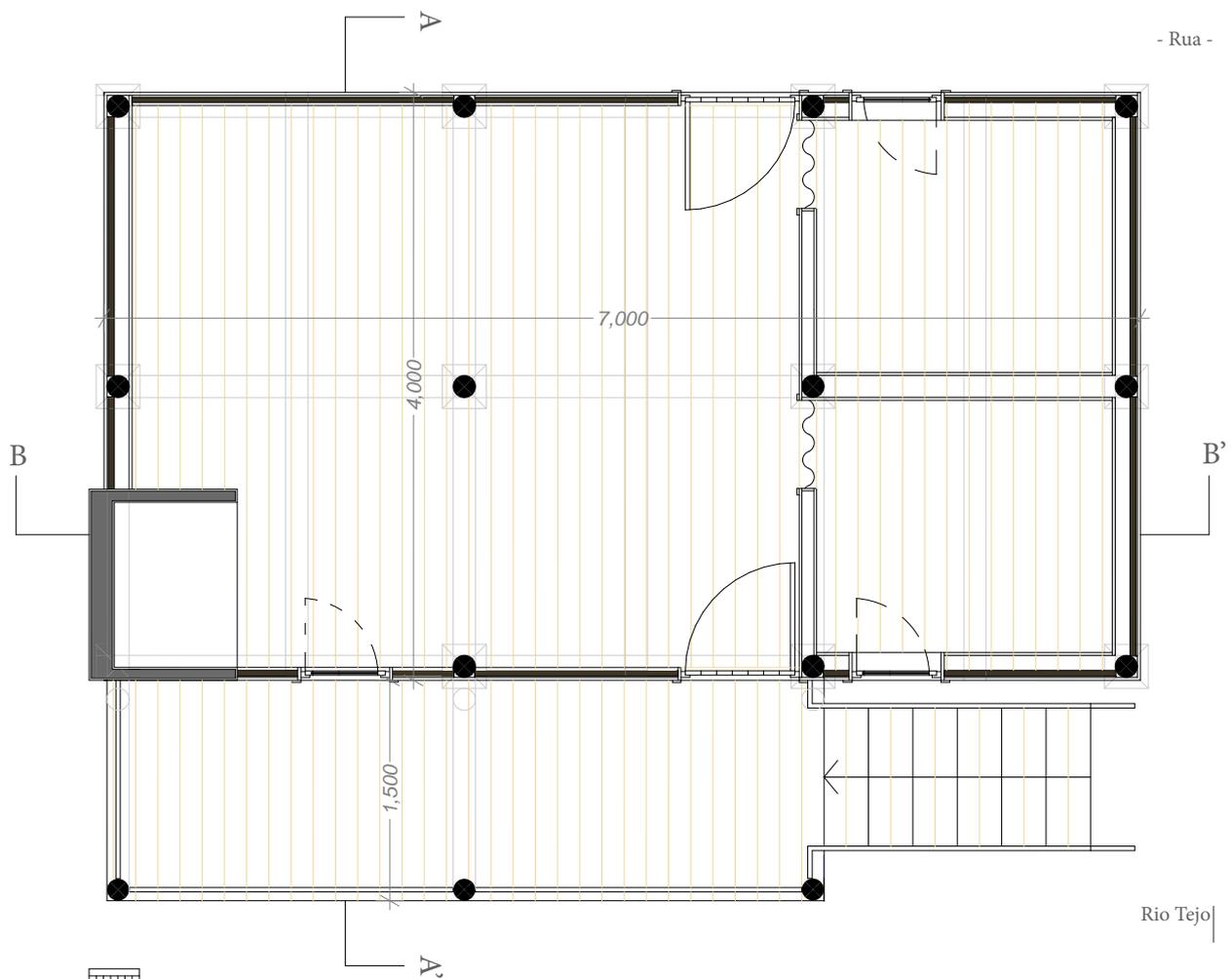
4.1. Desenhar a partir das premissas estudadas

“Um edifício construído com técnicas e materiais anteriores ao cimento e ao aço é como uma «caixa do tempo», cheia (...) de «capital de conhecimento», para o qual contribuem os valores histórico, simbólico, tecnológico e cultural. Na verdade, para além de seus materiais, um edifício antigo incorpora a aplicação de uma determinada forma de viver, de uma determinada cultura. As formas da orientação, da implantação no terreno, da distribuição interior, da composição de volumes e de fachadas, da utilização dos espaços e dos materiais de um edifício antigo são expressões de uma determinada forma de vida, de uma determinada cultura, que sabia, em sua maioria, como respeitar o meio ambiente e comportar-se de forma durável.” (MATEUS, 2012)

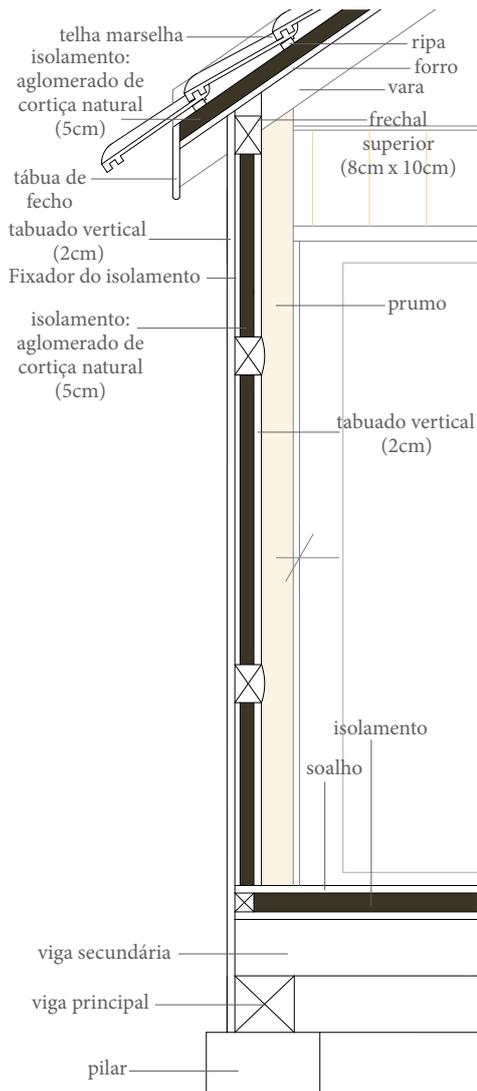
Depois de compreendida a importância vernacular e os elementos que compõem a casa Avieira da aldeia da Palhota, foi elaborada uma compilação ponderada destes elementos, um modelo com intuito em comunicar resumidamente esta construção, defendendo também uma possível solução construtiva. Salvaguarda-se o facto de que, apesar da compilação de características nos desenhos, a diversidade é uma característica fundamental que define a aldeia. Os resultados correspondentes ao somatório das várias alíneas do quadro em 3.1.1., os elementos comuns em alçado, as texturas presentes na aldeia, e as directrizes das cartas de reabilitação do património vernacular, influenciam as opções tomadas.

Para efeitos demonstrativos, são aqui apresentados os quatro alçados, a planta ao nível do chão da habitação, dois cortes e a constituição da parede [114, 115, 116, 117].

As casas Avieiras não partilham dimensões exactas, por isso, optou-se por valores ponderados entre as casas estudadas. Neste caso, a casa possui sete metros de comprimento por quatro de largura, excluindo a varanda, que acrescenta um metro e meio de largura ao plano horizontal da casa. O ponto mais alto da habitação encontra-se a cinco metros do solo, sendo que, um metro e dez centímetros deste valor é resultado do comprimento dos pilares que elevam a construção. As paredes exteriores têm dois metros de altura e são compostas por tabuado de madeira pintado com cor azul pelo



[114]. Planta à cota +1,5m (em cima) e alçado Sul (em baixo); escalas 1/50. | Ⓢ



[115]. Constituição da parede; escala 1/20.



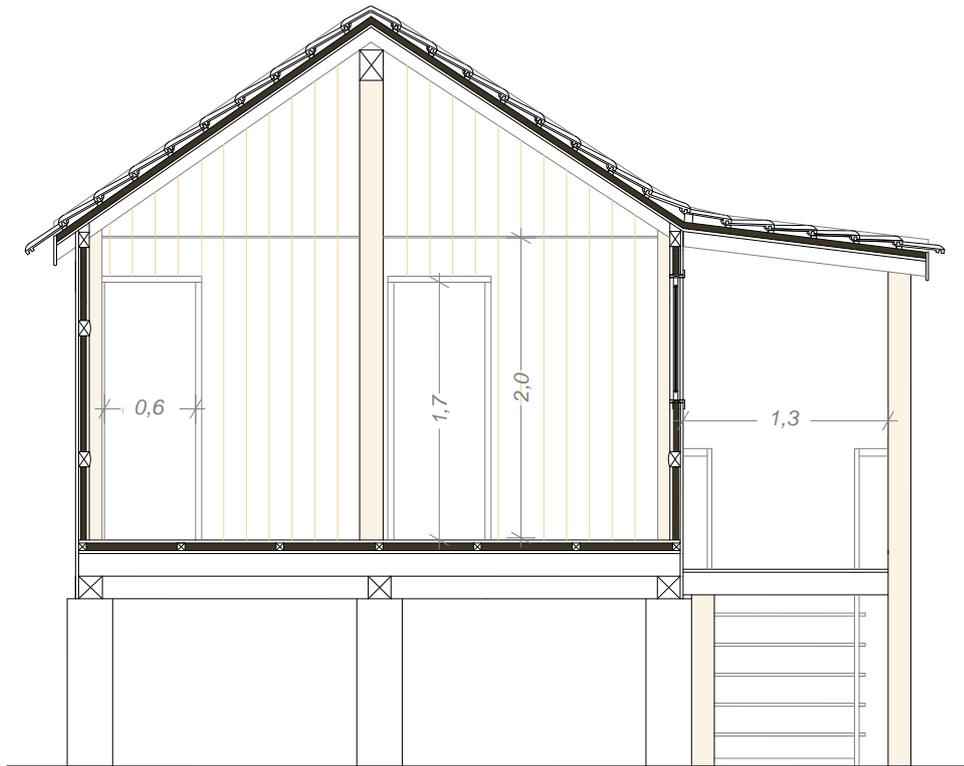
[116a]. Alçado Nascente; escala 1/100.

exterior, isolamento em cortiça, e tabuado de madeira pelo interior. É sugerido o isolamento em cortiça devido à sua durabilidade praticamente ilimitada, porque mantém todas as suas características ao longo da sua vida útil, e por se tratar de um material natural e totalmente reciclável. O caniço também seria uma opção viável para o isolamento da cobertura. O tipo de material e a espessura a utilizar foram escolhidos de maneira a não retirar demasiado espaço útil à construção, e não em função das exigências de isolamento térmico, e consequentemente não está de acordo com o Decreto-Lei nº 80/2006.

Para efeitos de apresentação dos desenhos, a cor escolhida do revestimento das paredes exteriores foi a azul pois esta é a mais presente na aldeia, no entanto, salienta-se que a variedade de cores e texturas são importantes características que a definem. Note-se também que a cor é uma característica de rápida e fácil mutação. Quanto às paredes interiores e pilares que sustentam o telhado, destaca-se o facto de os pilares em madeira estarem aparentes no espaço maior da habitação e fechados entre tábuas de madeira nos dois espaços menores. Estes pilares são circulares e distam metro e meio uns dos outros. As paredes nestes dois espaços mantêm a altura das paredes exteriores, não se prologando até ao tecto. No interior opta-se pela cor natural da madeira e/ou a cor branca, tal como no pavimento interior.

Quanto à estrutura, é simples e baseada numa construção com um telhado de duas águas em telha marselha. O pau de fileira apoia-se nos prumos centrais, as pernas apoiam-se nos frechais e estes também nos prumos, que por sua vez, apoiam-se no sobrado de vigas cruzadas e estas nas fundações sobre o solo. A lareira no canto, é também um elemento de apoio e segue o desenho da lareira da Casa Avieira na Palhota.

Os caixilhos espelham as referências encontradas na aldeia. Trata-se de portas em tabuado pintado, que possuem quase a altura total da parede exterior e têm uma moldura circunscrita sobre si. As cores apresentadas são o reflexo das mais presentes na aldeia, no entanto, salvaguarda-se o facto de a diversidade ser a característica dominante. Apesar de não se verificar uma regra de alinhamentos rigorosos nas construções existentes, optou-se por alinhar as janelas, de batente, pela altura das portas.

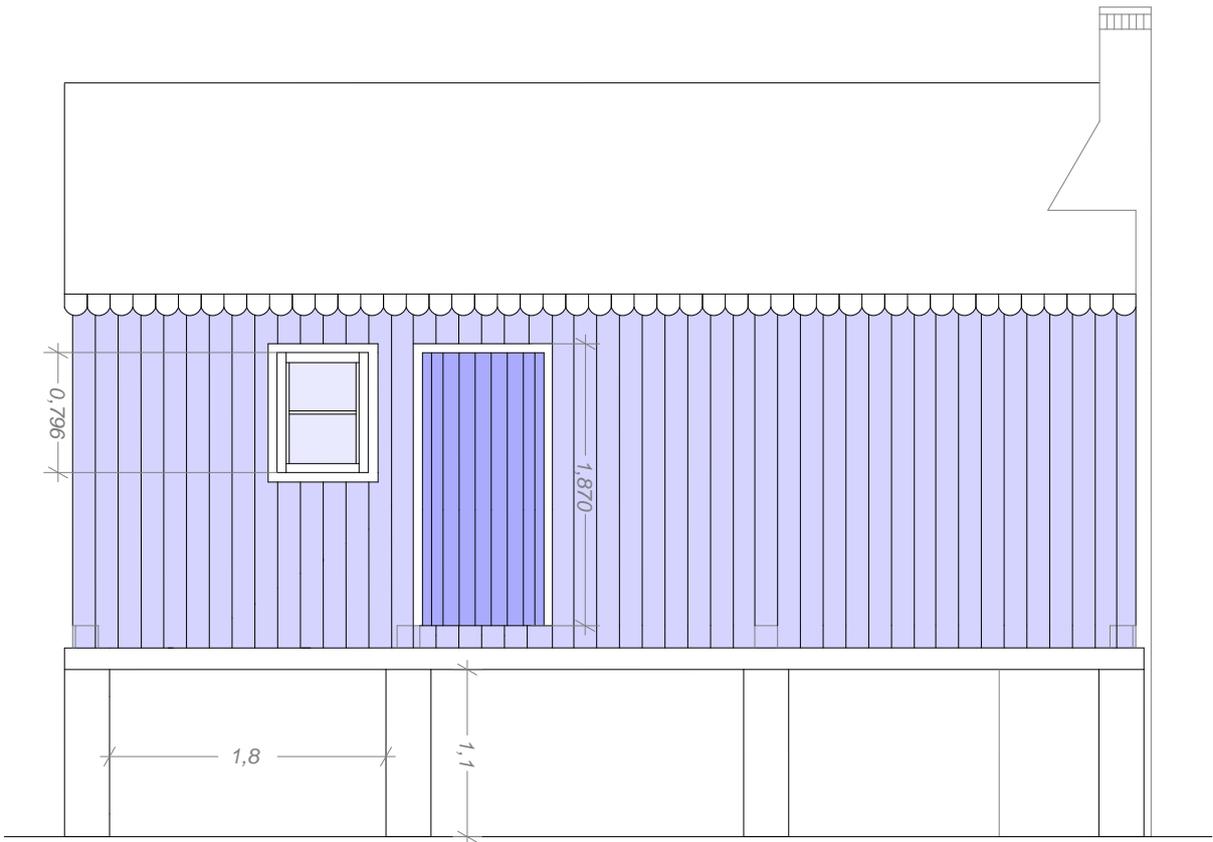


[116b]. Corte AA' (em cima) e alçado Poente (em baixo); escalas 1/50.

A varanda é um elemento essencial para a caracterização da imagem da casa Avieira, no entanto, e porque não é um elemento de origem, as várias varandas presentes são apenas semelhantes, pelo que, optou-se por uma estrutura maioritariamente de madeira e com os apoios do pavimento independentes do resto da construção.

Pretende-se com este desenho - baseado num olhar crítico sobre a variedade de elementos presentes nas varandas das construções existentes-, que as escadas exteriores de acesso a esta varanda, os anteparos e a tábua de fecho dos beirais, juntamente com as linhas verticais do tabuado das paredes exteriores, e a mancha massuda das fundações, sejam os elementos com destaque na composição dos alçados.

Os três espaços desenhados, embora tivessem as funções definidas na tradicional casa Avieira, não apresentam nestes desenhos, a sua definição de uso nem mobiliário. Isto deve-se ao facto de não haver intenção em desenhar especificamente uma habitação, mas de abrir a possibilidade da construção ter outros usos, como por exemplo, direccionados para o turismo ou centro de estudos relacionados com o ambiente.



[117]. Alçado Norte (em cima) e corte BB' (em baixo); escalas 1/50.

Considerações finais

Numa altura de síntese do trabalho desenvolvido é importante salientar que, tal como havia sido anunciado nos objectivos, o caso de estudo escolhido – a Aldeia Avieira da Palhota – não pretende ser uma análise concluída e encerrada mas mais uma contribuição de um estudo sobre a Cultura Avieira para os Avieiros. É um trabalho de análise e registo deste património vernacular que adquire maior importância por se tratar de um estudo que, registando de forma documentada os dados recolhidos, contribui para a preservação da memória de uma identidade cultural importância acrescida quando se debate e organiza a candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional Imaterial e da UNESCO.

É possível afirmar que, mais do que o estudo de uma aldeia específica, foi feito o estudo de como uma comunidade sobreviveu e construiu uma identidade cultural própria, isto no contexto de transição de um país que era rural e que hoje em dia é urbano e suburbano.

A compreensão da lógica compositiva identificada no caso de estudo apenas é conseguida com uma recolha e registo sistemático de todas as componentes, ponderadamente escolhidas no universo das construções existentes e das que ainda é possível encontrar registos fidedignos.

Este estudo permitiu identificar, na aldeia da Palhota, características de uma época de gestão da escassez, que pela sua história, corresponde à herança que resta à Humanidade do conhecimento mais profundo que pode ter para a sua sobrevivência.

A análise de aproximação da história à construção permitiu compreender o conjunto de relações que existem entre os vários elementos que configuram a casa, o barco e a aldeia, mesmo que essas relações possam não ser totalmente perceptíveis numa primeira abordagem. A vida Avieira, por se desenvolver num contexto isolado das comunidades vizinhas, e por derivar de um sistema de migrações pendulares sazonais, adquiriu essa característica holística de integridade que faz com que viver no barco, na casa, ou na aldeia sejam apenas variações de um mesmo tipo de existência. E essa característica é perceptível nas suas construções, nas técnicas e materiais que passam do Barco para a Casa e da Casa para o Barco, no código de cores que mais do que identificarem a casa ou

o barco, identificam os usos, na casa ou no barco, e surgem como marcas identitárias das famílias nucleares ou estendidas, essas sim, o elemento gerador e emissor da cultura Avieira.

“3.º O património arquitectónico é um capital espiritual, e cultural, económico e social de valor insubstituível. (...) Qualquer diminuição deste capital constitui um empobrecimento tanto mais quanto a perda dos valores acumulados não pode ser compensada mesmo por criações de grande qualidade.” (CONSELHO DA EUROPA, 1975)

Desde há muito tempo que as águas do rio deixaram de banhar os pilares das habitações, e não se percebe se as construções estão totalmente abandonadas ou à espera de melhores dias. Na maior parte dos casos, o abandono constitui a principal ameaça à sobrevivência destes espaços, e da própria identidade cultural que representam. É preciso abandonar o “presente-ausente” e a tendência à construção da “*casa de imigrante*” (GALHANO e OLIVEIRA, 1994 [1992]) que paira sobre estas aldeias com 150 anos de história e “refuncionalizar” estes espaços. O próprio processo de candidatura tem contribuído para alertar e dar a conhecer o projecto sobre a Cultura Avieira, servindo como motor de preservação da herança deste povo, no entanto, este efeito está a ser minado pelo contexto de escassez económica actual, e pela incompatibilidade do carácter das próprias construções com a legislação em vigor - Pedro Magalhães Ribeiro, presidente da Câmara Municipal do Cartaxo, afirma: “*estas dificuldades foram, pelo menos no Cartaxo, não só financeiras, mas também de intervenção em áreas que estão inseridas em Reserva Agrícola e Ecológica Nacional e em zona de cheias*” (REDE REGIONAL, 2014). Contribuindo para o percurso contínuo que é o estudo da arquitectura, não se pretende uma análise nostálgica sobre as construções, mas a busca da identidade através do olhar para o passado para então registar, preservar e adaptar a paisagem a novos programas e potencial, sem usos forçados ou “musealizar” a arquitectura. No sentido de valorizar este testemunho da Cultura Avieira, propõem-se acções de limpeza das várias aldeias, registo e reabilitação das várias construções, cais e bateiras, e redefinição do seu valor nos desenhos de gestão de território.

Referências bibliográficas

AAVV - **A Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

AGUIAR, José - **Uma Arqueologia da Cor? Conservação de superfícies e revestimentos no património urbano português**. Património Arquitectónico, registo e interpretação – critérios de intervenção! Lisboa: IPPAR, 2006. [Consult. 2 Abr. 2014]. Disponível em: <<http://mestrado-reabilitacao.fa.ulisboa.pt/disciplinas/jaguiar/jaguiarartigoippar2006.pdf>>.

AHistPortugal - **Memórias para o Futuro**. [Consult. 12 Abr. 2014]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EnEXndxOT2Y>>.

ASF-P - **Caracterização das construções**. 2009.

ASF-P - **Relatório preliminar da acção dos Arquitectos Sem Fronteiras Portugal, no âmbito do projecto de candidatura da cultura Avieira a património nacional: Relatório preliminar de levantamento do estado actual de assentamentos Avieiros**. Braga: Arquitectos Sem Fronteiras - Portugal, 2008.

BAPTISTA, João - **Investimento no turismo do Tejo morre na burocracia de Lisboa**. Santarém: ORibatejo, 2014. [Consult. 4 Abr. 2014]. Disponível em: < <http://www.oribatejo.pt/2014/04/04/investimento-no-turismo-do-tejo-morre-na-burocracia-de-lisboa/>>.

BARATA, Francisco - **Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da Casa na Forma da Cidade**. 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1999.

BRITO, Raquel Soeiro de - **Palheiros de Mira: formação e declínio de um aglomerado de pescadores**. 2ª ed. Lisboa: I.N.I.C./Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2009 [1960].

CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas construtivas Avieiras – Tradição e inovação no sistema palafítico**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DO CARTAXO - **Mapas de estatística 2001**. [Consult. 10 Fev. 2014]. Disponível em: <<http://www.cm-cartaxo.pt/Gerir/gestao-territorial/Paginas/pdm.aspx>>.

CÂMARA MUNICIPAL DO CARTAXO - **Planos de pormenor**. 1998. [Consult. 10 Fev. 2014]. Disponível em: <<http://www.cm-cartaxo.pt/Gerir/gestao-territorial/Paginas/pdm.aspx>>.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM - **Plano Director Municipal**. [Consult. 10 Fev. 2014]. Disponível em: <<http://pdm.cm-santarem.pt/atual-pdm/publicacao-e-conteudo-documental.html>>.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM - **Publicação: Aviso n.º 1238/2013 de 25 de Janeiro**. [Consult. 10 Fev. 2014]. Disponível em: <<http://pdm.cm-santarem.pt/atual-pdm/publicacao-e-conteudo-documental.html>>.

CARVALHO, Carlos Mateus de - **Sobre algumas embarcações que navegavam na laguno de Aveiro, e não só...** . Folha informativa nº3. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 2011. [Consult. 5 Jun. 2014]. Disponível em: <<http://www.ancruzeiros.pt/Informacao2012/CulturaAveiraFI-3-2012.pdf>>.

CIAV - **Carta Sobre o Património Vernacular Edificado**. 1999a. [Consult. 10 Dez. 2013]. Disponível em: <http://www.icomos.org.br/002_001.html>.

CIAV - **Princípios para a conservação de estruturas históricas de madeira**. 1999b. [Consult. 10 Dez. 2013]. Disponível em: <http://www.icomos.org.br/002_001.html>.

CONSELHO DA EUROPA - **Carta de Atenas, Restauro dos Monumentos**. 1931. [Consult. 10 Dez. 2013]. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacaosobrepatriomio/>>.

CONSELHO DA EUROPA - **Carta Europeia do Património Arquitectónico**. 1975. [Consult. 10 Dez. 2013]. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacaosobrepatriomio/>>.

CONSELHO DA EUROPA - **Carta de Veneza, Sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e dos Sítios**. 1964. [Consult. 10 Dez. 2013]. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/legislacaosobrepatriomio/>>.

FERRÃO, Humberto Nelson; DOMINGOS, Nuno - **Caneiras: pescadores Avieiros e searas de tomate**. Folha Informativa nº7. 2010. [Consult. 14 Jan. 2014]. Disponível em: <<http://avieiros.ipsantarem.pt/images/folhasinformativas/folha%20informativa%20n7.pdf>>.

FRANKOWSKI, Eugeniusz - **Hórreos y Palafitos de la Península Ibérica**. Madrid: Museo Nacional de Ciências Naturales, 1918.

GARCIA, Ricardo - **Há 3600 edifícios em risco de cheias em zonas críticas do país**. Lisboa: PÚBLICO, 2014. [Consult. 5 Maio 2014]. Disponível em: <<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ha-3600-edificios-em-risco-de-cheias-nas-zonas-mais-problematicas-do-pais-1634890>>.

GASPAR, Cristina, [et al.] - **Grande reportagem – Palhota – Restart2006**. [Consult. 11 Jul. 2014]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=p9GQzMK7u5I>>.

GASPAR, José - **Exposição de barcos avieiros em miniatura (Parte I): Breve enquadramento histórico**. 2013. [Consult. 20 Dez. 2013]. Disponível em: <<http://vivervale.pt/exposicao-de-barcos-avieiros-em-miniatura-parte-i/>>.

GASPAR, Pedro Lima; PALLA, João - **Construções palafíticas da bacia do Tejo: Levantamento e diagnóstico do património construído da cultura Avieira**. In ARTiTEXTOS, 08. Lisboa: Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

GOMES, António Joaquim, [et al.] - **Amanhã, talvez**. 1982. [Consult. 19 Ago. 2014]. Disponível em: <<http://lugardoreal.com/video/amanhã-talvez/>>.

JORGE, Pedro Fonseca - **A Arquitectura Popular como transição entre o vernáculo e o erudito**. Escola Superior Gallaecia, s.d. [Consult. 15 Ago. 2014]. Disponível em: <https://www.academia.edu/3701593/A_ARQUITETURA_POPULAR_COMO_TRANSICAO_ENTRE_O_VERNACULO_E_O_ERUDITO_Uma_tentativa_de_definicao_dos_diferentes_contextos_arquiteticos_de_raiz_nao-erudita>.

JORGE, Pedro Fonseca - **History is not just stories: a proposal for an operative use of popular architectural heritage**. FAUP, s.d. [Consult. 10 Ago. 2014]. Disponível em: <https://www.academia.edu/1083826/History_is_not_just_stories_a_proposal_for_an_operative_use_of_popular_architectural_heritage>.

LEAL, João - **Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: estudos sobre Arquitectura Popular no século XX Português**. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009.

LOUREIRO, Vânia Teles - **Da arquitectura vernacular à informalidade contemporânea dos assentamentos: Os Avieiros da Póvoa de Santa Iria - projecto de regeneração**. Prova Final para obtenção de grau de Mestre em Arquitectura, Universidade da Beira Interior, [ano lectivo 2010/2011].

MATEUS, João Mascarenhas - **A questão da tradição. História da construção e preservação do património arquitectónico**. 2013. [Consult. 10 Ago. 2014]. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_03_ID50_PARC4v3.pdf>.

MATEUS, João Mascarenhas - **Culturas construtivas tradicionais, a condição do tempo e as duas memórias de bergson**. 2012. [Consult. 10 Ago. 2014]. Disponível em: <https://www.academia.edu/5113065/Culturas_construtivas_tradicionais_a_condicao_do_tempo_e_as_duas_memorias_de_Bergson>.

MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira - **Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português**. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007].

MOUTINHO, Mario - **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Lisboa : Imprensa Universitária, Editorial Estampa, 1979.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Portugal de Perto: Construções Primitivas em Portugal**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988 [1968].

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Portugal de Perto: Arquitectura Tradicional Portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994 [1992].

PEIXOTO, Rocha - **Palheiros do Litoral**. in: Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990 [1899].

PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António; DIAS, Francisco - **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: edição da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980.

REDE REGIONAL - **Aldeia da Palhota mantém candidatura a Património Nacional**. 2014. [Consult. 8 Ago. 2014]. Disponível em: <<http://www.rederegional.com/index.php/cultura/9779-aldeia-da-palhota-mantem-candidatura-a-patrimonio-nacional>>.

REDOL, António Alves - **Avieiros**. Lisboa: Livraria Portugália, 1942.

SANTOS, Maria Adelaide Neto dos - **Os Avieiros: estudo de geografia humana**. Dissertação de Licenciatura em Ciências Geográficas, Faculdade de Letras, 1959.

SERRANO, João Monteiro - **A relevância nacional da cultura Avieira: O património como elemento dinâmico de desenvolvimento sustentado**. Anuário do Património. Lisboa: Editora Canto Redondo, 2013.

SIC - **A Guardiã do Museu dos Avieiros**. 2013. [Consult. 12 Out. 2013]. Disponível em: <<http://sic.sapo.pt/Programas/boatarde/videos/2013-09-30-a-guardia-do-museu-dos-avieiros>>.

SIC - **Palhota**. 2009. [Consult. 18 Out. 2013]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BxBaqbALDNQ>>.

SILVA, Mónica da Silva e - **Reabilitação de casas tradicionais em madeira no norte e centro de Portugal**. Tese de mestrado integrado em Arquitectura, Universidade do Minho – Escola de Arquitectura, Fevereiro de 2011.

SOUSA, Pedro Fialho de, [et al.] - **Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura**. 4ª ed. Coimbra: Quimera, 2009 [1990].

TSF - **Alves Redol fala na rádio**. 2011. [Consult. 12 Out. 2013]. Disponível em: <http://www.tsf.pt/PaginaInicial/AudioeVideo.aspx?content_id=2147871>.

TSF - **A Arquitectura Popular em debate**. 2013. [Consult. 17 Abr. 2014]. Disponível em: <http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=3176622>.

VASCONCELOS, Humberto; MARTINS, Jorge - **Avieiros: Os últimos pescadores do Tejo**. Associação de Defesa Ambiental “Palhota Viva”, 2002.

VÉSTIA, Lurdes - **Cultura Avieira: A Barraca Avieira**. 2014. [Consult. 14 Set. 2014]. Disponível em <<http://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/cultura-avieira-a-barraca-avieira-3099390>>.

VIRTUDES, Ana Lúcia; ALMEIDA, Filipa - **Planeamento Urbanístico ad hoc para territórios de excepção: Parte II – O caso exemplar da Aldeia Avieira das Caneiras**. Instituto Politécnico de Santarém, 2013.

WIKI TERRAS DE PORTUGAL - **Palhota**. [Consult. 18 Out. 2013]. Disponível em: <terrasdeportugal.wikidot.com/palhota-valada>.

TÁVORA, Fernando - **Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo**. Porto: FAUP Publicações, 1993.

Fontes Documentais:

ARQUITECTOS SEM FRONTEIRAS - PORTUGAL (ASF-P). Disponível em: <<http://www.asf-p.pt/>>.

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA AMBIENTAL “PALHOTA VIVA”. Disponível em: <<http://palhotaviva.blogspot.pt>>

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM (IPS). Disponível em: <<http://avieiros.ipsantarem.pt/>>.

Créditos das imagens

Todas as imagens são produzidas pelo autor, com a excepção das seguintes:

Capítulo 1 - VERNACULAR

[1a, 1b, 1c]. PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António; DIAS, Francisco - **Arquitetura Popular em Portugal**. Lisboa: edição da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980.

[4a, 4b, 4c, 4d, 5b]. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

Capítulo 2 - A CULTURA AVIEIRA

[6]. VASCONCELOS, Humberto; MARTINS, Jorge - **Avieiros: Os últimos pescadores do Tejo**. Associação de Defesa Ambiental “Palhota Viva”, 2002.

[7a, 7b]. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Portugal de Perto: Construções Primitivas em Portugal**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988 [1968].

[9a, 9b, 9c, 9d, 10, 13]. GASPAR, Pedro Lima; PALLA, João - **Construções palafíticas da bacia do Tejo: Levantamento e diagnóstico do património construído da cultura Avieira**. In ARTiTEXTOS, 08. Lisboa: Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

[14, 15, 16]. CÂMARA MUNICIPAL DO CARTAXO - **Planos de pormenor**. 1998. [Consult. 10 Fev. 2014]. Disponível em: <<http://www.cm-cartaxo.pt/Gerir/gestao-territorial/Paginas/pdm.aspx>>.

[21]. ASSOCIAÇÃO DE DEFESA AMBIENTAL “PALHOTA VIVA”. Disponível em: <<http://palhotaviva.blogspot.pt>>

[23, (2.4. Cronologia.) - Imagens de 1964]. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

(2.4. Cronologia.) - Imagens até 2014 (não inclusive): ASSOCIAÇÃO DE DEFESA AMBIENTAL “PALHOTA VIVA”. Disponível em: <<http://palhotaviva.blogspot.pt>>

Capítulo 3 - REGISTO E CARACTERIZAÇÃO

[34b, 34d, 65b]. ASF-P - **Caracterização das construções**. 2009.

